

Anuário do

49

FESTIVAL DO FOLCLORE OLÍMPIA SP



De 20 a 28 de Julho de 2013



Grupo Parafolclórico "Vitória Régia" - Cáceres - MT



ANUÁRIO DO

49º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE

ANO XLIII - Nº 43 - JULHO DE 2013



**JUBILEU DE
CEDRO**



**GRUPO PARAFOLCLÓRICO
VITÓRIA RÉGIA**

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Avenida Menina Moça, n.º 800, Vila Hípica - CEP: 15400-000 – Olímpia – SP

Telefone: (17) 3281-6786 – Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves - Tel. (17) 9201-9333

Capa, Impressão e Acabamento: Centrograf Artes Gráficas e Editoriais Ltda. - Olímpia-SP - Tel. (17) 3281-7060

Coordenadora Geral do Setor de Folclore: Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Fotos: Camila Reale e Janaina Longhi - Tel. (17) 3279-7258

Fotos (Capa): Muryllo Lorensoni

Edição da Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.
Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.



SUMÁRIO

**MATO GROSSO
ESTADO HOMENAGEADO
NO 49.º FEFOL
PÁGINA 05**

**OLÍMPIA - 110 ANOS
PÁGINA 19**

**CARNAVAL
PÁGINA 37**

**PRELÚDIO ÀS ADIVINHAS
OLÍMPIENSES
PÁGINA 49**

**GRUPOS PARAFOLCLÓRICOS -
UMA REALIDADE NECESSÁRIA
NO MUNDO POLICULTURAL DAS
SOCIEDADES MODERNAS
PÁGINA 65**

**O BATALHÃO DE BACAMARTEI-
ROS NO FESTIVAL DO FOLCLORE
DE OLÍMPIA: PAISAGEM SONORA
PÁGINA 82**

**FESTIVAL, FOLCLORE E TURISMO. UM
CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO
PÁGINA 92**

**O DE ONTEM E O DE HOJE
NA COZINHA PAULISTA
PÁGINA 95**

**A CHUVA NO FOLCLORE EM OLÍMPIA:
PRELIMINARES
PÁGINA 105**

**O 48º FESTIVAL DO FOLCLORE
PÁGINA 110**

MATO GROSSO

ESTADO HOMENAGEADO NO 49º FEFOL

André Luiz Nakamura

Departamento de Folclore - Olímpia

A área que hoje constitui o Estado de Mato Grosso inicialmente não era parte do domínio português.

Nos termos do Tratado de Tordesilhas, que traçava uma divisão imaginária das terras da América entre portugueses e espanhóis, era a estes últimos que pertencia a referida área.

A denominação deste Estado foi cunhada em 1734 pelos irmãos Fernando e Artur Paes de Barros, tendo em vista a grande extensão de mato alto e as espessas florestas com que eles se defrontaram ao descobrirem, na época, uma mina de ouro situada nas margens do Rio Galera, no Vale do Guaporé.

Rumores crescentes sobre a existência de ouro e diamante na região fizeram com que bandeirantes e aventureiros portugueses se deslocassem para aquelas paragens.

Quando os jesuítas foram enviados pelos espanhóis para efetuar missões ao longo do Rio Paraguai, o povoamento da região já havia sido acelerado pelos portugueses, que criaram, em 1748, a Capitania de Mato Grosso, a partir de desmembramento do território paulista.



Por meio do Tratado de Madri, em 1750, estabeleceu-se o domínio de Portugal sobre a mencionada área.

Mais tarde, com o aparente exaurimento das jazidas e o conseqüente isolamento da região, no século XIX, seus habitantes passaram a ter mais contato com os países adjacentes (Paraguai e Bolívia) do que com seus próprios compatriotas das demais regiões brasileiras (originando-se desse fato a persistente influência dos referidos países no Estado de Mato Grosso).

Após o indigitado declínio, também decorrente da descoberta de ouro em Minas Gerais, pecuaristas, seringueiros e cultivadores da erva-mate afluíram à região, fazendo sobrevir a importância daquelas terras no âmbito agrícola.

Entre as décadas de 40 e 70, do século XX, em virtude do incentivo governamental à povoação das terras centrais brasileiras, Mato Grosso se destacou como polo de migração, com uma população que nessa época se quadruplicava.

Em 1977, com o advento da Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro do mesmo ano, sancionada pelo então Presidente Ernesto Geisel, foi "criado o Estado de Mato



Grosso do Sul pelo desmembramento de área do Estado de Mato Grosso” (357.471,5 km²). A principal justificativa para tal divisão foi “a dificuldade em desenvolver a região diante da grande extensão e diversidade”.

Na atualidade, com área de 903.366,192 (km²), 3.035.122 de habitantes e 141 municípios, segundo o IBGE (2010), o Estado de Mato Grosso (o terceiro maior do país) vem se consolidando como o maior produtor nacional de grãos.

Situa-se no Centro-Oeste brasileiro, no centro geodésico da América Latina. Cuiabá, a capital, se localiza exatamente no meio do caminho entre os Oceanos Atlântico e Pacífico, ou seja, no ponto mais central do continente, em linha reta.

Privilegiado em termos de biodiversidade, é o único Estado brasileiro a ter três dos principais biomas do país: Amazônia, Cerrado e Pantanal.

SÍMBOLOS OFICIAIS DE MATO GROSSO

BANDEIRA

Uma das mais antigas do Brasil, ostenta as mesmas cores da Bandeira Nacional:



a azul, representando o céu; a branca, a paz; a verde, a extensão territorial e natural, e a amarela, as riquezas minerais, a exemplo do ouro que tanto atraiu os primeiros colonizadores. Foi oficializada no dia 31 de janeiro de 1890 por meio do Decreto nº 2, do Brigadeiro Antônio Maria Coelho, Barão de Amambaí, primeiro governador do Estado após a Proclamação da República. A bandeira foi mantida, mesmo após a divisão do Estado.

BRASÃO DE ARMAS DO ESTADO

Inicialmente instituído em 14 de agosto de 1918, por iniciativa do governador D. Aquino Correia, nele se destaca uma inscrição em latim: “Virtute Plusquam Auro”, cuja tradução corresponde a “Mais pela virtude do que pelo ouro” (Decreto Estadual nº 5.003, de 29/08/1994).



HINO

Embora registros históricos se refiram ao Hino de Mato Grosso desde 1919, ele só foi oficializado no dia 05 de setembro de 1983 por meio de Decreto do então governador Júlio José de Campos (Decreto nº 38, de 03 de maio de 1983). A letra se trata de antigo poema, “Canção Mato-grossense”, de autoria de Dom Francisco de Aquino Corrêa. A música foi criada pelo maestro e tenente da Polícia Militar Emílio Heine.

Limitando, qual novo colosso,
O Ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!

Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há,
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiguá!



Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Terra noiva do Sol, linda terra
A quem lá, do teu céu todo azul,
Beija, ardente, o astro louro na serra,
E abençoa o Cruzeiro do Sul!

No teu verde planalto escampado,
E nos teus pantanais como o mar,
Vive, solto, aos milhões, o teu gado,
Em mimosas pastagens sem par!

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Hévea fina, erva-mate preciosa,
Palmas mil são teus ricos florões;
E da fauna e da flora o índio goza
A opulência em teus virgens sertões!

O diamante sorri nas grupiaras
Dos teus rios que jorram, a flux.
A hulha branca das águas tão claras,
Em cascatas de força e de luz!

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu

Dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!
Dos teus bravos a glória se expande
De Dourados até Corumbá;
O ouro deu-te renome tão grande,
Porém mais nosso amor te dará!

Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos, em paz e união,
Teu progresso imortal como a fênix
Que ainda timbra o teu nobre brasão!

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho - uma das primeiras construídas em Cuiabá, ainda no século XVIII. A atual construção data de 1918. Tombada estadualmente em 1977, foi reinaugurada em 2004.

Palácio da Instrução - Inaugurado em 1914, e reinaugurado em 06/12/2004, é considerado a maior obra de recuperação já realizada no Estado. Atualmente, é a sede da Secretaria Estadual de Cultura, do Museu de História Natural e Antropologia e da Biblioteca Pública.





Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito - um dos marcos de fundação da capital, Cuiabá, construída em arquitetura de terra por volta de 1730.



Igreja Senhor dos Passos - instalada há 214 anos no Centro Histórico, no cruzamento das ruas 7 de setembro e Voluntários da Pátria, Cuiabá-MT.



Museu Histórico de Mato Grosso - localizado na Praça da República, nº 131, Centro, Cuiabá - MT.

TURISMO

CERRADO



Bioma árido, mas deveras rico em biodiversidade, o Cerrado abrange 48 municípios, dentre os quais se incluem os três maiores do Estado: Cuiabá, Várzea Grande e Rondonópolis.

PANTANAL

Um dos mais belos biomas do planeta, tem 250 mil km² de extensão, segundo a Wikipédia, com cerca de dois terços em território brasileiro, e o que lhe sobeja no Uruguai e na Bolívia. Aproximadamente um terço da parte brasileira do Pantanal se localiza em Mato Grosso, onde abrange



10 municípios no sudoeste do Estado, tendo como portais os municípios de Cáceres, Barão de Melgaço e Poconé (segundo o *site* do governo de Mato Grosso).

AMAZÔNIA



Aproximadamente 10% da maior floresta do mundo está em Mato Grosso, em áreas de conservação ambiental e reservas indígenas, sendo as maiores a do Parque Nacional do Juruena, e o Parque Indígena do Xingu, a maior reserva indígena do mundo.

ARAGUAIA

O Vale do Araguaia, com mais de 2.100 km², marcado pela passagem do rio Araguaia, constitui uma fronteira natural entre os estados de Mato Grosso, Goiás e Tocantins, e engloba 34 municípios, ocupando todo leste de Mato Grosso.



PARQUES NACIONAIS DE MATO GROSSO

Possuinte de mais parques nacionais no Centro-Oeste brasileiro é o Estado de Mato Grosso: Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense, Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, Parque Nacional do Juruena, os quais constituem, juntos, mais de 3 milhões de hectares de área protegida.

PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS GUIMARÃES



Conhecido por seus mistérios, na Chapada dos Guimarães se protegem seus ecossistemas de savanas e matas, inúmeros sítios arqueológicos e monumentos históricos. Belas cachoeiras e paisagens encantam seus visitantes. É o ponto mais central do continente, no coração do Brasil.

PARQUE NACIONAL DO PANTANAL MATO-GROSSENSE

O Parque Nacional do Pantanal é considerado, pela UNESCO, Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera. Vale mais uma imagem:





PARQUE NACIONAL JURUENA

Instituído em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho, localiza-se entre o norte do Estado de Mato Grosso e sul do Amazonas, e conta com uma área de 1,9 milhão de hectares.

Fonte: *site* do governo de Mato Grosso - www.mt.gov.br.

FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS

Segundo Gustavo Côrtes, “a proximidade com o Paraguai e a Bolívia trouxe grandes influências nas festas, danças e músicas típicas regionais” (“Dança Brasil”, Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000, p. 102).

Além disso, como bem ressalta Carlos Felipe, “colonizado inicialmente por pessoas vindas de São Paulo e Minas, principalmente, o Centro-Oeste manteve e mantém muitos dos folguedos existentes no Sudeste, como as folias de reis, os congados e as festas do Divino” (“O Grande Livro do Folclore”, Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000, p. 197).

FESTA DE NOSSA SENHORA DO CAACUPÉ



É festa religiosa, de origem paraguaia, realizada anualmente, no dia 8 de dezembro, em vários municípios de Mato Grosso. O nome deriva de *caa* (erva) e *cupé* (atrás). Segundo uma lenda, um índio foragido, perseguido por seu patrão, se refugiou atrás de um pé de erva-mate, onde permaneceu durante várias horas rezando para Nossa Senhora ajudá-lo a ter sucesso em sua fuga. Atendido, erigiu-lhe uma imagem feita com madeira de erva-mate. Missas, rezas, comidas inspiradas em pratos típicos paraguaios e bailes realizados ao som da polca e do chamamé (mistura de ritmos argentinos e paraguaios) integram as comemorações.

FESTA DE SÃO BENEDITO E DANÇA DO CONGO

É reconhecidamente a festa mais popular do Estado de Mato Grosso.

Em Nossa Senhora do Livramento, por exemplo, a Dança do Congo, executada durante a festa, “tem como tema central a disputa entre o Rei do Congo e o Rei Monarca” em que os dançantes se posicionam em duas filas, na procissão pelas ruas, simbolizando “o exército de um dos reinos envolvidos na dramatização”, cada uma delas conduzida por seu Rei. “A luta simbólica entre esses dois reinos leva à derrota do Rei do Congo”, informa Rosana Baptistella (“Cultura”, Série Alfabetização e Cidadania, Alfa – Movimento de Alfabetização – Mato Grosso, p. 14).



PROCISSÕES FLUVIAIS



Muito comuns entre as populações ribeirinhas, as procissões fluviais são eventos realizados para celebrar o santo padroeiro da localidade, no dia em que é cultuado. Em Santo Antônio do Leverger, por exemplo, prestam homenagens a Santo Antônio. Em Araguaiana, a homenageada é Nossa Senhora da Piedade.

A embarcação em que vai a imagem do santo que se celebra é seguida por outras, conduzida por pescadores que se encarregam de que a imagem siga seu curso predestinado.

Enfeitam-se com esmero os barcos, canoas e balsas utilizados, muitas vezes à noite, quando, então, as embarcações são devidamente iluminadas para maior visibilidade dessas belas procissões fluviais.

FOLIAS DE REIS



Dentre os mais representativos folguedos do ciclo natalino, encontram-se as Folias de Reis, também conhecidas por Companhias de Reis. De origem portuguesa, derivam elas dos festejos realizados no Dia dos Reis Magos, tendo sido introduzidas no Brasil, no século XIX. Celebram o nascimento de Jesus Cristo e a visita que lhes fizeram os Três Reis Magos. Entre 24 de dezembro e 6 de janeiro (dia dos Reis Magos), as Companhias de Reis visitam as casas da redondeza em busca de donativos para a realização da festa, no dia 6 de janeiro, levando consigo a bandeira dos Santos Reis.

A indumentária dos integrantes das Folias de Reis é, em geral, mais simples. São trajes comuns, usados uniformemente pelos membros das Companhias. Destacam-se os “palhaços”, que usam máscaras que lhes ocultam todo o rosto e chapéus em forma de cone, enfeitados com fitas e flores. A presença desses palhaços tem origem em muitas histórias. Uma delas conta que eles representariam os Reis Magos, que se disfarçaram na ocasião da visita ao menino Jesus, para fugirem à perseguição do Rei Herodes.

“A Folia de Reis é encontrada com grande incidência em municípios de do Vale do Araguaia, podendo ocorrer ainda em outros municípios mato-grossenses” informa Rosana Baptistella (op. cit., p. 23).

FESTA DO DIVINO



Das mais tradicionais no Brasil, a Festa do Divino é celebração dedicada ao Divino Espírito Santo, sendo praticada em diversas cidades de Mato Grosso.

Dizem os estudiosos que ela foi idealizada pela Rainha Isabel, mulher do Rei Dom Dinis, na ocasião em que se construiu uma igreja em louvor ao Divino Espírito



Santo, em Alencar, Portugal, no limiar do século XIV.

À frente da festa, que envolve toda a comunidade do local, está a Folia do Divino, ou seja, o grupo de músicos, cantadores, que acompanham o cortejo.

Em busca de donativos para a realização da festa, os membros da folia, que levam consigo a bandeira do Divino, percorrem as casas. Uma vez aceita a visitação, a exemplo do que fazem as companhias de Reis, o grupo passa com a bandeira por todos os cômodos da morada, para que o Espírito Santo a abençoe, assim como os que nela vivem.

Nas festas do Divino realizam-se novenas, missas e quermesses. Outros santos também são louvados. O ponto alto é o cortejo, realizado após a missa. No início dele, em geral, afigura-se o componente que representa o imperador – devidamente ornado, com cetro, coroa e o que mais “mandar o figurino” –, acompanhado de outras pessoas representando rainhas e princesas, e, bem assim, um cortejo imperial infantil. Seguem-se pajens, alferes, crianças vestidas de anjos, entre outras personagens, e várias pessoas portando bandeiras do Divino, encimadas com a coroa, muitas delas adornadas com flores e fitas. Em seguida desfila, apoteótico, um andor ricamente ornamentado com tecido vermelho, flores e adereços cintilantes, configurando condignamente a bandeira do Divino Espírito Santo, cujo símbolo é uma pomba branca bordada com fios dourados.

BOI-À-SERRA



É parte do Carnaval mato-grossense, principalmente em Santo Antônio de Leverger e em alguns bairros da capital. Um animado cortejo segue o Boi-à-serra durante a “ofegante epidemia”. Para a confecção da cabeça do boi usa-se a própria carcaça do animal, que é pintada com uma tinta escura; para representar as demais partes do corpo é montada uma estrutura feita com madeira leve, conhecida como “melado de pomba”, a qual é envolta com um cobertor tipo “seca-poço”. Atualmente, a exemplo dos “bois” nordestinos, se encontram alguns “bois” mato-grossenses cobertos com tecido estampado.

CAVALHADA

Reminiscência das tradições da Cavalaria Medieval, a Cavahada é um folguedo que rememora as históricas batalhas travadas entre os mouros _ invasores da Península Ibérica _ e os cristãos, que lutavam pela reconquista desse território, sob a liderança de Carlos Magno. Os fatos históricos, permeados por várias lendas, tiveram ampla repercussão no Brasil no século XVIII. Realiza-se ao ar livre, em espaços amplos.



Formam-se dois grupos, posicionados em pontos opostos, representando os mencionados adversários. Luxuosamente vestidos (de azul, os cristãos, e de vermelho, os mouros, todos com capas bordadas e adornos cintilantes), portam espadas, lanças e pistolas. São vários os componentes, chegando, eventualmente, a quase uma centena de figurantes. Insultos e ameaças são trocados entre as partes em conflito, até que iniciam a simulação dos combates, fazendo-se uso das já mencionadas armas. Os mouros terminam subjugados, convertidos ao Cristianismo. Após, a parte lúdica se inicia, na qual os cavaleiros exibem sua destreza, tendo destaque a prova da “argolinha” (em que



um cavaleiro tem de atravessar com a lança uma pequena argola suspensa em uma trave). É o mais famoso folguedo da região Centro-Oeste, sendo que em Mato Grosso é especialmente difundida em Poconé, onde é realizada juntamente com a Festa de São Benedito, no mês de junho.



CHORADO

Originária da região do Vale do Guaporé, essa dança, que foi preservada por mulheres negras de Vila Bela da Santíssima Trindade, integra as celebrações da Festa de São Benedito. As mulheres, após se desincumbirem dos preparativos culinários, dançam o Chorado, dança animada com letras e melodias realizadas no ritmo da percussão executada com batidas num tambor, num banco ou mesmo numa mesa. Uma divertida brincadeira faz parte da dança: quando uma das dançarinas se aproximar, dançando, de algum dos homens presentes e envolver-lhe o pescoço com um lenço, ele deve presentear o grupo com uma bebida. Uma das dançarinas pega a garrafa e dança com ela solta sobre a cabeça.

CHUPIM

Dança que se destaca em meio às praticadas na fronteira com o Paraguai, é realizada geralmente com três pares, cujos movimentos, ao ritmo da polca paraguaia, lembram os das asas da homônima ave feitas quando se corteja a fêmea, acrescentando-lhes o estalar de dedos, como castanholas. Às vezes, é também representada por algum homem a figura do pássaro “Carão”, que tenta envolver alguma das dançarinas.

CURURU

De origem indígena, essa dança inicialmente só era apresentada por homens. Embora o vocábulo cururu corresponda a “sapo”, na língua nheengatu, não há nessa dança nenhum movimento coreográfico que faça alusão àquele bicho. Formam-se duas alas, uma defronte da outra. Iniciado o ritmo, as duas fileiras dão dois passos para a esquerda e para a direita, movimentando-se de maneira a formar uma roda, à medida que cresce a animação dos dançantes. Quem entoa os versos é chamado de “cururuzeiro”, e os versos entoados denominam-se “carreiras”. Ao som da viola de cocho, típico instrumento da região, e de reco-recos, entoam-se versos improvisados. Não há indumentária específica. É muito comum em festas religiosas mato-grossenses.



SIRIRI

Da região pantaneira do Centro-Oeste brasileiro, é uma das mais antigas e populares em Mato Grosso. Presença marcante em festejos religiosos, é dançada em roda e em fileira, geralmente ao som do cracaxá (espécie de reco-reco), viola de cocho, ganzá e o mocho (tipo de tambor), em álaçre e célere coreografia. Dizem alguns que o nome “Siriri” deriva do verbo “siriricar” (“pescar com siririca, espécie de anzol”). Os dançarinos fazem um passo em que cumprimentam as dançarinas como se estivessem a “siriricar” para elas.



DANÇA DE SÃO GONÇALO

Dança de intenção religiosa, praticada geralmente em cumprimento de promessa, por devoção a São Gonçalo. É repleta de variantes pelo Brasil. Em Mato Grosso, é dançada tanto por ocasião da Festa desse Santo quanto em outras ocasiões. Uma fileira de homens e outra de mulheres se posicionam diante da imagem do santo. Em um momento da dança, quanto estão a bailar em roda, uma das mulheres fica dançando no meio, portando a imagem de São Gonçalo. É dançada também aos pares, e a imagem do santo é passada de mão em mão.



DANÇA DOS MASCARADOS

Encontrada no município de Poconé, em Mato Grosso, é dançada só por homens que, em um “cordão”, vestem-se como tais e, em outro, como mulheres. Usam máscaras, roupas de chitão estampado e chapéus adornados com plumas, espelhos e outros adereços. É muito apreciada nas festas de São Benedito. O ápice da dança é a “trança-fitas”, em que cada um dos membros do grupo segura em uma das fitas despontadas de um mastro (em número igual ao de dançantes), formando nele uma grande trança colorida. A música é instrumental, semelhando o som produzido por antigas bandas de coreto.

RASQUEADO

Dança popular (arrasta-pé) na qual se verifica a influência dos vizinhos paraguaios sobre Mato Grosso, por meio da miscigenação e interação com a população ribeirinha. É uma mistura da Polca paraguaia e do Siriri mato-grossense. Rasqueado significa “arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas, sem ponteá-las”. Destaque para um trecho muito conhecido, que chegou inclusive a ser música incidental em gravações de duplas sertanejas: “Vem cá, morena. Sai na janela. Venha ver a lua como está tão bela”.

VOLTA-SENHORA

Ao som da viola, tocada por um violeiro que improvisa ou rememora versos, os pares vão realizando diversos passos. O cavalheiro e a dama seguram cada um a ponta de um grande lenço, que não podem soltar na execução da coreografia, de maneira a dificultar os passos. No entanto, muito belos se tornam os movimentos coreográficos, a exemplo do ‘moinho’, em que as mãos direitas dos dançadores na roda se entrelaçam formando um eixo, enquanto as esquerdas ficam segurando os lenços. Praticada em todo o Centro-Oeste, às vezes a Volta-Senhora é dançada com um bastão em lugar do lenço, ocasiões em que, geralmente, ao final, os bastões são entrelaçados e depois abaixados pelos dançarinos para que o violeiro, literalmente, suba em cima daquele feixe, continuando a tocar o instrumento, para ser levantado no ar, numa teatral finalização.

MITOS E LENDAS

O MINHOCÃO

Serpente gigante, de cor escura e incerta, de mais de 20 metros de comprimento e 2 de diâmetro, que emerge das profundezas de grandes rios, a exemplo do Rio Cuiabá.

Há relatos de longa data sobre pescadores e banhistas vítimas do



monstro.

Um deles trata de uma cética moça, que chegava a rir dessas histórias _ a quem sempre advertiam para “não zombar de coisas misteriosas”. Isso “enfurece esse bicho”.

A moça continuava a brincar com quem se atemorizava com os terríveis casos contados, até que, numa tarde, na beira do rio, à espera de seu namorado, ela o avistou, admirando-o de longe, na popa de uma embarcação vindo a seu encontro, e, aterrorizada, presenciou, de repente, o Minhocão surgir do nada, remoinhar o rio, tombar a embarcação, lançar águas a metros de distância e depois arrastar para as funduras canoa, remos, canoeiro e tudo. Nunca encontraram o corpo. Ela nunca recuperou seu juízo.

ARRANCA-LÍNGUA

Macaco gigante que ataca os gados, matando-os a murros e arrancando-lhes somente a língua, com a qual se alimenta.



MULHER QUE VIRA ONÇA

Carlos Felipe, falando do Pantanal, cita uma lenda “que apareceu até em novela de televisão: a mulher que, conhecendo os segredos da natureza, pode transformar-se em onça, na defesa da terra, de sua família e de si própria” (op. cit., p. 187).

PAI-DO-MATO

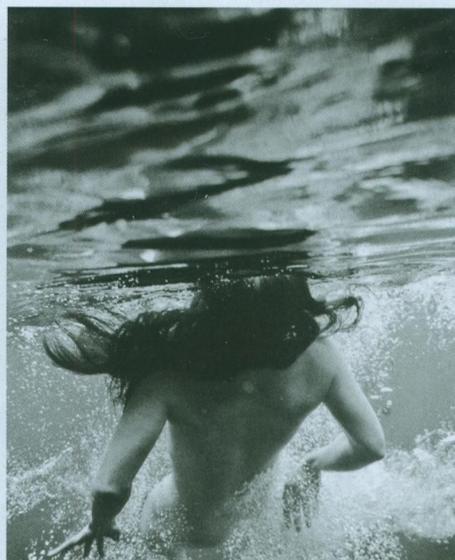
Criatura assombrosa, de corpo todo piloso, cabelos até o chão, barbicha, mão de macaco, pé de cabra e orelhas de cavalo. Seus urros e seu riso macabro reverberam por toda a mata. Tiros e facadas não o matam, exceto se lhe atingir o umbigo. É também comedor de gente.

O NEGRO D'ÁGUA

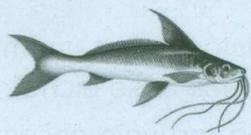
Seja no Araguaia, no Xingu ou no Paraguai, é ele uma figura mítica. “Dizem que ele é meio-peixe e meio-homem (...) com orelhas compridas como as de um macaco e uma espécie de crista, parecendo de peixe sobre a cabeça” e gosta de derrubar as canoas dos pescadores (Carlos Felipe, op. cit, p. 197).

A MOÇA DO POÇO

Conta-se que na Chapada dos Guimarães, na Serra de São Vicente, existe um poço de cerca de sete metros de diâmetro, mas, de tão profundo, sua superfície se afigura muito azulada, onde, ao crepúsculo, nos primeiros sinais da noite chegando, se costuma avistar uma belíssima moça, nua, a se abeirar do poço, e a nele se banhar. Diz o povo que, na verdade, era uma moça, que morava numa fazenda próxima e se aproveitava da solidão do lugar para lá ir refrescar-se, e que não quis desmentir as histórias sobre a fantástica aparição para não tornar público que era ela a “moça encantada”. No entanto, mesmo tendo ela deixado de ir banhar-se no poço azul, muita gente afirma que ali continua a ser vista uma belíssima moça, nua, a se abeirar do poço, e a nele se banhar...



JAÚ BARBADO



Quando no Rio Cuiabá acontecem violentos redemoinhos, estranhos solapados, “funis que chupam”, que afundam até mesmo experientes pescadores e nadadores exímios, diz o povo que, se o responsável por isso não for o Minhocão, é um enorme Jaú, que, de tão velho, se tornou barbudo e feroz.

PROCISSÃO DAS ALMAS



Uma moça abelhuda, sempre repreendida pela mãe por ser tão bisbilhoteira, certa feita, ouvindo estranhos rumores de madrugada, abriu a janela e viu um bando de gente, em procissão, murmurando preces, segurando velas. Uma mulher vestida de branco, ao notar a presença da moça na janela, até ela caminhou e, com um sorriso triste, lhe entregou uma vela, afastando-se em silêncio. A moça, assustada, foi dormir e colocou a vela ao lado de sua cama. Quando acordou na manhã seguinte, encontrou, em vez da vela, um osso de esqueleto humano. A moça endoidou e morreu algum tempo depois. Dizem que agora deve acompanhar também essa estranha procissão.

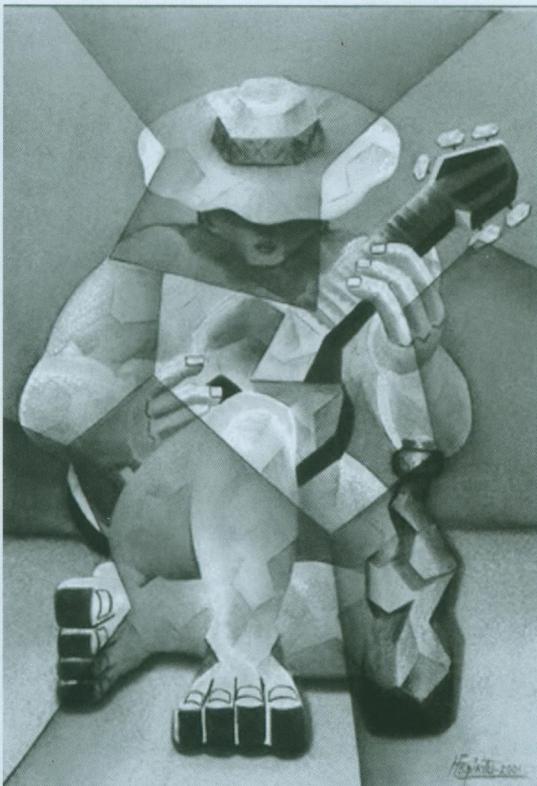


A PRINCESA DE VESTIDO AZUL

Na Vila do Livramento, circundada por densos bosques, um menino de uns quatro anos saiu a passear, seguindo borboletas, até que se desorientou. Muito longe de casa, não demoraram o medo, as lágrimas, o desespero, o grito pela mãe. Depois de muito andar, encontrou um riacho, onde havia uma linda moça de olhos azuis, que o conduziu de volta para a vila. Quando estavam quase chegando, a moça disse que, se lhe perguntassem quem o salvou, era para dizer que havia sido a “melhor amiga de todas as mães”, a “Princesa de vestido azul”. Em várias outras cidades, circundadas por densos bosques, também surgiram diversas histórias de crianças, que se perderam na mata e foram encontradas depois, que dizem terem sido guiadas pela misteriosa Princesa.



TIPOS CARACTERÍSTICOS



Vejam os dois exemplos citados por Gustavo Côrtes e Carlos Felipe: O Pantaneiro e o Violeiro.

“Figura típica local, o pantaneiro permaneceu tendo pouco contato com moradores de centros urbanos, o que o dotou de aspectos peculiares no seu modo de viver” (Gustavo Côrtes, op. cit., p. 102). “Com um chapéu de palha ou de couro redondo, perneiras para poder entrar nos alagados, lenço no pescoço sobre a camisa, o vaqueiro pantaneiro (...) nos tempos de cheia, costuma também usar boi-de-sela” (Carlos Felipe, op. cit., p. 187).

“O violeiro, ou cantador, como também é chamado, é uma figura importante no cenário do Centro-Oeste. Não existe festa sem ele”, que “precisa estar lá com sua viola caipira, de dez cordas, ou de cocho, típica de Mato Grosso” (Carlos Felipe, op. cit., p. 196).

CANCIONEIRO



"Em Mato Grosso, além da moda de viola, outros ritmos são parte fundamental do seu cancionário: a polca paraguaia, a galopa, a guarânia e o chamamé, sendo este uma junção de ritmos paraguaios e argentinos. Da Bolívia, uma forte influência vem de instrumentos como o charango, que muita gente toca e usa para acompanhamento musical. Essas influências fizeram compositores mais veteranos e os integrantes novos da chamada Moderna Música Popular de Mato Grosso a colocá-las em seus trabalhos, levando a sucessos como *Chalana*, *Seriema*, e até a criação de um novo ritmo, o rasqueado, que, embora seja considerado paraguaio, foi criação do acordeonista Mário Zan, com a composição *Três Lagoas*, a primeira obra a ser gravada nesse ritmo" (Carlos Felipe, op. cit., p. 202).



ARTESANATO

Dos mais ricos do país, em virtude da influência indígena, o artesanato mato-grossense, com efeito, enriquece a cultura do Estado.



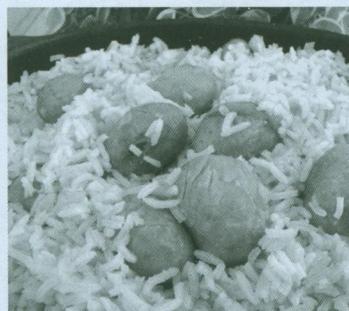
A cerâmica é a que sobressai, em suas diferentes modalidades: utilitária simples (para uso doméstico), utilitária figurativa e decorativa (para ornamentação). Os artesãos produzem potes, vasos,oringas, panelas, jarros, figuras de santos, de bois, e também outras peças para adornar ambientes.

A tecelagem também é muito representativa, realçando-se a beleza das redes tingidas e bordadas, uma a uma, pelas mãos das rendeiras.



A viola de cocho, típica de Mato Grosso, utilizada nas toadas de cururu e siriri, é feita pelos próprios cururueiros, que têm o conhecimento necessário acerca das melhores madeiras, do período adequado para se cortá-las, das ferramentas a serem utilizadas, das colas apropriadas e das cordas que emitirão o melhor som.

CULINÁRIA



São comuns em Mato Grosso: arroz com pequi, arroz com carne seca (conhecido como “Maria Izabel”), farofa de banana, paçoca de carne-seca, maxixe recheado, mujica de peixe (acompanhado de arroz sem sal); bolo de arroz, doce de caju, furrundu (doce de mamão ralado) rapaduras de leite, banana, caju, goiaba, licores de pequi, jenipapo, leite (chamado “leite de onça” ou “de tigre”) informa Rosana Baptistella (op. cit., p. 33), acrescentando que “os pratos salgados, sempre bem temperados, levam pimenta, cheiro-verde, gengibre e os doces, canela, cravo, erva-doce”.

Também não podemos nos esquecer do “tereré”, o mate ingerido frio, ou “refresco de mate que se toma com bombilha, preparado com água fria”, segundo o “Michaelis”, herança paraguaia, e, bem assim, dos pratos feitos na telha, “legado colonial dos tempos do garimpo”, lembra Gustavo Côrtes (op. cit., p. 102).

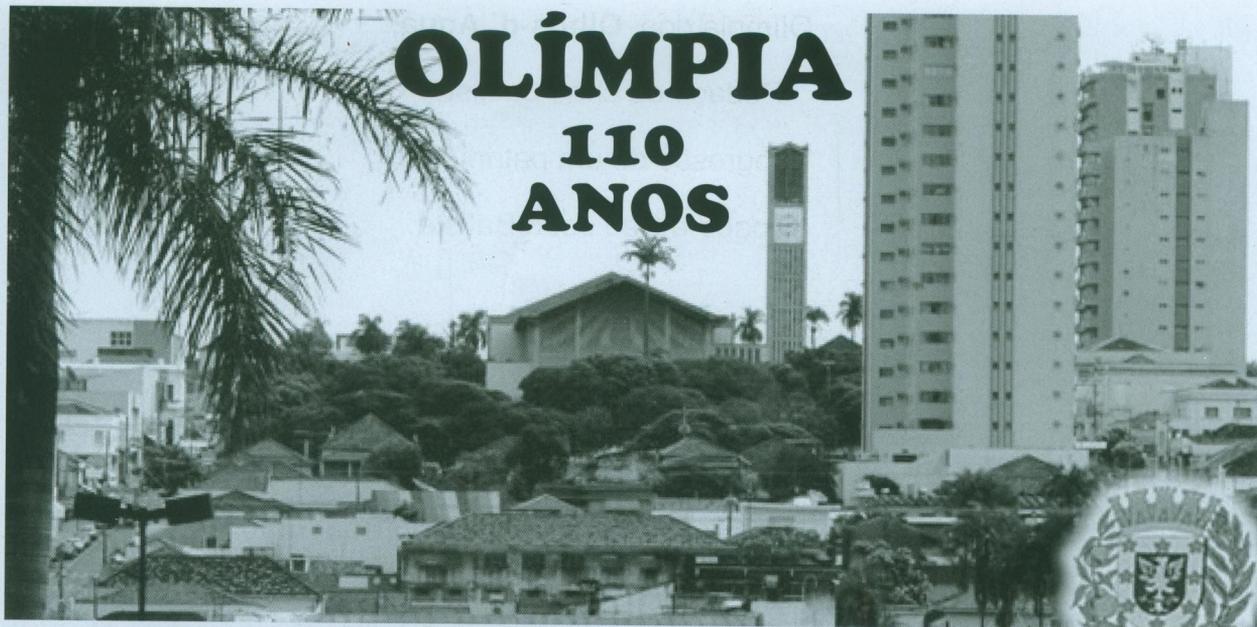


Existe ainda uma lenda segundo a qual quem estiver de passagem por Mato Grosso deve ficar atento ao Pacu, pois quem comer cabeça de Pacu não mais sairá desse Estado. Se a pessoa for solteira, não tardará a casar com alguém da terra...



OLÍMPIA

110 ANOS



José Sant'anna

Departamento de Folclore - Olímpia

NO INÍCIO *

SERTÃO DOS OLHOS D'ÁGUA

Em meados do século passado, entre os aventureiros da exploração e conquista das terras virgens e incultas, estava o mineiro de Poços de Caldas, Antônio Joaquim dos Santos, que perpetrou o devassamento pioneiro da terra que hoje habitamos. O desbravador Antônio Joaquim dos Santos batizou-as de Sertão dos Olhos-d'Água devido ao grande número de nascentes aqui encontradas. O local era cortado pelo Rio Turvo, pelo Rio de Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários.



Trecho do Rio Turvo



Trecho do Rio da Cachoeirinha

Há sessenta córregos no Município e uma parte deles paga seus tributos ao Córrego dos Olhos-d'Água que corta a cidade de Olímpia e corre plácido entre suas margens, ornadas por amena vegetação.



Trecho do Córrego dos Olhos-d'Água

Por esta razão, anda, na boca do povo, a quadrinha dos Olhos d'Água de Olímpia:



Olímpia dos **Olhos-d'Água**,

Pedaço de chão paulista,

Progresso de um patrimônio

Doado a São João Batista.

FUNDAÇÃO DA CIDADE

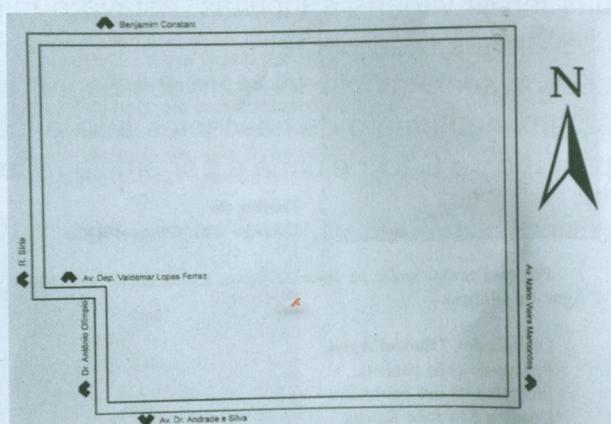
Em 2 de março de 1903 era feita a doação de 100 alqueires de terras para a constituição do Patrimônio de São João Batista dos Olhos-d'Água.



Estampa de São João Batista

A escritura foi lavrada, naquele dia, no Cartório do 1º Tabelião Francisco de Almeida Silveiras, em Barretos, e registrada em 9 de julho de 1903, às folhas 53, do livro 3-I de transcrição de Imóveis.

PATRIMÔNIO DE SÃO JOÃO BATISTA



A área de 100 alqueires de terras, doada para a constituição do patrimônio, em 1903, delimitada (hoje) pelas ruas Benjamin Constant, Avenida Márcio Vieira Marcondes, Síria, Avenida Deputado Waldemar Lopes Ferraz, Dr. Antônio Olímpio e avenida Dr. Andrade e Silva, recebe o nome de Patrimônio de São João Batista. São terras foreiras, cujos proprietários pagam o aforamento à Fábrica da Paróquia. São João Batista é o padroeiro de Olímpia.



O templo católico, o principal da cidade, em que é venerado e servido o santo, na Praça da Matriz, é batizado como Igreja Matriz de São João Batista. A casa residencial dos sacerdotes que prestam serviços à Matriz, e onde está instalada a parte administrativa, na rua Dr. Antônio Olímpio, é a sede da Paróquia de São João Batista, criada em 13 de março de 1910.



O DISTRITO

O distrito, com nome de Vila Olímpia, foi criado em 18 de dezembro de 1906 pela Lei Estadual nº 1035, governo do Dr. Jorge Tibiriçá, sendo a sede distrital elevada à categoria de Vila pela lei Estadual nº 1038, de 19 de dezembro no mesmo ano.



Dr. Jorge Tibiriçá - Presidente do Estado de São Paulo (1904-1908)

Foi o engenheiro Robert John Reid quem solicitou ao Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, de largo prestígio político em Barretos, que ao ser criado o distrito, fosse dado o nome de Vila Olímpia, em homenagem à Maria Olímpia, afilhadinha do engenheiro e filha única do ilustre chefe político.

O MUNICÍPIO

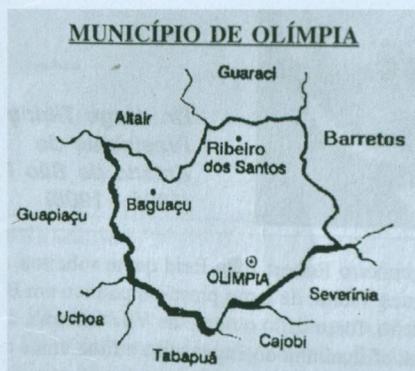
O Município, com terras desmembradas do Município de Barretos, foi criado em 7 de dezembro de 1917, pela Lei estadual nº 1571, governo do Dr. Altino Arantes, que também concedeu foros de cidade à Sede Municipal.

Dr. Altino Arantes - Presidente do Estado de São Paulo (1916-1920)

A instalação do Município verificou-se em 7 de abril de 1918.



MUNICÍPIO DE OLÍMPIA



Situado na Mesorregião da Alta e Média Araraquarense e na Microrregião de divisor Turvo-Grande, o Município de Olímpia, com área de 785 Km², é limitado ao norte pelos municípios de Altair e Guaraci; ao sul, pelos de Tabapuã e Cajobi; a leste pelos de Barretos e Severínia; a oeste pelos de Guapiaçu e Uchoa. A Sede Municipal, a 560 metros de altitude, tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 20°45'15'' de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 48°54'38'' de longitude oeste. O Município se dispõe dos distritos de Olímpia (sede), Baguaçu e Ribeirão dos Santos.

BAGUAÇU



Palmeira baguaçu centenária
(área central do distrito)



O distrito de Baguaçu, na atualidade.



Baguaçu - espécie de palmeira (*Orbignya Martiana* BR) de semente oleaginosa. Formas variantes: uauaçu e babaçu. Havia nas fazendas do Município, onde se formou um povoado, abundante plantação da palmeira baguaçu. Constituía um quadro sublime da natureza, panorama arrebatador que fazia ressaltar essa variedade de coqueiros.

O cenário a todos oferecia uma impressão muito agradável.



Era uma mata densa e escura, tal a proximidade dos coqueiros, altos, atingindo de dez a quinze metros. De folhas regularmente pinadas, atinge de cinco a oito metros de comprimento e tem uma coloração verde-escura e, quando nova, não apresenta tronco e só se desenvolve depois de muitos anos. Cada palmeira pode produzir até quarenta cachos de cocos. Cada cacho contém, em média, de duzentos a trezentos coquinhos de oito a

dez centímetros de diâmetro. Suas folhas servem para a cobertura de tugúrios e os mais habilidosos conseguem com elas o revestimento das paredes.

Infelizmente, em relação ao passado, hoje são poucas as palmeiras “baguaçu” que povoam o patrimônio, local onde se construiu um comércio, a pequena cidade. Porém, os habitantes do lugar estão dispostos a refazer, através do plantio de muitos exemplares, a espécie que constituía o magnífico quadro, conservando, com respeito, o sentimento de uma gratidão à antiga paisagem de notável aparência.

Dessa palmeira – baguaçu (brasileirismo de origem indígena) – provém o nome do distrito: Baguaçu.

RIBEIRO DOS SANTOS



Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos

Gabriel Ribeiro dos Santos, filho do Dr. Antônio Ribeiro dos Santos e de D. Gabriela Ribeiro dos Santos, nasceu em Pirassununga - SP, no dia 3 de agosto de 1873. Neto do Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos (1816-1858), jornalista, lente da Faculdade de Direito do Largo Parlamento do império, em duas legislaturas, e que foi considerado o melhor orador de seu partido.

Ribeiro dos Santos casou-se com D. Gabriela Procópio Ribeiro dos Santos. Bacharel



em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde colou grau na turma de 1895. Em Paris, frequentou o Curso na Sorbone. Exerceu a advocacia e foi fazendeiro. Ocupou a presidência da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. Foi membro do Conselho Consultivo da Sociedade Paulista de Agricultura, presidente da Sociedade Rural Brasileira, presidente da Liga Agrícola e membro do Instituto dos Advogados.

Nos cargos públicos, foi presidente da Comissão Reguladora de Embarque do Café, no Governo de Artur Bernardes; primeiro vice-presidente do Instituto Paulista do café, deputado federal pelo Partido Republicano Paulista, eleito em 1923; Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, nos governos de Carlos de Campos e Dino Bueno - 1924 a 1927.

Estudioso do nosso idioma, escreveu, assiduamente, para a Revista de Língua Portuguesa.



Distrito de Ribeiro dos Santos, na atualidade.

Quando presidente da Sociedade Rural Brasileira apresentou projeto de Defesa do Café, perfilhado pelo Governo Federal e que resultou na criação da Comissão Reguladora de Embarque do Café. Como Secretário no Setor da Agricultura, constatada a praga do café, combateu-a vigorosamente, criando a Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira, o que desde logo concorreu para a tranquilidade da classe agrícola, estabelecendo imediatamente a confiança no espírito público. Saliente-se ainda que esta Comissão foi transformada no atual Instituto Biológico, por projeto de sua autoria, apresentado à Câmara dos Deputados em 1926.

Introduziu, no País, a cana de Java, única espécie imune à praga que então dizimava os canaviais brasileiros, salvando assim a indústria açucareira periclitante.

No Setor de Obras Públicas, realizou grandes reformas e retificações nas Estradas de Ferro Sorocabana e Araraquarense. Fez o revestimento da Serra Velha de Santos (Caminho do Mar) que constituiu a primeira pavimentação com o concreto na América do Sul e Captação das águas do Rio Claro para fornecer a Capital do Estado.

Foi proprietário de 500 ações da Companhia Ferroviária São Paulo-Goiás. A estação do quilômetro 89779, compreendido no trecho férreo entre Olímpia e Nova Granada, neste Estado, oficialmente inaugurado em 28 de junho de 1931, já tinha a denominação de Ribeiro dos Santos.

Foi condecorado com a Grã-Cruz e Comanda da Ordem do Mérito do Governo da Áustria e a de Cavaleiro do Mérito Agrícola pelo Governo de Bélgica.

Faleceu em São Paulo, capital, em 18 de abril de 1938.

Do nome desse ilustre paulista originou-se o nome do distrito:

Ribeiro dos Santos.

- Biografia escrita com dados fornecidos por D. Yelita Ribeiro dos Santos da Veiga, filha do Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, os quais nos foram enviados, em 31/07/1990, pelo Dr. Plínio Correa de Oliveira, sobrinho do Dr. Gabriel.



A COMARCA

A Comarca de Olímpia foi criada em 19 de dezembro de 1919 pela Lei Estadual nº 1689, também no governo Altino Arantes. A sua instalação ocorreu em 9 de fevereiro de 1920. De 2ª entrância, sua jurisdição abrange os Municípios de Olímpia, Altair, Cajobi, Embaúba, Guaraci e Severínia.

PADROEIRO. GENTÍLICO E COGNOMES

Padroeiro: São João Batista. Deveu-se a escolha do Padroeiro ao fato de os doadores serem devotos de São João, patrono da fecundidade agrícola.

Gentílico: Olimpiense. Para o torcedor do Olímpia Futebol Clube aplica-se o adjetivo olimpiano.

Cognomes: Noiva Sertaneja (em desuso), Cidade Menina-Moça e Capital do folclore.

Um pouquinho mais da história de Olímpia

POR QUE OLÍMPIA?

(Rothschild Mathias Netto)

A criação, em 1892, do Distrito de Bebedouro, restituído a Jaboticabal, despojou o Município de Espírito Santo de Barretos de parte do seu enorme território. Restou-lhe, ainda assim, considerável superfície explorada por homens que haviam tomado posse de terras, no avanço do pioneirismo, durante todo o século XIX.

Entretanto, à proporção que os anos se passavam, o contínuo afluxo de outros indivíduos gulosos de terras férteis e campos vastos, vinha-se tornando séria ameaça dos legítimos direitos dos antigos posseiros, que mantendo as glebas abertas, não cercadas nem divididas, sentiram a necessidade de mandar demarcá-las.

Foi à época das grandes divisões de terras, em todo o Município, cuja porção menos desenvolvida formava o Sertão dos Olhos d'Água, cortado pelo Rio Turvo, pelo Ribeirão Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários.

Por esse tempo, a chamado de Jesuíno da Silva Melo, chegaram a Barretos, os engenheiros Robert John Reid (escocês) e Willian Leatherbarrow (ingles). Coube-lhes, inicialmente, a tarefa de dividir a Fazenda Palmeiras, que antes confiada a outros "dois agrimensores estrangeiros, estava paralisada".

Em 1896, já residiam, na vila, e, bem relacionados, compareciam a reuniões sociais.

O engenheiro Reid logo se tornou amigo do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, cearense, Promotor de Justiça, que viera fixar residência, na sede da comarca. Exercera antes, idênticas funções, em Passos - MG, onde contraíra casamento com a senhorinha Maria Isóleta Carneiro de Arantes.



Com o nascimento de uma criança, que seria a única filha do casal, o compadrio veio concorrer para estreitar ainda mais os laços de amizade que ligavam o engenheiro ao promotor e à sua esposa. De fato, fora o moço estrangeiro, convidado para padrinho da menina que se chamava Maria Olímpia, nascida em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1897. Batizada pela tia D. Mariana Arantes e pelo Dr. Robert John Reid, veio para Barretos “com menos de quarenta dias”.

Desse modo, o engenheiro já se tornara compadre do casal, quando os posseiros do Sertão dos Olhos d'Água (Antônio Marcolino Osório de Souza, Joaquim Alves Franco e outros) confiaram a divisão da fazenda a Jesuíno da Silva Melo. Este, porém, foi logo substituído pelo Dr. Robert John Reid.

O processo para a “medição e divisão” da Fazenda Olhos d'Água teve início a 1.º de novembro de 1897, entretanto, somente, em 21 de junho de 1900, se realizou “a primeira diligência especial para a instalação dos trabalhos divisórios”. Os inúmeros interesses, em jogo, e a extensa área a demarcar, contribuíram para que o término da divisão, somente se verificasse, alguns anos mais tarde, isto é, em 7 de setembro de 1904.

Durante esse tempo, o engenheiro encontrou não poucos obstáculos e tomou contato com as enormes dificuldades em que vivia a gente sertaneja, estabelecida, aqui e ali, nas margens dos rios, à beira dos córregos, nas clareiras, no fundo das matas. A maior de todas talvez fosse o abastecimento e o comércio dos produtos da lavoura e da pecuária. Nada, porém, mais terrível que os efeitos das moléstias tropicais e outras que abriam enormes claros entre os moradores. Além dos males comuns a que se haviam acostumado, toda a região esteve sempre sujeita a surtos epidêmicos. A mortalidade infantil atingia a índices inacreditáveis. A insalubridade aliada ao desconhecimento dos princípios mais elementares da higiene e à maneira de enfrentar as doenças, faziam com que seus habitantes se resignassem a pagar, anualmente, aos implacáveis inimigos do homem, o mais triste dos tributos. Eram levados a recorrer à medicina caseira e a crer na eficácia das simpatias. O lúgubre espetáculo dos banguês, cortando os estreitos caminhos, rumo à última morada, era comum para aqueles heróis anônimos do sertão.

O velho casarão, em ruínas - o Taperão - que o engenheiro Reid encontrou, à esquerda do Córrego Olhos d'Água, e o cemitério, a que muitos trilhos conduziam, na margem direita, eram a prova mais aterradora das precárias condições que o isolamento e as distâncias impunham a todos.

As vicissitudes de toda uma população, entregue à sua própria sorte, levou aquele homem culto e civilizado a pensar na fundação de um núcleo urbano - um comércio, como se dizia - que pudesse desenvolver-se e, com o tempo, trazer os benefícios do progresso, do conforto e a segurança para as famílias ali reunidas. Empregou o engenheiro Reid toda a força da persuasão de que era capaz para convencer, os condôminos da Fazenda Olhos d'Água, da conveniência e das vantagens da criação do povoado.

O primeiro a fornecer parte de suas terras para a formação do patrimônio foi Joaquim Miguel dos Santos, e por sua interferência, conseguiu o engenheiro escocês fazer com que os demais condôminos, descendentes quase todos do desbravador Antônio Joaquim dos Santos, doassem, igualmente, algumas nesgas de suas glebas.

A notícia dos primeiros passos para o estabelecimento do pequeno centro urbano, nas duas margens do córrego, os moradores ribeirinhos, tomados de entusiasmo, reuniram-se, a 3 de maio de 1902, para erguer o cruzeiro, no local da futura capela.

Em 2 de março de 1903 era feita a doação de 100 alqueires de terras para



constituição do Patrimônio de São João Batista dos Olhos d'Água. Reza a escritura lavrada, naquele dia, no cartório do 1.º Tabelião Francisco de Almeida Silveiras, em Barretos, que “compareceram como outorgantes doadores João Francisco dos Reis e sua mulher Dona Ignacia Eva de Jesus, Miguel Antônio dos Reis e sua mulher Dona Carolina Luiza de Jesus, Dona Mariana Francisca do Carmo, Dona Mariana Ignacia de Jesus, Francisco Miguel dos Santos, Antonio Miguel dos Santos, João Antonio de Campos, João Ignacio de Souza e sua mulher Dona Francisca Flauzina de Jesus, João Bonifácio da Freiria, Jeronymo Bonifácio dos Santos, David Ozório dos Santos, Gabriel Garcia dos Santos, Jeronymo Antonio dos Santos e sua mulher Dona Izabel Maria de Jesus, Miguel Virissimo dos Santos. Marcolina Frauzina da Freiria, Antonio Felisberto dos Santos, Joaquim Miguel dos Santos e sua mulher Dona Querubina Maria de Jesus, D. Ignez Rita de Jesus e Dona Maria Generosa de Jesus”.

Em 9 de julho de 1903 seria a escritura de doação registrada “às fls 53, do livro 3-I de Transcrição de Imóveis”, data que também consta nos “arquivos de documentação municipal” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, como pode ser lida, na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XXIX, pág. 200.



Dr. Antônio Olímpio

Deveu-se a escolha do padroeiro, ao fato de os doadores serem certamente devotos de São João - patrono da fecundidade agrícola - porém, o nome Olímpia não foi, como pode parecer, tomado à homônima grega, em cujos santuários, se realizavam de quatro em quatro anos, em honra de Júpiter - o maior dos deuses helênicos - importantes festividades e grandes jogos atléticos. Foi o Dr. Robert John Reid quem “solicitou ao Dr. Antônio Olímpio que ao ser criado o distrito, fosse dado o nome de Vila Olímpia, em homenagem à Maria Olímpia”. O pedido do engenheiro foi, facilmente, atendido, pois o Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, desde dezembro de 1901, vinha chefiando a política municipal e gozava de largo prestígio, em São Paulo.

O gesto elegante do Dr. Reid de escolher para a vila, o nome da afilhadinha, por pouco, não chegou a ser anulado, quando num vaivém da política, na eleição de 14 de dezembro de 1907, a vitória sorriu ao “Partido Arara”, de Silvestre de Lima. Em Vila Olímpia, os seus partidários reuniram-se para exigir-lhe a mudança do nome do lugar, já que lembrava a filha do líder do “Partido Pica-Pau”, então, fragorosamente derrotado.

Silvestre de Lima

Mas o Coronel Silvestre, chefe do partido vencedor, recusou-se terminantemente a atender o pedido dos companheiros, que foram a Barretos, em caravana, por parecer-lhe torpe vingança: - atitude que bem revela a grandeza moral daquele homem, conhecido também pelos dotes excepcionais de inteligência.



Rothschild Mathias Netto - presidente da Comissão de história (Conselho Municipal de Cultura) da Prefeitura Municipal de Olímpia - 1992. Pesquisador e autor de vários trabalhos sobre a História de Olímpia.



ORIGEM DO NOME DA CIDADE

Destaque de um trecho do trabalho Por que Olímpia?, de Rothschild Mathias Netto:

... “O nome Olímpia não foi, como pode parecer, tomado à homônima grega em cujos santuários, se realizavam de quatro em quatro anos, em honra de Júpiter - o maior dos deuses helênicos - importantes festividades e grandes jogos atléticos. Foi o Dr. Robert John Reid quem solicitou ao Dr. Antônio Olímpio, que ao ser criado o distrito, fosse dado o nome de Vila Olímpia , em homenagem ao Maria Olímpia”.

ESCORÇO BIOGRÁFICO DE MARIA OLÍMPIA

Maria Olímpia Rodrigues Vieira nasceu em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1897. Era filha do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, promotor de Justiça da Comarca de Barretos , antes de ingressar na política partidária, e de D. Isoleta Carneiro Arantes Vieira. Levada à pia batismal pelo engenheiro escocês Dr. Robert John Reid e a Tia D. Mariana Arantes, veio para a terra barretense “com menos de quarenta dias”.

Filhinha, como a chamavam na intimidade, contava apenas seis anos de idade, quando o padrinho e vários doadores de terras, para a formação do patrimônio, fundaram o povoado de São João Batista dos Olhos d'Água . A importante participação do engenheiro Reid, na criação do novo núcleo urbano, justificava a mudança, sugerida por ele, do nome do lugarejo para Vila Olímpia, como aproximadamente um ano depois passou a ser chamado numa homenagem muito significativa à afilhadinha. Tanto assim que O Sertanejo, único jornal de Barretos, a 27 de março de 1904, noticiou o batismo do arraial, pelo Padre Ernesto Urbani, com a nova designação de Vila Olímpia e em 26 de julho do mesmo ano, o Dr. Antônio Olímpio, então deputado, apresentou a Câmara, o projeto para criação do distrito da futura Vila Olímpia. Entretanto, somente a 18 de dezembro de 1906, em atenção ao pedido do chefe político pica-pau, criou o governo do Dr. Jorge Tibiriçá “por força da Lei Estadual n.º 1 035” , o distrito, cuja sede foi, no dia seguinte, elevada à categoria de vila, com a denominação, já consagrada pelo uso, de Vila Olímpia.

A rivalidade partidária, por pouco, não anulou o gesto elegante e carinhoso do agrimensor escocês, quando, nas eleições municipais de 14 de dezembro de 1907, a vitória sorriu ao “partido arara” de Silvestre de Lima. Em Vila Olímpia os seus correligionários reuniram-se para exigir-lhe a mudança do nome do lugar, já que lembrava a filha do adversário derrotado. Mas o Cel. Silvestre recusou-se terminantemente a atender ao pedido dos companheiros que foram a Barretos em caravana.



A jovem Maria Olímpia

Já, então, atingida a idade escolar Maria Olímpia seguiu com a mãe para São Paulo, indo ambas residir na casa da madrinha, D. Mariana Arantes. Matriculada no Colégio das Irmãs do Coração de Jesus, que, mais tarde, passaria a chamar-se Colégio Madre Cabrini, fez ali todos os seus estudos.

Por esse tempo, Filhinha consumia suas férias, em Barretos, na residência do Cel. Antônio Ferreira de Melo Nogueira e, muitas vezes, vinha para a fazenda do filho dele, o também Cel. Francisco de Melo Nogueira, em Vila Olímpia.



Numa dessas visitas à família de Chico Nogueira, dela se aproximou guapo rapaz, estudante de Direito, em São Paulo, que depois de séria enfermidade, viera convalescer, no interior, em casa do pai, Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade, farmacêutico, na Vila, desde fins de 1912. O moço acadêmico, que se chamava Mário Vieira Marcondes, costumava ver Maria Olímpia, na capital, quando passava de bonde, pela rua em que ela morava. Jamais supôs que acabaria por conhecê-la, de perto, e apaixonar-se perdidamente pela linda moça. Antes mesmo de terminar o ano de 1914, quando teve início o namoro, os dois jovens ficaram noivos. São dessa fase idílica, os versos que Mário Vieira Marcondes escreveu para aquela que se tornara a mulher dos seus sonhos e que, aqui, transcrevemos *ipsis litteris*:

FILHINHA

Nunca viste um passarinho
Soluçando de saudade?
De saudade de seu ninho
Que levou a tempestade.

Nunca viste no caminho
Sem mãe, sem pae, na orphandade
Meiga creança, doce anjinho,
Implorando a caridade?

Assim eu passo na vida
Sem consolo e sem guarida...
Consola o pobre, por Deus!

Torna-o feliz, satisfeito!
Co'o amor do teu peito,
Co'o riso dos lábios teus.

Mario

23-5-1915

Em fins de 1915, no terceiro ano de faculdade, Mario abandonou o curso jurídico, vindo definitivamente para Vila Olímpia e logo, levado pelas mãos do futuro sogro, entrou para as hostes do Partido Republicano Paulista.

A 11 de julho de 1916, o casamento de Mário e Maria Olímpia foi evento social de rara repercussão. O recém-casado abriu escritório de advocacia com o Dr. Antônio Olímpio e Leonardo Posella Segundo. Este último, a despeito de ser adversário do genro e do sogro, pois sempre fora partidário do Cel. Silvestre de Lima, exercia atividade de agrimensor para o escritório.

A 10 de junho de 1917 nascia a primeira filha do casal. A garotinha que se chamava Ana Olímpia, porém, viveu apenas um ano e seis meses. A segunda filha, que como a



mãe se chamava Maria Olímpia, é de 23 de dezembro de 1920.

Em 1923, aqui esteve o Dr. Robert John Reid que não viera apenas visitar Maria Olímpia, sua afilhada, bem como o esposo e a filha. Esperava levá-los a passeio à sua bela chácara, em Campos do Jordão.

Para tristeza da família e de quantos a conheciam, Filhinha apareceu, em 10 de julho de 1924, com terrível enfermidade que acabaria por deixá-la parálitica. Indo para São Paulo, à procura de alívio para seus males, ali foi vê-la o Dr. Reid, que sempre a tratou com atenção e ternura.

Depois de anos de padecimentos e imobilidade, ela sempre acompanhada de uma enfermeira, foi residir, na fazenda Moreira, próxima ao Frigorífico, arrendada por Mário Marcondes. A vida na propriedade rural deu-lhe novo alento e como era dotada de enorme força de vontade, conseguiu o que parecia impossível: voltou a andar, embora com grande dificuldade. Pôde então dispensar a enfermeira e ali permaneceu por um ano.

Em 1930 seguiu Maria Olímpia para São Paulo. Esteve durante seis meses, em tratamento, pois precisava de cuidados médicos especiais até o nascimento do filho que veio ao mundo em 3 de dezembro daquele ano. Somente com uma cesariana conseguiu salvar-se e salvar o menino que recebeu o nome de Mário Vieira Marcondes Filho.



Mário Vieira Marcondes

Depois do Nascimento de Marinho, de Olímpia foram buscar Mário Marcondes que voltou a fazer política na cidade de que fora primeiro prefeito, cargo que ocupou por mais três vezes, além de ter sido vereador, presidente da Câmara e Oficial de Registro de Imóveis.

Maria Olímpia voltou, assim, à sua cidade. Posteriormente se mudou novamente para Barretos, onde Mário Marcondes se dedicou por alguns anos à agricultura, só voltando à política por ocasião da campanha a favor do Dr. Ademar Pereira de Barros. Com a vitória ademarista Mário Marcondes foi nomeado prefeito de Barretos, posto que ocupou durante um ano, sendo eleito, em seguida vereador e, em consequência, presidente da Câmara Municipal. Candidatou-se, por último, a prefeito, que venceu por larga margem de votos. Nesse cargo, entretanto, não pôde exercer efetivamente as suas atividades: grave moléstia prendeu-o ao leito e o levou à sepultura. Faleceu na fazenda Boa Esperança, de seu genro Arnaldo Bulle Júnior, em Monte Verde Paulista, às 16 horas e trinta minutos de 27 de maio de 1952 e foi sepultado no Cemitério de São João Batista, de Olímpia.

Uma das últimas fotos de Maria Olímpia

Viúva, Maria Olímpia Rodrigues Vieira Marcondes ainda viveu vários anos depois do desaparecimento do companheiro. De fato, ela veio a falecer em 14 de novembro de 1969. Realizou-se o seu sepultamento no Cemitério da Consolação, em São Paulo.



Maria Olímpia fora uma criança feliz e uma bela mulher. Experimentara momento de grandes alegrias e horas de insuportáveis



sofrimentos. Como filha e esposa de políticos, habituara-se com os dias de triunfo, mas também com o gosto amargo das derrotas. Não obstante, de toda sua vida ainda lhe ficara um saldo favorável. Emprestara o nome a uma linda cidade: Olímpia. (*)

Rothschild Mathias Netto

(*) Este resumo biográfico foi escrito com dados fornecidos, em Barretos, pela pranteada D. Henriqueta Marcondes Barbosa Ferreira, viúva, na época, do Dr. Temístocles Barbosa Ferreira.

SÍMBOLOS VIGENTES

Os símbolos encerram uma idéia, um conceito. Os símbolos municipais representam o nosso sentimento de amor e responsabilidade para com Olímpia, sendo, portanto, nosso dever protegê-los para que não sejam desrespeitados. Símbolos são sacramentos.

Aos Professores

Os professores devem dedicar uma atenção especial aos símbolos, inculcando nos alunos o respeito e o entusiasmo que estes merecem e devem despertar em todos. Cabe-lhes a tarefa de explicar aos educandos o significado das Armas e da Bandeira e, igualmente, o significado da letra do Hino, para que eles, ao cantá-la, não o façam mecanicamente, mas sintam a importância daquilo que estão fazendo.

O indivíduo precisa partir do seu próprio aperfeiçoamento, estendendo-o à família, à sociedade e à Pátria, para que esta possa atingir a plenitude do seu desenvolvimento.

“Uma geração passa, outra sucede, mas a terra subsiste sempre”.
(Eclesiastes I,4)

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Estado de São Paulo

Símbolos Visuais de Olímpia

Brasão e Bandeira

Lei n.º 1289, de 16 de junho de 1977

-Dispõe sobre os símbolos do Município de Olímpia e dá providências correlatas-

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga a seguinte lei:

Artigo 1.º - São Símbolos do Município de Olímpia:

I – O Brasão de Armas;

II – A Bandeira Municipal.

Parágrafo único – Ficam aprovados o Brasão de Armas e Bandeira Municipal cujos modelos elaborados com a colaboração do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, ficam fazendo parte integrante desta lei.

Artigo 2.º - O Brasão de Armas de Olímpia tem a seguinte descrição: escudo ibérico, de sable, com uma águia estendida de ouro, tendo nas garras um gládio de goles, posto em faixa e bordadura de ouro, carregada de oito quinqüefólios de goles.

O escudo é encimado de coroa mural de prata, de oito torres, suas portas abertas de



goles, e tem como suporte, à destra, um ramo de laranjeira e à sinistra, um ramo de cafeeiro, ambos folhados e frutados, ao natural. Listel de goles, com a divisa “Sanguinem Pro Pátria Dedi”, em letras de ouro.

Artigo 3.º - O Brasão de Armas de que trata o artigo anterior tem a seguinte interpretação:

I – O escudo ibérico era usado em Portugal à época de descobrimento de Brasil e sua adoção evoca os primeiros colonizadores e desbravadores da nossa Pátria.

II – A cor da sable (preto), tem o significado heráldico de fortaleza, constância, prudência, modéstia, sabedoria, ciência, gravidade, honestidade, moderação, fartura, fertilidade, silêncio e segredo, referindo-se aos atributos de administradores e munícipes e à maneira pela qual são conduzidos os destinos do Município.

III – A águia estendida (de asas abertas), é símbolo do poder, prosperidade, vitória, benignidade, generosidade, liberalidade, arrojo par acometer grandes empresas, altos desígnios e coragem, lembrando os primeiros povoadores da região, que, antevendo suas potencialidades, lançaram-se ao desbravamento sem medir esforços e fixaram as bases do progresso atual.

IV – O metal ouro é representativo de riqueza, esplendor, glória, nobreza, poder, força, fé, prosperidade soberania e mando, refletindo o irrefreável progresso alcançado por Olímpia pelo trabalho diuturno de seu povo, alicerçado em fé inquebrantável na munificência de Todo-Poderoso.

V – O gládio indica vontade guerreira e justiça e a cor goles (vermelho), derramamento de sangue em batalha, audácia, valor, galhardia, intrepidez, nobreza conspícua e honra, aludindo à participação desassomburada do povo de Olímpia nos movimentos cívicos ao lado da Lei e da Justiça, pela Democracia e pela Liberdade, como na arrancada heróica de 1932 e na 2.ª Guerra Mundial, quando olimpienses ofereceram suas vidas e seu sangue.

VI – A bordadura é indicativo heráldico de favor, proteção e o quinqüefólio, de filha querida, recordando que o topônimo “Olímpia”, sugerido pelo engenheiro Dr. Robert John Reid, foi adotado em Homenagem à Maria Olímpia, filha de Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, líder político da região.

VII – A coroa mural é o símbolo da emancipação política, e a de prata, com oito torres, das quais apenas cinco estão aparentes constitui a reservada às cidades. As portas abertas proclamam o caráter hospitaleiro do povo de Olímpia e a cor goles (vermelho), na posição em que se situa na coroa mural e, por ser no Brasil a indicativa do Direito e da Justiça, está a significar que Olímpia é cabeça de Comarca, como a dizer: “dentro destas portas encontrareis a justiça”.

VIII – Os ramos de laranjeira e cafeeiro, em plena produção, atestam a fertilidade das terras generosas de Olímpia, de que são importantes fatores de riqueza, demonstrando que a agricultura é um dos esteios da economia municipal.

IX – No Listel, a divisa “Sanguinem Pro Pátria Dedi”, completa o simbolismo, afirmado que Olímpia derramou seu nobre sangue quando o exigiram os interesses da Pátria e o chamado da honra.



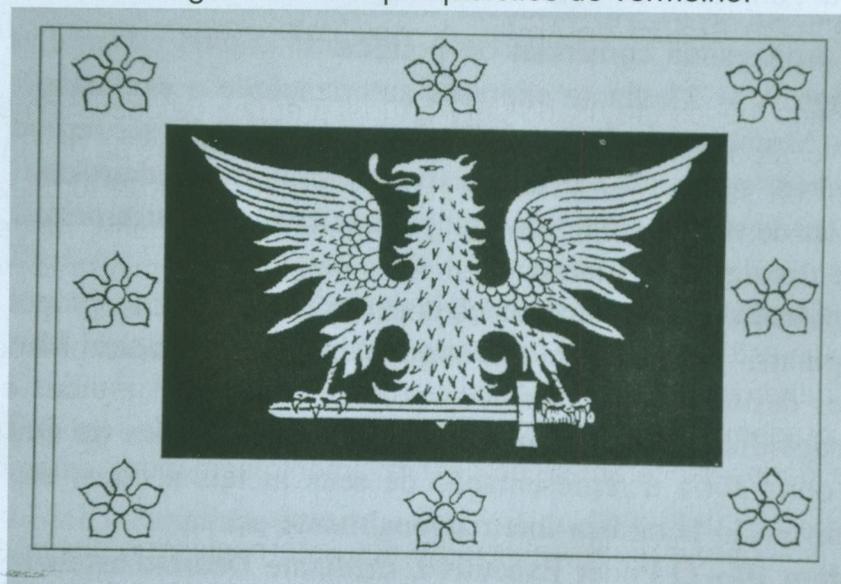
Para reprodução monocromática



Para reprodução colorida



Artigo 4.º - A Bandeira de Olímpia assim se descreve: retangular, de negro, com uma águia estendida de amarelo, segurando nas garras um gládio de vermelho e bordadura de amarelo carregada de oito quinquefólios de vermelho.



Artigo 5.º - A Bandeira tem 14 M (quatorze módulos) de altura, por 20 M (vinte módulos) de comprimento; a águia tem 13,5 M (treze módulos e meio) de largura por 7 M (sete módulos) de altura, o gládio tem 9 M (nove módulos) de comprimento, a bordura tem 2,7 M (dois módulos e sete décimos) de largura e os quinquefólios têm 2 M (dois módulos) de diâmetro.

Artigo 6.º - O Brasão de Armas de Olímpia é exclusivo do Poder Público Municipal e será usado:

I – Obrigatoriamente:

- a) nos documentos, demais papéis e correspondência oficial;
- b) no gabinete do Prefeito Municipal e na sala das sessões da Câmara de vereadores.

II – Facultativamente:

- a) na fachada dos edifícios públicos;
- b) nos veículos oficiais e
- c) nos locais onde se realizem festividades promovidas pela Municipalidade.

Artigo 7.º - A apresentação e sinais de respeito devidos aos símbolos de Olímpia regular-se-ão, no que couber, pela legislação federal.

Artigo 8.º - É proibida a manutenção e reprodução dos Símbolos de Olímpia em locais ou situações incompatíveis com o decoro, bem como em propaganda comercial ou política.

Artigo 9.º - Mediante expressa autorização e a exclusivo critério do Prefeito Municipal poderão, os Símbolos de Olímpia, ser reproduzidos em distintivos, selos, medalhas, adesivos, flâmulas, bandeirolas, objetos artísticos ou de uso pessoal, em campanhas cívicas, assistenciais, culturais ou de divulgação turística.

Parágrafo 1.º - As reproduções deverão obedecer às proporções e cores originais, ficando para tal arquivados na Prefeitura Municipal, exemplares destinados a servir de modelo.

Parágrafo 2.º - Para a reprodução monocromática do Brasão de Armas é obrigatória a representação de seus metais e cores de acordo com a convenção heráldica internacionalmente aceita.

Artigo 10 – O Poder Executivo, mediante Decreto estabelecerá as sanções para as infrações dos dispositivos desta lei.

Artigo 11 – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário e, em especial, as de n.º 283, de 16/04/1957; 998, de 18/09/1969



e 1013, de 31/10/1969.
Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 16 de junho de 1977

a) Álvaro Cassiano Ayusso
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 16 de junho de 1977.

a) Lázaro Roberto Ferreira
Diretor Geral

ELUCIDÁRIO

Águia: Rainha das aves de presa ou de rapina. A águia dourada ou real é a mais esplêndida de todas. Faz o seu ninho em paragens solitárias, em alturas inacessíveis das montanhas até as quais leva aves e outros animais para o alimento dos filhos.

A águia de cabeça calva alimenta-se de peixes e mamíferos e rouba a aves caçadoras, menos vigorosas que ela, o produto de sua presa.

Pesca salmões e outros peixes tão facilmente como caça lebre e coelhos.

Coroa Mural: Ornato que encima os escudos, brasões.

Destra: A mão direita, à direita.

Escudo: Peça em que se representam as armas nacionais, municipais ou os brasões de nobreza.

Gládio: Espada de dois gumes.

Ibérico: Relativo ou pertencente à Península Ibérica, constituída por Espanha e Portugal.

Listel: Moldura estreita e lisa, filete, mocheta.

Monocromático: Uma só cor.

Quinquefólio: Quinquefólio, que tem cinco folíolos ou folhas.

Sinistra: A mão esquerda, à esquerda.

Topônimo: Nome próprio de lugar.

NOTAS

1 – Pela indicação 6/77 da Câmara Municipal, na sessão de 15 de fevereiro de 1977, o vereador José Sant'anna indica e dá sugestões ao Executivo que sejam realizados estudos para alteração dos Símbolos de Olímpia, por não estarem rigorosamente em obediência aos princípios da Heráldica e Vexilologia.

2 – Em 10 de junho de 1977, o prefeito Álvaro Cassiano Ayusso encaminha ao presidente e vereadores da Câmara a matéria sobre os novos símbolos, que deu origem ao projeto de lei n.º 1 555/77, acompanhada do ofício n.º 1 534/77 – GP, que diz:

“Impunha-se uma análise técnica dos Símbolos de Olímpia representados pelo seu Brasão e pela Bandeira do Município. Tais Símbolos, em sua idealização, devem obedecer a representações técnicas, de difícil conhecimento para aqueles que não são especializados em Heráldica.

Muito a propósito, este Executivo recebeu desse legislativo, indicação e sugestões de autoria do Vereador Professor José Sant'anna, sugerindo uma apreciação dessa natureza.

Este Executivo, providenciando a respeito, solicitou os préstimos do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos a fim de:

a) analisar os símbolos então vigorantes



b) e, em caso de sua inadmissibilidade, sugerir novos modelos dos padrões técnicos.

Junto ao Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, esse serviço foi executado pelo Dr. Lauro Ribeiro Escobar. O ilustre estudioso procedeu, então, ao aproveitamento dos caracteres que tecnicamente tinham procedência justificada, efetuando, a seguir, a reforma dos símbolos locais, com a introdução de novas figuras heráldicas.

Esse Trabalho abrangeu tanto o Brasão, como a Bandeira do Município.

O projeto de lei que estamos encaminhando, em anexo, dispõe sobre a oficialização desses novos modelos, contendo, dos mesmos, todo o significado e representação.”

3 - Desenhista dos projetos (Brasão e Bandeira): Sr. Carmone Otoni de Melo, de São Paulo.

4 - Fabricante da primeira bandeira: Sr. Arcinóe Antônio Peixoto de faria, de São Paulo (capital).

5 - O primeiro exemplar desta bandeira foi batizado, publicamente, na Esplanada das Bandeiras (Praça Rui Barbosa), às 10 horas – na solenidade do Hasteamento das Bandeiras – 13.º Festival do Folclore de Olímpia – (domingo, 14 de agosto de 1977), sendo seu padrinho o prefeito Álvaro Cassiano Ayusso. Compareceu a solenidade o Dr. Lauro Ribeiro Escobar, do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito do Governo de São Paulo, autor dos projetos. O prefeito, segurando a nova bandeira do Município, repetiu o juramento, lido pelo ilustre Dr. Lauro: “Juro honrar, amar e defender os símbolos municipais de Olímpia e lutar pelo engrandecimento deste município, com lealdade e perseverança”.

6 - A bandeira batizada encontra-se zelosamente cuidada e protegida, em armário especial, na sala de Reuniões da Prefeitura Municipal.

7 - Há uma quadrinha que foi recitada por Waldemar Rosa Junqueira Neto, aluno do E.E.P.G. “Silva Melo”, hoje, E.E.P.G. “Theodomiro da Silva Melo”, portador da bandeira do Município ao Plenário da Câmara, na noite de 5/4/1990, sessão solene para promulgação da Lei Orgânica do Município de Olímpia.

Diz assim:

Pendão sagrado de Olímpia,
Bandeira pujante e bela,
Retratando vivas cores:
Vermelha, preta, amarela.

Ouviu-se uma variante desta quadrinha no hasteamento das Bandeiras, na Praça das Atividades Folclóricas “Prefeito Wilson Zangirolami”, em 11/8/1991:

Nobre símbolo de Olímpia
Sempre estás de sentinela,
Tuas cores desfraldando:
Vermelha, preta e amarela.

8 - Ramo de cafeeiro - o café, durante muito tempo, ocupou a atenção do lavrador olimpiense e, dessa cultura, nasceram os resultados profícuos para os desenvolvimento do município.

9 - Ramo de laranjeira - Olímpia produz a melhor laranja de exportação do país. A cidade se torna cada vez mais linda, circundada por belíssimos laranjais que a perfumam. Em alguns deles, a um só tempo, podem ser vistas laranjeiras com flores, frutos verdes e maduros.

10 - O lema latino “Sanguinem Pro Pátria Dedi” se traduz por – Eu dei o sangue para a Pátria.



11 - O Brasão, artisticamente pintado em madeira, alto-relevo, pelo professor Nélon Nicolau, de Guaraci-SP, foi afixado no frontispício do prédio onde funcionava a Prefeitura Municipal (Praça Rui Barbosa, n.º 54). Hoje está exposto no Museu de História e Folclore "Maria Olímpia".

NOTAS

1 - O projeto de lei n.º 1555/77, sobre a constituição do Brasão e da bandeira, foi de autoria do Executivo.

Em redação final, o projeto foi aprovado, por unanimidade, na sessão ordinária de 15 de junho de 1977.

2 - Vereadores presentes à sessão: Adorival Batista da Costa, Alcindo Fossalussa, Altino Robazzi, Américo Battaus, Cézari Olmos, Diomedes Ribeiro Filho, Gláucio Puig de melo, José Fernando Rizzatti, José Sant'anna, Luiz Salata Neto, Wanderley Dario Forti e Wladimir Demétrio Manoel. Presidente: Erciley Parolim.

SÍMBOLO AUDITIVO

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Estado de São Paulo

HINO A OLÍMPIA

DECRETO N.º 1 509, 2 DE MARÇO DE 1982

- Dispõe sobre oficialização do Hino a Olímpia e dá outras providências -

Álvaro Cassiano Ayusso, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

Decreta:

Artigo 1.º - Fica oficializado o **Hino a Olímpia**, o qual de autoria dos olimpienses **Professor José Sant'anna** e **Professor Jônatas Manzolli**. Aquele responsável pela letra e o segundo pela música.

§ 1.º - O Hino é composto de três estrofes: oitavas heterométricas, destacando-se a rima entrelaçada, de que uma é o estribilho; o compasso quaternário e o andamento marcial.

§ 2.º - Um exemplar da letra e da música, bem como os esboços biográficos de seus autores ficam fazendo parte integrante deste Decreto.

Artigo 2.º - O Hino a Olímpia será entoado obrigatoriamente em todas as solenidades promovidas pelo Poder Público Municipal.

Artigo 3.º - A apresentação do Hino a Olímpia regular-se-á, no que couber, pela legislação federal.

Artigo 4.º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, aos 2 de março de 1982.

a) Álvaro Cassiano Ayusso - Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, aos 2 de março de 1982.

ã) Lázaro Roberto Ferreira - Diretor Geral

HINO A OLÍMPIA

Letra: Prof. José Sant'anna
Música: Prof. Jônatas Manzolli

Estribilho

Olímpia, terra fecunda,
Tu és formosa e perspicaz,
Plantada em solo paulista
Num elo de amizade e paz;
Deus guie o teu destino,
Fiel, constante, sempre audaz,
Concedendo ao teu povo
Governo bom e capaz.

Primeira estrofe

Teu solo fértil, favor divinal,
Povo de brio senhoril,
Agricultura exemplar, sem rival,
Vida também pastoril;
Fundada por mão de amor sem igual,
Para honrar o Brasil,
Sempre erguendo-te assim tal leal,
És nossa mãe mui gentil.

Segunda estrofe

Menina-moça, cidade ideal,
Despontas bela entre mil,
Tens no Folclore o teu Festival
Cenário primaveril;
O teu passado de valor real
Exempla o mundo infantil,
No teu labor o progresso é total,
Arma do amor sem fuzil.

José Sant'anna nasceu em Olímpia no dia 8 de julho de 1937. Filho de João Joaquim de Sant'anna e de Hypólita Theodora da Silveira Sant'anna. Fez os cursos de 1.º e 2.º graus em Olímpia. Bacharelou-se em Direito e concluiu o curso de Letras. Lecionou a cadeira de Língua Portuguesa, no ensino de



1.º e 2.º graus do magistério oficial de Olímpia. Foi folclorista, criador e coordenador do Festival de Folclore. Autor de vários trabalhos sobre folclore, dirigiu o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", de Olímpia, por ele criado em 1973. Pertenceu à Comissão de Folclore e Artesanato (Con-

selho Estadual de Artes e Ciências Humanas), da Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo. (1982).

Jônatas Manzolli nasceu em Olímpia no dia



9 de abril de 1961. Filho de Ercídio Manzolli e de Maria Aparecida de Araújo Manzolli. Fez os cursos de 1.º e 2.º graus em Escolas Públicas de Olímpia. Iniciou seus estudos de Música aos 6 anos de idade, em 1967. Estudando piano, aos 13 anos, compôs sua primeira música. Integrou vários corais, entre

eles o Coral da Igreja Adventista de Olímpia, o Coral Adolescente do Instituto Adventista de Ensino e o Coral da UNICAMP, e, em 1981, prestou vestibular para a Escola de Composição e Regência da UNICAMP, tendo logrado êxito (dados constantes do livro "Histórias dos Símbolos do Município de Olímpia", de autoria do Prof. José Sant'anna, pág. 78). Compositor e matemático, Jônatas Manzolli iniciou sua carreira acadêmica na Unicamp e atua em Arte e Ciência. Bacharel em Matemática Aplicada pelo IMECC, Unicamp; Bacharel em Composição e Regência Musical pelo Instituto de Artes, Unicamp; Mestre em Matemática Aplicada pelo IMECC, Unicamp. É Doutor (PhD) em Composição Musical pela Universidade de Nottingham, Inglaterra, com especialização em Sonologia pelo Conservatório Real de Haia, Holanda. É Professor Titular do Departamento de Música, Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora (NICS) da Unicamp e pesquisador Pq1D do CNPq. Foi pioneiro no Brasil no desenvolvimento de interfaces gestuais e composição musical com auxílio do computador. Sua pesquisa foca criatividade musical, auto-organização, computação evolutiva, sonificação científica aplicada a sistemas robóticos e espaços interativos. Suas obras artísticas dialogam com música sinfônica, eletroacústica e sistemas digitais. Em 1998 criou o sistema ROBOSER apresentado em Basileia na Suíça e em 2002 dirigiu a criação musical da "ADA: intelligent space" em Neuchatel, Suíça. Atuou como pesquisador convidado do Instituto de Neuroinformática da ETHZ, Zurique e é professor convidado da Universidade Pompeu Fabra, Barcelona desde 2005 na qual ministra cursos de pós-graduação em comunicação sonora. Recebeu o prêmio "Century Dream for Interactive Art" em 1999 na cidade de Aizu no Japão. Foi condecorado em 2001 com a medalha "Carlos Gomes" pela Câmara Municipal de Campinas. Foi citado em 2007 pelo Who's Who in the World 24o. Edição entre as 1000 personalidades mais importantes do mundo. Recebeu em 2009 o reconhecimento por sua atividade acadêmica com o prêmio "Zeferino Vaz" na área de Artes, concedido pela Unicamp (fonte: Manzolli, J. "Compondo com o Mundo Real: paisagem sonora de labirintos entrelaçados". Tese de Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2005).

* Texto extraído do Livro "Histórias dos Símbolos do Município de Olímpia" (dos revogados aos vigentes): estudo e difusão cultural do brasão, bandeira, hino e fita no ornato das cores/organizado pelo Prof. José Sant'anna - Olímpia, SP: Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", 1993.

1. Heráldica - Olímpia (SP) I. Sant'anna, José.



CARNAVAL

O próprio título traz à baila as dúvidas que surgem quando o assunto é Carnaval. Primeiro, o que é mesmo o Carnaval? Simples festa de cunho popular? Aglomeração de pessoas de diferentes idades e diferentes patamares socioeconômicos, vestidas de peças originais ou ridículas, um assomo de hilaridade e zombaria? Carnaval é festa do povo? É a “carne nada vale” que afirmam alguns autores, é o “adeus à carne”, como pensam outros, é o carrusnavalis, isto é, um barco que desfilava sobre rodas pelas ruas? Carnaval faz parte das manifestações folclóricas? Enquadra-se em atos notoriamente folclóricos? É associado às Bacanais, essas festas que, regadas a muito vinho, se realizavam nas florestas da Grécia e de Roma em louvor de Baco e Dionísio?

E a polêmica não para por aí. Há ainda a repetida pergunta: de onde surgiu essa festa que arrasta multidões por todo o Brasil? Quando teve início? Em que circunstâncias nasceu? O que queriam os envolvidos no ato de “brincar”, de “divertir-se”, de “zombar dos outros”? Onde nasceu e como surgiu, e por que tão vasto é o seu alcance? Pois há Carnaval pelo mundo inteiro, variado, diversificado, pobre, rico, requintado, que prima por ser barulhento, por contagiar, por levantar poeira.



E, caso queiramos aprofundar a guerra que há com a simples terminologia ou data histórica, poderíamos entrar no terreno religioso e ver como é que os diferentes credos veem o Carnaval e julgam os carnavalescos. E poderíamos caminhar pelas sendas da História a fim de melhor analisá-lo. Não, não é esse o nosso intuito – vamos por partes. Para tanto, li artigos em revistas especializadas, dei com autores como Alberto Sampaio, Maux, Dilma Faria Terra, revista Quem, revista Cultura, Carnaval de Conservatória, Carnaval Antigo, de Felix Lima Jr., Wikipedia – a enciclopédia livre, revista Família, textos sobre o Carnaval da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Florianópolis, do Brasil



inteiro e de algumas partes do mundo.

É quase sempre a unanimidade que impera. O Carnaval é a festa popular mais marcante do Brasil inteiro, começa quando o folião, ainda no berço, acompanha um certo ritmo e sorri de pura euforia. Isso não acaba jamais. Todos os autores pautam seus escritos no que leram, no que viram, no que veem agora. É uma festa que tem data marcada, apesar de que, atualmente, em certos lugares – Salvador, Pernambuco, Rio e São Paulo, por exemplo – essa coisa de data religiosa nada tem a ver com o seu divertimento máximo. O Carnaval começa um mês antes da Quaresma católica, vai mais um mês por fora, dois a três meses em franca folia (há quem diga que, em Salvador, é Carnaval o ano inteiro...).



Na “folhinha”, porém, o Carnaval começa quatro dias antes da Quaresma, sábado, domingo, segunda-feira e terça-feira. Depois, quarenta dias de cinzas, de orações, jejum, abstinência, coisa que não se faz mais. Oficialmente, o Carnaval antecede a Semana Santa da Igreja Católica e acaba nas cinzas da quarta-feira.

Segundo alguns estudiosos, Carnaval é uma festa popular coletiva que foi transmitida oralmente ao longo dos séculos, como resultado das festas pagãs conhecidas como Saturnais, homenagem ao deus Saturno, nome latino da divindade grega Cronos, e Lupercais, em honra a Luperco, deus latino protetor dos pastores e defensor dos rebanhos contra os lobos.

As Saturnais romanas eram o que mais se parecia com o Carnaval atual; durante as celebrações, invertiam-se as posições sociais, o povo desfilava alegremente ao lado do carrusnavalis, já aqui mencionado, e as instituições públicas (tribunais, escolas etc.) eram fechadas. As Lupercais, celebradas no dia 15 de fevereiro, tinham caráter de purificação. Depois de sacrificarem bodes e cabras, os sacerdotes tocavam a fronte de dois jovens da nobreza romana, com a faca ainda respingando sangue. Em seguida, esses jovens prorrompiam numa gargalhada ritual, e os sacerdotes, nus, punham-se a correr em volta do monte Palatino, uma das sete colinas de Roma. As mulheres que encontrassem pelo caminho eram

vergadas com tiras de pele de bode. Assim, pensavam os sacerdotes e o povo em geral, elas se tornariam fecundas. Para o homem moderno, é difícil compreender o sentido dessas festas caracterizadas pela licenciosidade, com algumas características posteriormente

adotadas por nossas festas de Carnaval, mas o fato é que as Lupercais eram um rito de passagem que simbolizava a morte e a ressurreição, celebrando, portanto, a vida.

Na Grécia, homenageava-se uma divindade chamada Dionísio. Depois de vagar por grande parte do mundo, ele voltou à Grécia. Costumava aparecer em cortejo triunfal, em carro puxado por imensas panteras. (Não podemos perceber aí, ainda que muito, muito remotamente, alguma semelhança com nossos atuais carros alegóricos?). À sua frente iam as Bacantes, os Sátiros e divindades menores, e em Tebas ele introduziu as bacanais, festas onde todas as pessoas, sobretudo as mulheres, eram tomadas por



um delírio místico e percorriam os campos aos gritos, enlouquecidas. Dionísio é o deus dos vinhos, das festas e dos teatros.

Como podemos ver, embora grande parte dessas celebrações seja muito mais antiga do que a religião cristã, no fundo, bem lá no fundo, nosso Carnaval nada mais é que uma reminiscência atenuada das festas dionisíacas, das Saturnais e das Lupercais. Há também correlação entre o Carnaval e o culto à deusa Ísis; para alguns autores, o Carnaval talvez tenha se iniciado nas alegres festividades do antigo Egito, sobretudo nos festejos associados ao culto da deusa Ísis, desde o ano 2000 a.C. Creem alguns que mesmo na China milenar já havia esse folguedo, ou algo parecido. E também que no Egito antigo havia bailes de máscaras seguidos de danças pelas ruas, com todo mundo fantasiado. Acredita-se até que o Carnaval é lembrança dos festejos que os povos primitivos deixaram gravados em cavernas. Uma mera mistura de vestes coloridas, de alegria, multidões felizes em danças que duravam dias.



arlequins, colombinas, piratas e presidiários, com muito confete e serpentina.

Destacamos um diferente folguedo em Conservatória, pequena cidade do Rio de Janeiro, o chamado "Carnaval Antigo", onde se pode ver, em diferentes épocas do ano, os mascarados em plena folia. Os foliões saem às ruas entoando as tradicionais marchinhas, quase esquecidas dos carnavalescos atuais. Há desfile de carros antigos paramentados para o evento, seguidos por foliões fantasiados de pierrôs,

Antes do Carnaval que conhecemos, lá pelos séculos XVIII, XIX e boa parte do século XX, havia um festejo meio violento que recebia o nome de Entrudo, ou seja, "entrada". Esse festejo reunia pessoas de um certo nível socioeconômico e, em bandos, partiam para as ruas dos bairros jogando sujeiras no público. Das janelas das casas também se atiravam coisas sobre os passantes: talco, cal virgem, misturas de águas de cheiro igualmente malcheirosas, groselha, pó de café, farinha de trigo, baldes de água suja, bisnagas que lançavam líquidos fétidos que, no século XX, deram origem ao lança-perfume (embora esse contivesse éter perfumado).

Um dos historiadores conta como eram feitas as "cabacinhas" que continham a água de cheiro e eram vendidas pelas ruas da cidade. Mulheres surgiam trazendo cera, que derretiam numa panela onde se acrescentava anilina; as bolas de cera eram retiradas com uma engenhoca semelhante a um bilro de madeira, mergulhando a metade da cabaça em água fria, dando-lhe o formato de um ovo de bom tamanho. Colocava-se o "cheiro" nessa banda, uniam-se as duas partes, e pronta estava a "arma" para a guerra. E lá se iam as "águas de cheiro" atormentar os que por ali passassem. Disso há registros que remontam a 1750, ou ainda antes. E chegou aos primeiros anos do século XX.

Quando o Entrudo era permitido, até a família real portuguesa aderiu à farrá, e os palácios eram redutos requintados de mascarados a brincar com as famosas cabacinhas.



E guerra de tomates, cebola, farináceos e quaisquer objetos que pudessem irritar os atingidos.



Essas festividades fazem parte da vida social de muitos povos e vêm de longa data. Alguns afirmam que na Roma dos Césares, durante as Saturnais, já havia um tipo de festa parecido com o Carnaval dos nossos dias. Homens e mulheres, em trajes de ricos tecidos, punham-se a dançar freneticamente, saudando os deuses. E, como já dissemos aqui, há também os que acham que o Carnaval já se fazia presente no tempo dos faraós.

Com o correr dos anos, grupos fantasiados saíam pelas ruas, dando início aos cordões e, atualmente, aos desfiles de escolas de samba. As marchinhas, que marcaram época e são ouvidas até hoje em todo o país, surgiram no final do século XIX e tiveram o seu apogeu no século XX; traziam semelhanças com as modas francesas, italianas e portuguesas. São marchas que fizeram furor nos carnavais passados e que ainda alegram os foliões do século XX. Eis algumas delas:

Ó ABRE ALAS

(Chiquinha Gonzaga, 1899)

Ó abre alas que eu quero passar, (bis)
eu sou da lira não posso negar! (bis)
Ó abre alas que eu quero passar, (bis)
Rosa de Ouro é que vai ganhar.

PIRATA DA PERNA DE PAU

(Braguinha, 1946)

Eu sou o pirata da perna de pau,
do olho de vidro, da cara de mau.

Minha galera
dos verdes mares não teme o tufão!
Minha galera
só tem garotas na guarnição...
Por isso, se outro pirata
tenta a abordagem, eu pego o facão
e grito do alto da popa:
Opa! homem não!

QUEM SABE, SABE

(Jota Sandoval – Carvalhinho, 1955)

Quem sabe, sabe,
conhece bem,
como é gostoso
gostar de alguém

Ai, morena, deixa eu gostar de você...
Boêmio, sabe beber,
boêmio também tem querer.

TOMARA QUE CHOVA

(Paquito – Romeu Gentil)

Tomara que chova,
três dias sem parar!
Tomara que chova,
três dias sem parar.

A minha grande mágoa
é lá em casa
não ter água,
eu preciso me lavar.

De promessa eu ando cheio!
Quando eu conto
a minha vida,
ninguém quer acreditar.
Trabalho não me cansa,
o que cansa é pensar
que lá em casa não tem água
nem pra cozinhar!

MAMÃE, EU QUERO

(Jararaca – Vicente Paiva, 1936)

Mamãe eu quero, mamãe eu quero
mamãe eu quero mamar!
Me dá a chupeta, me dá a chupeta, me dá
a chupeta
pro neném não chorar!



Dorme filhinho do meu coração,
pega a mamadeira e entra no cordão!
Eu tenho uma irmã que se chama Ana,
de piscar o olho já ficou sem a pestana!

Eu olho as pequenas, mas daquele jeito,
e tenho muita pena não ser criança de
peito...

Eu tenho uma irmã que é fenomenal,
ela é da bossa e o marido é um boçal!

AS ÁGUAS VÃO ROLAR

(Também conhecida como Saca-Rolha)
(Zé da Zilda-Zilda do Zé-Waldir Machado,
1953)

As águas vão rolar,
garrafa cheia eu não quero ver sobrar!
Eu passo mão na saca saca saca-rolha,
e bebo até me afogar,
deixa as águas rolar!

Se a polícia por isso me prender,
mas na última hora me soltar,
eu pego a saca saca saca-rolha,
e bebo até me afogar! Deixa as águas
rolar!

ALÁ-LÁ-Ô

(Haroldo Lobo-Nássara, 1940)

Alá-lá-ô, ôôôôôô,
mas que calor, ôôôôôô!
Atravessamos o deserto do Saara
o sol estava quente,
queimou a nossa cara!

Vimos do Egito
e muitas vezes
nós tivemos que rezar:
Alá! Alá! Alá, meu bom Alá!
Mande água pra ioiô,
Mande água pra iaiá,
Allah! Meu bom Alá!

SACARICANDO

(Luiz Antônio, Zé Mário e Oldemar
Magalhães)

Sa-sa-çaricando,
todo mundo leva a vida no arame!

Sa-sa-çaricando,
A viúva o brotinho e a madame!
O velho na porta da Colombo
É um assombro,
saçaricando
Quem não tem seu saçarico
saçarica mesmo só,
porque sem saçaricar
esta vida é um nó, nó, nó...

TAÍ

Joubert de Carvalho -1930

Taí,
eu fiz tudo pra você gostar de mim!
Ó, meu bem
não faz assim comigo, não!
Você tem,
Você tem
que me dar seu coração.

Meu amor, não posso esquecer...
Se dá alegria, faz também sofrer.
A minha vida foi sempre assim,
só chorando mágoas que não têm fim.

Essa história de gostar de alguém
já é mania que as pessoas têm...
Se me ajudasse Nosso Senhor,
eu não pensaria mais no amor.

TOURADAS EM MADRI

(Braguinha – Alberto Ribeiro, 1937)

Eu fui às touradas em Madri
E quase não volto mais aqui
Pra ver Peri beijar Ceci.
Eu conheci uma espanhola
Natural da Catalunha;
Queria que eu tocasse castanhola
e pegasse touro à unha!
Caramba! Caracoles! Sou do samba,
não me amoles.
Pro Brasil eu vou fugir!
Isto é conversa mole para boi dormir!

CHIQUITA BACANA

(Braguinha – Alberto Ribeiro, 1949)

Chiquita bacana lá da Martinica
Se veste com uma casca de banana



nanica

Não usa vestido, não usa calção
Inverno pra ela é pleno verão
Existencialista com toda razão
Só faz o que manda o seu coração.

CHUVA, SUOR E CERVEJA (frevo)
(Caetano Veloso, 1971)

Não se perca de mim
Não se esqueça de mim
Não desapareça
Que a chuva tá caindo
E quando a chuva começa
Eu acabo de perder a cabeça
Não saia do meu lado
Segure o meu pierrô molhado
E vamos embolar ladeira abaixo
Acho que a chuva ajuda a gente a se ver
Venha veja, deixa, beija, seja
O que Deus quiser
A gente se embala se embola se embola
Só pára na porta da igreja
A gente se olha se beija se molha
De chuva suor e cerveja.

Foi nos anos 30 que o Carnaval melhor se estruturou, com o surgimento de infinitas melodias, interpretadas por cantores já famosos ou que se fizeram famosos graças às músicas que o nascente rádio trazia para dentro dos lares. Carmem Miranda e Noel Rosa, cantora e compositor, foram alvo de grandes homenagens. Surgiram músicas como “Com que Roupas”, que alucinava os foliões em geral, e arranjos musicais inesquecíveis, como em “Carinhoso”, de Pixinguinha, lançado em maio de 1937. Emergem cantores como Orlando Silva, Francisco Alves, Vicente Celestino, produtores como Assis Valente, que lançou “Boas Festas”, hino que é até hoje ligado às festas natalinas. “Se a Lua Contasse”, interpretada por Aurora Miranda, foi um grande sucesso, assim como “Yayá, cadê o jarro / o jarro onde eu plantei a flor / eu vou te contar um caso/ eu quebrei o jarro e matei a flor. Que maldade, que maldade / Você bem sabia / no jarro de barro plantei a saudade”.

Em 1937, morre Noel Rosa, mas sua música permanece através de cantores como Aracy de Almeida, Carmem Miranda e Lamartine Babo. Quem não canta ainda: “Yes, nós temos banana / banana pra dar e vender / banana, menina / contém vitamina / banana engorda e faz crescer”. Nesse mesmo ano, 1937, é lançado o grande sucesso carnavalesco “Camisa Listrada”, de Assis Valente, cantada por muitos, inclusive e principalmente por Carmem Miranda, que a partir daí vai brilhar nas telas do cinema com “O que é que a Baiana Tem?”, música que se tornou seu carro-chefe e foi ainda mais enriquecida por seus ricos trajes e adereços de baiana chique, sucesso no Brasil e no mundo.

As marchas, ainda cantadas em todos os bailes carnavalescos, acabaram cedendo lugar ao samba, ponto alto dos atuais desfiles das Escolas de Samba.



Para chegarem aos desfiles faraônicos que serão apresentados em avenidas e sambódromos, todas as Escolas devem submeter-se a uma infinidade de exigências, mas o requisito fundamental é a escolha do samba-



nanica

Não usa vestido, não usa calção
Inverno pra ela é pleno verão
Existencialista com toda razão
Só faz o que manda o seu coração.

CHUVA, SUOR E CERVEJA (frevo)
(Caetano Veloso, 1971)

Não se perca de mim
Não se esqueça de mim
Não desapareça
Que a chuva tá caindo
E quando a chuva começa
Eu acabo de perder a cabeça
Não saia do meu lado
Segure o meu pierrô molhado
E vamos embolar ladeira abaixo
Acho que a chuva ajuda a gente a se ver
Venha veja, deixa, beija, seja
O que Deus quiser
A gente se embala se embola se embola
Só pára na porta da igreja
A gente se olha se beija se molha
De chuva suor e cerveja.

Foi nos anos 30 que o Carnaval melhor se estruturou, com o surgimento de infinitas melodias, interpretadas por cantores já famosos ou que se fizeram famosos graças às músicas que o nascente rádio trazia para dentro dos lares. Carmem Miranda e Noel Rosa, cantora e compositor, foram alvo de grandes homenagens. Surgiram músicas como “Com que Roupa”, que alucinava os foliões em geral, e arranjos musicais inesquecíveis, como em “Carinhoso”, de Pixinguinha, lançado em maio de 1937. Emergem cantores como Orlando Silva, Francisco Alves, Vicente Celestino, produtores como Assis Valente, que lançou “Boas Festas”, hino que é até hoje ligado às festas natalinas. “Se a Lua Contasse”, interpretada por Aurora Miranda, foi um grande sucesso, assim como “Yayá, cadê o jarro / o jarro onde eu plantei a flor / eu vou te contar um caso/ eu quebrei o jarro e matei a flor. Que maldade, que maldade / Você bem sabia / no jarro de barro plantei a saudade”.

Em 1937, morre Noel Rosa, mas sua música permanece através de cantores como Aracy de Almeida, Carmem Miranda e Lamartine Babo. Quem não canta ainda: “Yes, nós temos banana / banana pra dar e vender / banana, menina / contém vitamina / banana engorda e faz crescer”. Nesse mesmo ano, 1937, é lançado o grande sucesso carnavalesco “Camisa Listrada”, de Assis Valente, cantada por muitos, inclusive e principalmente por Carmem Miranda, que a partir daí vai brilhar nas telas do cinema com “O que é que a Baiana Tem?”, música que se tornou seu carro-chefe e foi ainda mais enriquecida por seus ricos trajes e adereços de baiana chique, sucesso no Brasil e no mundo.

As marchas, ainda cantadas em todos os bailes carnavalescos, acabaram cedendo lugar ao samba, ponto alto dos atuais desfiles das Escolas de Samba.



Para chegarem aos desfiles faraônicos que serão apresentados em avenidas e sambódromos, todas as Escolas devem submeter-se a uma infinidade de exigências, mas o requisito fundamental é a escolha do samba-



enredo, que é escolhido por concurso e deve absorver o enredo proposto pela Escola em questão. Durante o desfile, é muito importante que o público cante junto, e é aí que entra a importância do uso de refrões fortes. Durante a escolha do samba-enredo, muitas composições, em parceria ou não, chegam à final, e suas torcidas fazem um espetáculo à parte, colorindo e lotando a quadra da Escola em cada apresentação. Depois, durante o desfile, se houver empatia com o grande público, esse item será um aspecto importante para que a Escola obtenha uma boa pontuação, embora existam vários outros itens igualmente ou até mais importantes (a bateria, que é o verdadeiro coração da Escola), a Comissão de Frente (que é seu cartão de visitas), alegorias e adereços, evolução, enredo, mestre-sala, porta-bandeira e outros.



O samba, porém, nunca foi muito aceito nos bailes de salão do passado, nem nos poucos que existem ainda hoje, onde sempre imperaram as marchinhas. Hoje, há uma reclamação geral, tanto por parte do público quanto da crítica, para os quais o andamento dos sambas ficou rápido demais porque, em função da cronometragem (que vale muitos pontos), as Escolas precisam passar rapidamente pela avenida. Eis o que diz, por exemplo, Paulinho da Viola (“Foi um rio que passou em minha vida...”): “Antigamente, havia mais tempo para fazer um samba, e ele era escolhido por aclamação popular – ganhava aquele que empolgava o terreiro, fazendo todo mundo cantar. Hoje, ficou tudo mais rápido, mais comercial”. Seja como for, essa é uma daquelas discussões que, parece, nunca terão fim.



Em sua origem, o samba em São Paulo fazia parte das festas religiosas, como a Festa do Bom Jesus de Pirapora, com batucadas e Carnaval de rua. O samba se concentrava na Barra Funda, no Bexiga, na rua do Lavapés e na Liberdade, dando origem aos cordões carnavalescos. No Rio de Janeiro, nos anos 50, os cordões ainda eram sucesso pelas ruas da cidade. E no Brasil inteiro, onde



houvesse um Carnaval de rua, os cordões se faziam presentes; vimos isso em nossa pequena cidade, Pirangi, com gente fantasiada para o curso em carros ou a pé e nos salões de baile, no Cine “Mascote” ou na “Bica-Corrida”. Blocos pequenos, cerca de 50 pessoas, mas imbatíveis na sua missão de alegres foliões.



Em 1899, Chiquinha Gonzaga lançou a marcha que marcaria o início de toda uma era carnavalesca: “Ó Abre Alas”, num período de sua vida em que, aos 52 anos e já avó, iniciava um romance com o jovem português João Batista Fernandes Lage, então com dezesseis anos. A marchinha, considerada a primeira da história, foi feita para o cordão carnavalesco Rosa de Ouro, citado na letra.

O Carnaval da Bahia, por exemplo, descaracteriza-se do conceito geral dessa festa, pois os trios elétricos, com sua música altíssima, cantores de fama dando seus shows de pula-pula, obrigam a imensa multidão a segui-los e adaptar-se ao ritmo do que se canta no “palco”, no alto do palanque móvel. O frevo corre solto pelas ruas, principalmente em Recife e Olinda; todos dançam, bebem, cantam, erguem os braços, misturando-se naturais da terra com turistas, tudo sem horário de início e fim de jornada. Nos trios elétricos de Salvador, destacam-se Daniela Mercury, Claudia Leitte, Ivete Sangalo, às vezes Caetano Veloso, e até duplas sertanejas participam desses shows eletrizantes. As três primeiras cantoras citadas não têm uma obra considerada musicalmente importante, mas são as que mais arrastam multidões pelas ruas.





O Rei Momo, personificação da crítica e do sarcasmo, é considerado o dono do Carnaval. Veio da mitologia grega, é filho do Sono e da Noite, e foi expulso do Olimpo por zombar de outras divindades; teve por castigo dominar a terra. Hoje, há grandes disputas para a escolha do Rei Momo, que deve ser gordo, folgazão, farrista e capaz de enfrentar longas horas sob roupas quentes e inadequadas aos fevereiro ou marços carnavalescos.

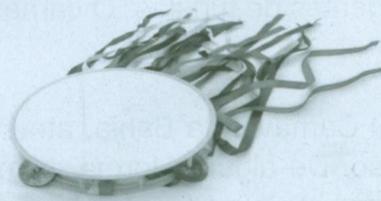
Há, pois, uma grande diferença entre o Carnaval de outrora e o de hoje, em destaque os dos anos 30, 40 e 50, que fizeram parte da minha infância e juventude. Fui apresentada ao Rei Momo em 1931/32, levada pelas mãos de meu pai, Sebastião Bueno de Camargo, que passou todo o trajeto entre nossa casa e o local do evento me explicando o significado do que eu iria ver. Era um curso, onde fordes novinhos em folha desfilavam, carregando ricas fantasias e pessoas mascaradas a granel, gente jogando serpentina de um carro para o outro, atingindo o público, especialmente a criançada que, em total alvoroço, acompanhava os foliões. Um folião a pé, vestido de gorila, fazia o berreiro da molecada quase acabar com o som da nascentê bateria. Havia fantasiados

montados em belos cavalos ajaezados para festas, além de alguns seguidores em charretes e troles ornamentados. Música com destaque de sanfona e alguns instrumentos de metal e percussão.



O costume de fazer curso pelas ruas centrais da cidade já era comum em cidades grandes e seu uso perdurou por quase todo o século XX. Lá pelos idos dos anos 70, recolheram-se para bailes e salões, ou desfiles de Escolas de Samba. Essas Escolas tiveram origem nas chamadas Sociedades, que predominaram no Carnaval carioca. Eram uma espécie de clube fechado, de acesso restrito a uns poucos privilegiados. Acredita-se que o desfile do primeiro clube aconteceu em 1855, e era composto por membros do Congresso das Sumidades Carnavalescas. Em 1856, surge a Sociedade União Veneziana, seguida pela Euterpe Comercial e pela Zuavos Carnavalescos, chegando às que se perpetuaram: Tenentes, Democráticos e Fenianos.

O advento do “Zé Pereira” (tocador de bumbo) deu ao Carnaval o som que ele pedia e, ao som de bumbos, atabaques, triângulos, tambores e zabumbas, os foliões perderam sua natural timidez e caíram na folia. Pouco mais tarde, vieram a cuíca, o tamborim, a frigideira e o pandeiro, que repercutem até hoje.



De qualquer forma misteriosa, os adeptos do Carnaval sempre conseguem uns “trocados” para a confecção das fantasias dos mais variados tipos, para que, bem caracterizados, possam participar das alegres noitadas daquilo que alguns ainda chamam de “tríduomomesco”. Porque Carnaval é alegria, é música, é um meio de liberar adrenalina à vontade; Carnaval afoga mágoas, tragédias diuturnas, males do corpo e males da alma...Chega a ser quase uma luz no fim do túnel escuro. Até que chega a quarta-feira...



Seja um Carnaval como o nosso, bem brasileiro, um Carnaval em Veneza, “que ainda conserva a sua mística e atrai, todos os anos, milhares de visitantes que, durante uns dez dias, se entregam de corpo e alma à fantasia e à diversão”. Supõe-se que o Carnaval de Veneza tenha se originado no ano de 1162, com o fito de homenagear os heróis de uma guerra funesta. Sua mais poderosa arma carnavalesca são as famosas máscaras, que até hoje encantam os turistas.



O Carnaval do Rio de Janeiro tem seu ponto alto nos suntuosos desfiles das Escolas de Samba, como Mangueira, Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Imperatriz Leopoldinense, Unidos de Vila Isabel, Portela e tantas outras que, na Passarela do Samba, Marquês de Sapucaí, fazem o orgulho do país inteiro e encantam nativos e turistas com seu espetáculo de indescritível beleza. Os gringos não acreditam que aquela maravilha toda possa existir, e então voltam, ano após ano, trazendo novos contingentes de turistas. O carnaval do Rio é tido e havido como o maior espetáculo da Terra.

O Carnaval do Rio de Janeiro tem seu ponto alto nos suntuosos desfiles das Escolas de Samba, como Mangueira, Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Imperatriz Leopoldinense, Unidos de Vila Isabel, Portela e tantas outras que, na Passarela do Samba, Marquês de Sapucaí, fazem o orgulho do país inteiro e encantam nativos e turistas com seu espetáculo de indescritível beleza. Os gringos não acreditam que aquela maravilha toda possa existir, e então voltam, ano após ano, trazendo novos contingentes de turistas. O carnaval do Rio é tido e havido como o maior espetáculo da Terra.

O Carnaval da Bahia, atrás de dúzias de trios elétricos, arrasta uma incalculável multidão. De alguma forma, sem pausa, sem descanso, dura cerca de dez dias, não os quatro*oficializados. Dançam sozinhos ou em grupos, com ou sem fantasia, alguns



quase nus, cerveja rolando solta, um som arrepiante que induz ao êxtase, ao frenesi coletivo.

Em São Paulo, o Carnaval, apesar de ainda manter o prestígio de alguns bailes de salão tradicionais, segue as pegadas do Carnaval carioca. O ponto alto é também o desfile das Escolas de Samba no Sambódromo do Anhembi. Os carros alegóricos são riquíssimos, tão originais quanto os do Rio de Janeiro, ou mesmo ainda mais que eles. As escolas são fantásticas e pouco ficam a dever às cariocas: Vai-Vai, Rosas de Ouro, Águia de Ouro, Gaviões da Fiel, Mancha Verde, Leandro de Itaquera, Acadêmicos do Tucuruvi e muitas outras. Quem vê os desfiles de São Paulo pela primeira vez fica de queixo caído, porque ninguém imagina que as Escolas paulistas possam ter-se tornado tão belas e grandiosas. É uma surpresa e um choque.

O Carnaval de New Orleans, nos Estados Unidos, põe nas ruas os seus blocos mais ricos e sofisticados que se possa imaginar. Também lá se acredita que o Carnaval homenageia, como no passado, divindades como Hércules, Minerva e Baco. O jazz mistura-se às melodias carnavalescas locais e a folia nada fica a dever às suas congêneres.

A Alemanha também tem, nas

idades de Colônia e Munique (e também em Berlim) um rico Carnaval em pleno furor do inverno europeu. Os "Grêmios" saem às ruas com suas belas fantasias, levando alegria a visitantes e naturais da terra.

Sabe-se como é o brasileiro. Mal tomou conhecimento desse Carnaval do passado, de povos ancestrais, atirou-se de corpo e alma para curtir-lo e dele se tornar parte integrante. Os séculos XIX e XX juntaram as peças trazidas pelos imigrantes portugueses, espanhóis, franceses, árabes, asiáticos em geral, europeus em chusmas – e o brasileiro já aderiu, já modificou e foi em frente. Por isso, na metade do século passado, ainda eram comum, nos Carnavais, cantar-se:

*Passei um Carnaval em Veneza,
com muitas saudades daqui.*

*Tentei cantar a Tirolesa,
a Jardineira, mas não consegui.*

*O povo de lá só cantava
a sua canção popular,
e eu, vendo que nada arranjava,
entrei no cordão e comecei a cantar*

(assim):

*Iamo, iamo, iamo, iamo, iamo,
i amo, i amo, i amo, i amo, iá,*

funiculí, funiculá

funiculí, funiculá!

*Atacaram a Tarantela
e não quiseram mais parar!*





Temos inesquecíveis músicas carnavalescas, marchas e sambas em sua maioria, que são, atualmente, motivo de muita alegria nos bailes das grandes ou pequenas cidades. Mal se pisa no salão, logo vem “Ó Abre Alas”, de Chiquinha Gonzaga, “Pirata da Perna de Pau”, de Braguinha, “Quem Sabe, Sabe”, de Jota Sandoval e Carvalhinho, “Tomara que Chova”, de Paquito e Romeu Gentil, “A Filha da Chiquita Bacana”, de Caetano Veloso, “Mamãe, eu Quero”, de Jararaca e Vicente Paiva, “As Águas Vão Rolar”, de Zé da Zilda-Zilda do Zé-Waldir Machado, “Sassaricando”, de Luiz Antônio, Zé Mário e Oldemar Magalhães e tantas e tantas outras.

Eis, pois, o meu Carnaval; o Carnaval que conheci no início dos anos 30 do século passado e que hoje, aos noventa anos de idade, ainda me carrega para o sofá a fim de ver o desfile das Escolas do Rio e de São Paulo. Porque Carnaval é como um vício – não desgruda jamais. E é, segundo penso, um grandioso espetáculo folclórico, assim como algumas das principais festas brasileiras: a Folia de Reis, as Cavalhadas, as Festas Juninas, a Festa

do Divino, o Festival Folclórico de Parintins, que ocorre todos os anos com a apresentação dos bois “Caprichoso” e “Garantido”, e tantas outras. No caso de Parintins, a relação Carnaval/Folclore reflete-se também em um fato de que poucos têm conhecimento: no segundo semestre de cada ano, sobretudo a partir do final da década de 1990, cerca de 80% dos artistas parintenses deixam a cidade para trabalhar nas Escolas de Samba de São Paulo e do Rio de Janeiro, e já começam a se deslocar para outros Estados.



PRELÚDIO ÀS ADIVINHAS OLIMPIENSES^(*)



*José Carlos Rossato
Departamento de Folclore - Olímpia*

Estimulados pelo brilhante artigo de Théo Brandão, subordinado ao título de “Adivinhas Populares” e inserto no número 18 da extinta “Revista do Brasil”, uma publicação cujo desaparecimento se deplora, resolvemos, também, divulgar nossa modesta contribuição a esse descurado mas não despiciendo ramo do folclore, cogitação e tendência que nos prende há muitos anos, e a quem dedicamos nossas horas de lazer, porque assim o merece o nobre entretenimento humano, qual o de registrar crenças, tradições, ditados, lendas, contos e canções, tudo aquilo, em suma, que compõe o fabulário e a tradição.

Realmente, seja-nos lícito ressaltar que a Volkskunde nacional de tudo vem cuidando ultimamente; no entanto, deixou quase olvidadas as pobres adivinhas, relegadas a lastimável abandono, inexploradas, como filhas espúrias, cuja existência convinha esquecer.

Raros, raríssimos mesmo são os autores brasileiros _ diletantes ou exegetas _ que delas trataram em seus ensaios, e esses poucos mesmo ainda fizeram _ no quase que pela rama, restringindo-se a consignar algumas centenas ou pouco mais.

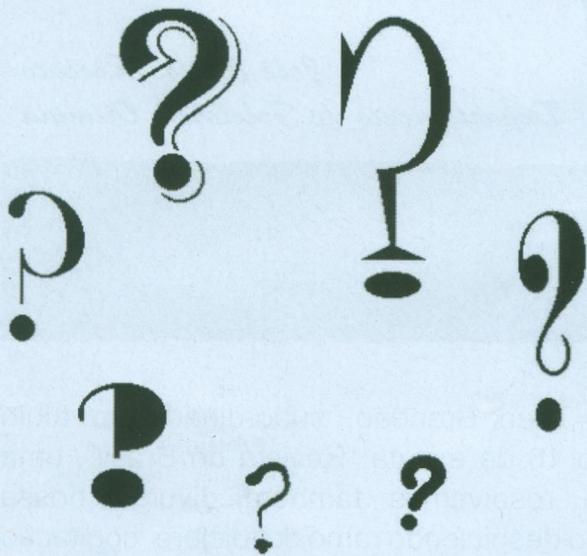


João Ribeiro _ que de tudo tratou e a tudo atendeu no vasto campo folclorístico _ traçou-lhes, a respeito, minguados, ainda que eruditos, comentários, em seu livro máximo sobre a matéria.

Artur Ramos, em seu magnífico “O Folk-Lore Negro no Brasil”, dedicou-lhe duas ou três páginas somente e, além desses tratadistas, nada mais conhecemos, em letra de forma, versando sobre esse assunto, nada obstante sabermos que alguns escritores ventilaram o tema em livros pouco divulgados, em revistas e periódicos de restrita difusão, em folhas provincianas que logo se perderam ou foram olvidadas. Urge, portanto, ir recolhendo, paulatinamente, o farto material que por aí se perde à toa, mantido tão somente pela tradição oral, a fim de que



um dia possamos, quiçá, reunir coletânea mais ou menos símile às "Adivinanzas Rioplatenses", de Lehman Nietische, emérito professor da Universidade de La Plata, ainda que não nos referíssemos à vastíssima literatura existente na Europa, onde, coletores e compiladores, lograram reunir, numa só obra, dezenas de milhares dessas esplêndidas devinetes, como lhe chamam os franceses e que os gregos com nobreza denominam simplesmente de "enigmas".



Mas o esforço isolado não basta; preciso é que se congreguem as iniciativas individuais em um pensamento diretor e se canalizem, para um só trabalho, que será o nosso populário representativo, todas as perguntas, charadas, enigmas, adivinhas e formas correspondentes que por aí pululam, registradas ou não, no vasto, imenso campo folclórico que é o vastíssimo território brasileiro.

Definir o que são adivinhas e o seu contexto no próprio folclore tornar-se-á necessário?

Parece-nos escusado por seu caráter de sabedoria e tradicionalismo popular. São, nada mais, nada menos, que simples jogos de palavras, onde se encerram problemas sem nenhum transcendentalismo complicado, mas que conseguem encafiar e deixar perplexo o mais experiente decifrador de suas proposições. Seu intuito é divertir, como é óbvio, através do engenho e despertar a

curiosidade, ainda que de fundo e forma revestidos da mais santa ingenuidade ou pelo pitoresco das propostas formuladas. Litré, citado por Giuseppe Cocchiara, em seu "Folclore", atribuiu-lhe a seguinte definição esposada, outrossim, por outros tratadistas: "L'indovinello (é assim que lhe chamam no musical idioma de Dante) é um "giro di parole, entro il quale viene compresa o supposta qualche cosa che non si dice, o una descrizione ingegnosa ed acuta delle cosa medesima da qualità e caratteri generali che possono atribuirsi ad altre cose aventi o no quella somiglianza o analogia".

Numerosas perguntas contêm em seu bojo, motes e facécias e até gracejos que encabulam; outras se revestem de formas charadísticas, anagramadas, de espécies várias, algumas das quais aproveitam sílabas, de palavras contidas na indagação, para formar a resposta cabal, grande número delas, de aparência mais que inocente na fórmula inquisicional, denotam, entretanto, sentido escatológico e até fescenino em seu significado e, muitas vezes, a recíproca é que vigora, gênero este proveniente das terras lusitanas, onde o gosto pelas coisas escabrosas, de apresentação um tanto desbocada, é algo cultivado - conforme pressupõe o ilustrado colaborador da Revista do Brasil, de quem nos vimos ocupando; alentado contributo nos é fornecido pelas quadrinhas rimadas ou não, e pelos tercetos que muito se

俳諧

aproximam dos celebrados "haikai" nipônicos; há as que se aparentam aos provérbios e máximas, aos idiotismos afins e as que nos oferecem frases desconexas, sem sentido perceptível e até absurdas. Mas, tudo isso reunido, ainda que a muitos não o pareça, constitui magnífico repositório da sabedoria popular que vem



sendo cultivada por gregos e troianos, desde a famosa esfinge de Édipo, com o seu famoso dístico: “decifra-me ou devorote”, passando por Salomão - rei e sábio - até nossos dias, por matutos e civilizados de todas as épocas e de todos os continentes. Sabido é que o uso das adivinhas remonta a priscas eras e por isso encontra-se coligida na literatura de todos os povos, onde, em alguns, deixou de servir como simples diversão para reger costumes e instituir normas, porquanto diversos contos e lendas mencionam a remissão de uma pena, de um dever mediante a solução do enigma proposto.

A citação feita por Ladisláu Batalha sobre a literatura anônima da África negra é bastante expressiva e merece aqui transcrita: “Passam os filhos de Angola noites inteiras ao pé do lume, fumando ao ar livre nos seus cachimbos. Cada um propõe a sua adivinhação e aquele que a decifra responde”. Desse mesmo povo Artur Ramos coligiu as seguintes: “Quem é o senhor que dorme sobre a terra coberto por cima com esteiras?” A abóbora; “Quem carrega sem arriar”? Tarimba (espécie de prateleira). “Quem é que está passando de noite sem parar?” O rio. Entre os nossos bons caipiras e camponeses idêntico hábito pode ser observado quer nos serões para destalar fumo, à noite; quer nos mutirões para barrear casa, plantar roça, limpar e colher “mantimentos”, isto é, todos os serviços executados em conjunto e, para matar, o tempo entram em ação perguntas e adivinhações. Também nas viagens a pé,

ou a cavalo, nas longas noites de velório guardando defunto e horas de lazer dentro e fora da habitação, em toda a parte, em suma, têm valor como entretenimento, distração, jogos de espírito e passatempo, tal qual praticavam e praticam os afros com seus peculiares “jinongongos”, os espanhóis com duas “endevinalias”, “cozadiellas”, “acertijos” e “advinanzas”, os gauleses com suas decantadas “dinettes”, os gregos com seus “enigmas” e até os judeus com o seu Apocalipse, uma vez que este tratado apologético e teológico requer senso quase divinatório para interpretá-lo a contento.



A centena de adivinhas populares que a seguir registramos foi colhida no município paulista de Olímpia, onde habitamos. É bem possível - provável mesmo - que se encontrem variantes e correlatas em outros pontos do território nacional e tenham correspondentes e matrizes alienígenas; também admitimos que folcloristas de outras regiões tenham anotado grande cópia delas em seus escritos impressos ou inéditos; mas isso em nada diminui o valor da modestíssima coleta por nós feita, porque esta não aspira resultado diferente qual o de contribuir com material desta zona - colhidos in loco - para estudos de maior projeção que, confiamos, mais tarde ou mais cedo, serão feitos em torno desses esquecidos assunto.



O que é que é?:

1- Caixinha de bom parecer,
Não há carapina
Que a possa fazer,
Só Deus no céu
Tem esse poder?



R: O amendoim - com ligeiras



variantes de forma, Theófilo Braga dá-lhe significado de nozes e Théo Brandão, o de lua.

2. Em cima, vivo, no meio, morto e, embaixo, vivo?

R: O cavaleiro, os arreios e o cavalo.



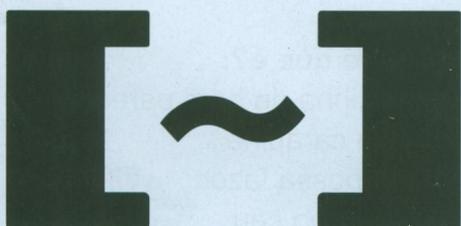
3. Carne por fora e couro por dentro?

R: Moela de galinha (moela, brasileiro, designa o terceiro estômago das aves).



4. Está no meio da rua e em cima do chão?

R: O til (relewa notar que no vocábulo rua não se encontra sobreposto nenhum sinal diacrítico; talvez, por analogia, o vulgo dá-lhe som nasal e aí supõe encontrar o sinal gráfico).



5. No alto, sonora,
Enquanto se toca
Tudo se adora?

R: O sino (sonora, em lugar de seu correspondente masculino, está no terceto somente para efeito de rima, ou... para atrapalhar. T. Brandão acolheu em sua "raccolta" a linda variante:

No alto está
No alto mora,
Todos o ouvem,
Ninguém o adora?



6. Quatro na lama,
Dois na cama,
Dois que assopram
Um que abana?

R: O boi. Quatro na lama são os cascos; dois na cama, os chifres; dois que assopram, as narinas e um que abana, a cauda. Nos "Cantos Populares Españoles", de Rodrigues Marin, encontra-se uma análoga:

Quatro andantes,
Quatro mamantes,
Uno Quita-Moscas,
Dos apuntantes?



7. Quatro garrafas viradas para baixo e nenhuma derrama?

R: O úbere (que o povo designa "ubre") da vaca com suas quatro tetas.



8. Jogando para o ar é prata, caindo no chão é ouro?

R: O ovo.



9. Sou quase redonda como a lua,
Sou fêmea quando estou nua,
Vestido sou masculino?

R: Ovo.

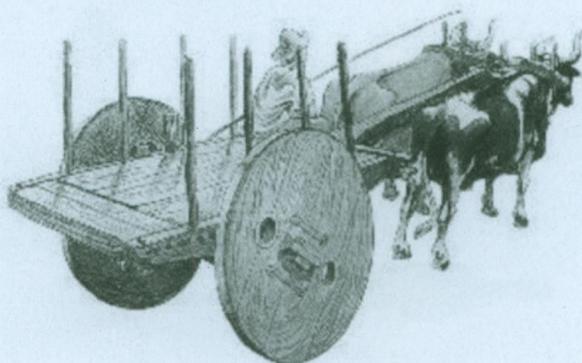
10. Quanto mais se corta, mais alto fica?

R: O toucinho suspenso no fumeiro.

11. Doze irmãos viajando e nenhum

passa adiante dos outros?

R: Os fueiros do carro-de-bois.



12. Vai no mato,
Não tem alma, nem espírito,
Mas no fim dá um grito?

R: A espingarda.



13. Barriga de pau,
Costa de ferro,
Língua de fogo,
Espingarda, seu bobo?

R: Para estabelecer confusão, e dificultar a resposta, que é clara, a última estrofe deve ser pronunciada com rapidez. Resposta: espingarda.

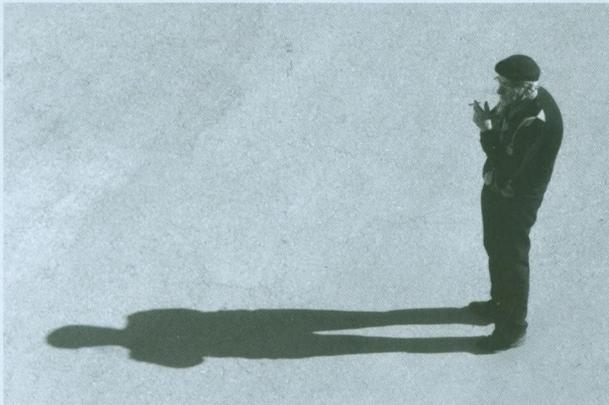
14. Planta-se de cacetinho em cacetinho?

R: A cana-de-açúcar e também a mandioca. Para a primeira acepção encontramos símile no trabalho que vimos respingando de Théo Brandão, já alhures captada:

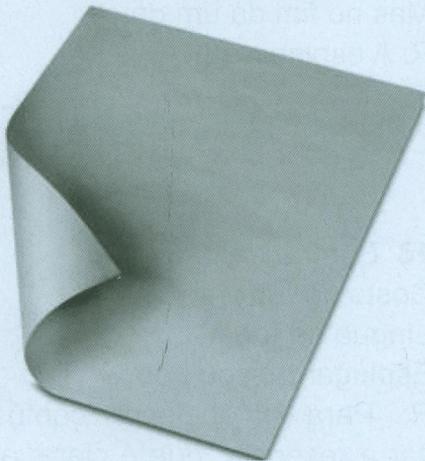
Tem pé, não caminha;
Tem olho, não vê;
Tem barba, não rapa.



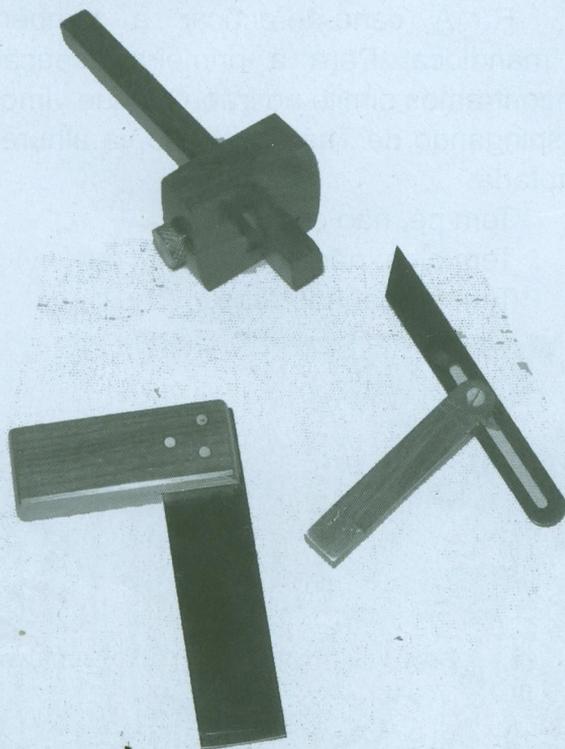
15. Passa na água e não se molha?
R: A sombra.



16. Joga-se na pedra, não se quebra, mas, jogando-se na água, se molha?
R: O papel.



17. Arrepia no caminho e que bom é?
R: As três ferramentas de carpintaria: a plaina (que arrepia a madeira); o graminho e o formão.



18. Uma cobra enrolada na água, com fogo na boca?
R: A lamparina com seu pavio aceso.



19. A mãe é mansa e o filho é bravo?
R: O sapé; seus rebentos são compostos de acúleos renovos que perdem sua agressividade quando crescidos.



20. Altas torres,
Lindas janelas,
Abrem e fecham
Ninguém toca nelas?
R: Os olhos. Há diversas variantes todas subordinadas ao mesmo tema.



21. Os filhos vão quietos adiante
E a mãe segue atrás chorando?
R: Os bois e o carro. É notável o uso



e a frequência do gerúndio na fraseologia popular.

22. Está com o bico na água, morrendo de sede?

R: A canoa. O autor de "Adivinhas Populares" registrou esta belíssima variante:

Garças brancas
Dos campos verdes,
Com o bico n'água,
Morrendo de sede.



23. Mãe lazarenta,
Filhos miúdos,
Pai cocuruto?

R: O fogo com sua chama avermelhada, os biscoitos e o forno onde estão assados.



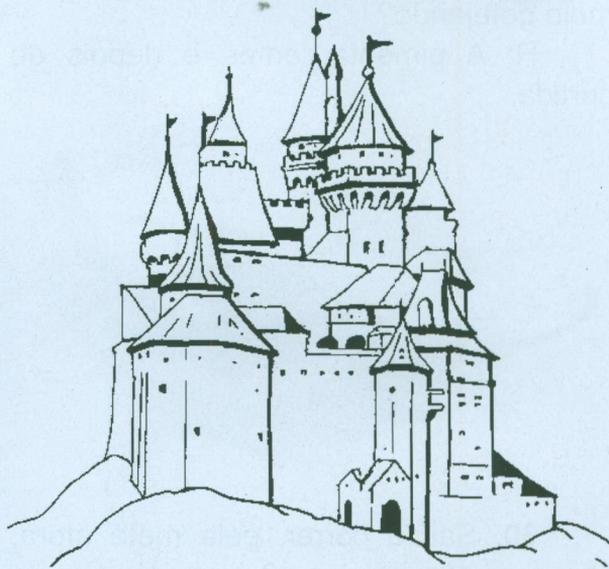
24. Doze arremeda doze,
Vinte e quatro com quatorze?
R: 24 e 48.



25. Corta a mãe e enforca o filho?

A bananeira e o cacho, pois este, uma vez aparado, é posto a amadurecer. De T. Brandão transcrevemos o conceito seguinte, com igual definição:

R: 100 meninas num castelo
Todas elas vestidinhas de amarelo.



26. Alta como pinheiro,
Redonda como pandeiro,
Fina como papel,
Amarga como fel,
Doce como mel?

R: A bananeira, suas folhas e frutos.



27. Nos princípios foram verdes,
Depois, de luto se cobriram,
Para os prazeres do mundo,
Nos ares se consumiram?

R: O fumo (Anotada por José Maria de Melo).



28. A mãe é verde,
A filha encarnada;
A mãe é mansa
E a filha danada?
R: A pimenteira e a pimenta.

29. Entra dura e queimando e sai mole gotejando?
R: A pimenta, antes e depois de curtida.



30. Sai, a correr, pela mata afora,
chega no caminho para?
R: O fogo, o incêndio. Caminho aqui substitui o aceiro.

31. É branco de nascimento
E preto de natureza;
De noite, muita alegria,
De dia, muita tristeza?
R: O corvo.



32. Nunca se teve, não se tem e nem se deseja ter, e, tendo, não se quer perder?
R: Demanda.



33. Tem duas cabeças e uma boca só?
R: Cocho, espécie de vasilha de madeira, feita de tronco rústico escavado, onde se deita sal para o gado.



34. Capim, não é capim; vara, não é vara?
R: Capivara, mamífero roedor.



35. Uma ave que não tem penas?
R: A Ave-Maria.

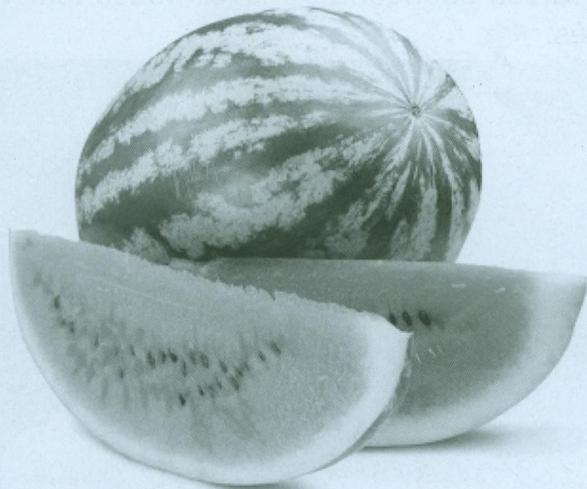
36. Dois irmãos: nasceram e se criaram juntos, sendo um preto e outro branco; na primeira viagem que fizeram ficou o preto e o branco passou?



R: A fibra e o caroço de algodão.

37. Plantei tabuinhas e colhi novelos?

R: Melancia.



R: O peru, em voo e pousado.

43. Verde como folha,

Folha não é;

Fala como gente,

Gente não é?

R: O papagaio



44. Alto como a torre,

Doce como mel.

38. Mela, sem ser melão,
Não é tão boa a casca como o
coração?

Melancia. No estudo de T. Brandão
consta idêntica adivinha.

39. De boca para cima, está vazio;

De boca para baixo, cheio?

R: Chapéu.



Amargo como
fel?



R: Guariroba
(espécie de
palmeira). Cumpre
notar a existência
de verdadeiros
ciclos temáticos
nas adivinhas; o
introito "Alto como
a torre" figura em
diferentes perguntas
comportando vários
significados.

45. Vai no mato buscar cipó e traz
caça?

R: O pente. (A caça é o piolho e o
cipó, os cabelos).

40. É verde, mas não é folha;

É branca, mas não papel;

Vermelha sem ser sangue

E preta, sem ser triste?

R: Melancia.

41. Falando uma vez é fruto que se
come e duas é pássaro que voa?

R: Cará-Cará.

42. Quando anda está deitado,

Quando se assenta está de pé?



46. Anda com os pés na cabeça?

R: O piolho, também conhecido como sevandija.



47. São dez caçadores, mas só dois é que matam a caça?

R: O piolho e as unhas.

48. Mastiga, mastiga, mas põe fora?

R: A tesoura. Teófilo Braga, em "O Povo Português" insere a interessante inquirição:

Estou aqui no meu cantinho,
Onde todos me podem ver,
Mastigo e boto fora,
Engolir não pode ser?

R: Moinho.



49. Salta para o ar, dá um estouro e se come?

R: A pipoca. Há uma variante que diz: Pula para cima e vira ao avesso.

50. Todos têm?

R: Nome próprio.

51. São quatro esteios e uma telha só?

R: Tatu.

52. 4 pés sobre 4 pés esperando

outros 4 pés que 4 pés não vê: 4 pés foi-se embora e 4 pés ficou?

R: O gato que, em cima de uma cadeira, aguarda o rato e como este não aparece abandona o móvel. Todos têm 4 pés.



53. A barriga está para trás e a cacunda para diante?

R: A barriga das pernas. Cacunda, plebeísmo com o significado de dorso, costas, etc.



54. Vai para o mato - é inhambu,
E quando volta é jacu?

R: O carretão - carreta grande - destinada ao transporte de toras em bruto; parte sem a cauda e volta com esta bem saliente - a madeira que transporta.

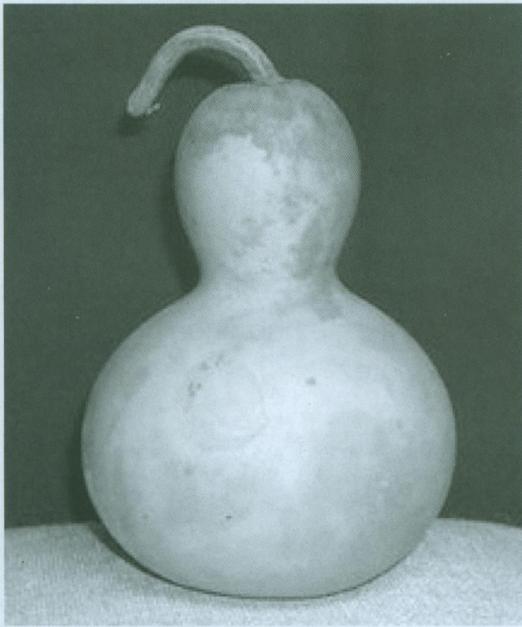
55. Cacunda de pau,
Língua de ferro,
Buxa de fogo,
Barriga de aço?

R: Ferro de engomar.



56. Deus fez e não acabou?

R: Cabaça - planta agreste; para ter serventia, como vasilha de conduzir água para a roça, precisa ser convenientemente limpa e curada.



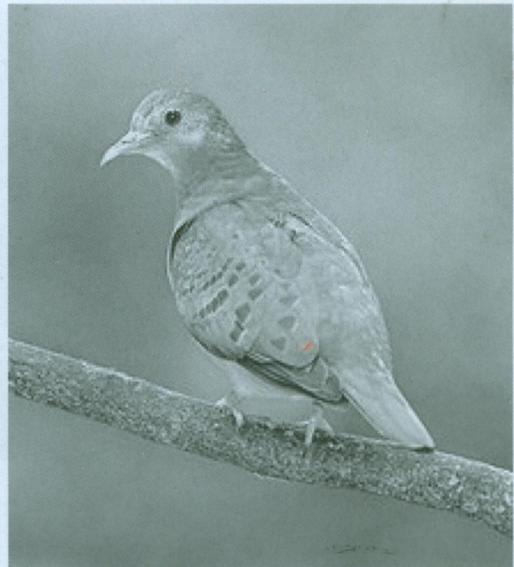
59. Está no meio da rua com duas pernas para o ar?

R: A letra u.



60. Juro por ti menina,
Pássaro de pena é.
Quem não sabe tal pergunta?

R: A pomba juriti.



57. Tem asa e não voa, tem bico e não belisca?

R: A chaleira.



61. Igreja de barro, escrivão de pau e muita gente tocando berimbau?

R: O fogão, a lenha e os cozinheiros.



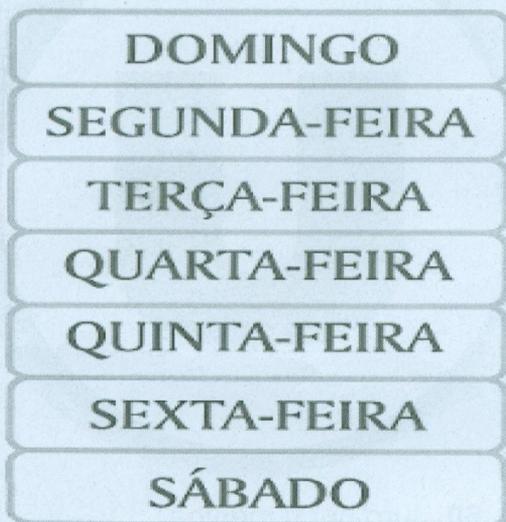
58. A gente tem e dura toda a vida?

R: Os lábios.



62. Somos ao todo cinco irmãos; cinco tem sobrenome e dois não?

R: Os dias da semana, todos com o aposto "feira" exceto o sábado e o domingo.



63. Somos ao todo cinco irmãos, mas um só é que usa chapéu?



R: Os dedos e o dedal.

64. Capinha sobre capinha,
Capinha do mesmo pano,
Quem não adivinhar isto hoje,
Não adivinhará nem pro ano?

R: A carta e o envelope.



65. Entra na igreja de cabeça para baixo?

R: O prego da botina (calçado).



66. Tem asa e não voa, tem boca e não fala, tem pé e não anda?

R: O pote.



67. Quanto mais se tira, mais aumenta?

R: O buraco e a terra; à medida que esta vai sendo extraída aquele aumenta em tamanho.



68. Geni subiu no pau - fez pá;
Geni desceu, fez - pó?

R: Genipapo.



Variantes:

Geni estava no ninho,
Caiu, quebrou o papo?

Se não passou, passei;

Se passei, não passou;

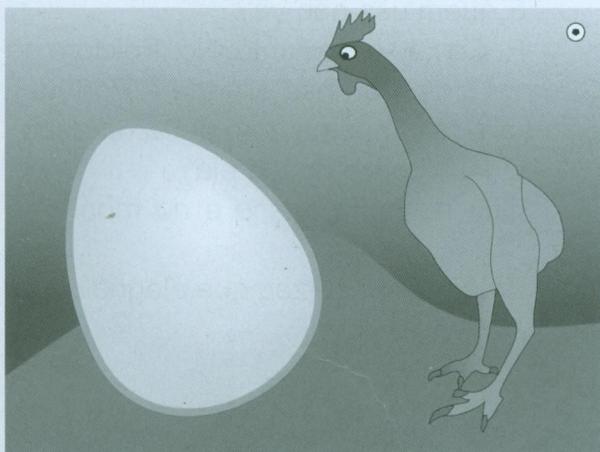
Como não passou, passei?

R: A fruta e o viandante; passando este aquela não passa de madura.



69. A riduvica tem pé, tem rabo e tem bico; o filho da riduvica não tem pé, não tem rabo e não tem bico; mas o neto da riduvica tem tudo isso: pé, rabo e bico?

R: A galinha, o ovo e o pintainho.



70. De noite incha, de dia pare?

R: Casa; de noite todos se recolhem a ela e de dia saem todos.



71. Um gurupé de dois pés

Matou um gurupé de quatro pés

Por causa de um gurupé de um pé?

R: O Homem que matou um coelho por causa de um pé de couve. Interessante a fraseologia popular ao empregar termos como riduvica, gurupé e outros sem o menor significado ou relação com a proposição formulada. Figuram no linguajar só para atrapalhar.



72. Estava na minha casa

Veio a ronda me pegar;

A casa escapou pela janela,

Só eu não pude escapar?

R: O rio, a rede de pescar, o pescador e o peixe.



73. Tem a mão fora do corpo?

R: O pilão.



74. Tem barba e não é homem, tem dentes e não é gente?

R: O alho.



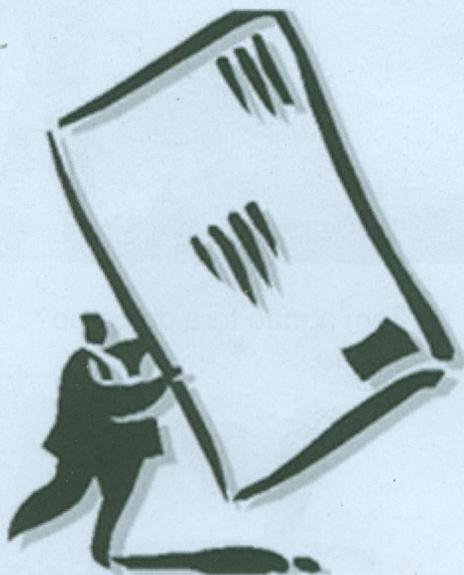
75. Pula para cima com a mão na cintura?

R: A mão de pilão. O pilão teve outrora grande influência na civilização caipira; era uma espécie de almofariz de madeira utilizado para descascar arroz ou café e triturar milho.



76. Fala e não tem boca, anda e não tem pernas?

R: A carta.



77. Curral grande,
Gado miúdo,
Moça formosa,
Homem carrancudo?

R: O céu, as estrelas, a lua e o sol. (Esta adivinha encontra-se entre as arroladas por T. Brandão, Nestor Diógenes

e Pereira da Costa, bastante generalizada por toda a parte).

78. Um lençol muito grande que não pode dobrar,

Dois queijos que não se pode cortar,
Tanto dinheiro que não se pode contar?

R: A mesma definição anterior.



79. Quem faz, faz para vender;
Quem compra não usa
E quem usa não vê?

R: Caixão de defunto. No "Folclore de Cadaval", de Cardoso Martha - Portugal, encontra-se a mesma com outra redação:

Qual a coisa, qual é ela?

Que no mato nasce e no monte se cria

E dá mais tristezas que alegria?



80. Passa de noite sem parar?

R: O rio, a correnteza.

81. Cava como tatu,
Voa como pássaro,
Ronca como boi?

R: Besouro.



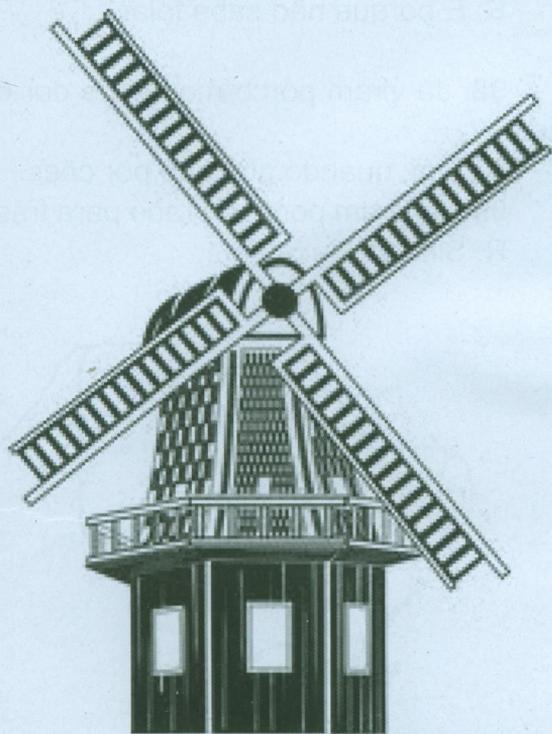
82. Está sempre com a boca aberta esperando carne?

R: Sapato.



83. Anda que anda, nunca chega à casa do dono?

R: Moinho.



84. Por que é que boi baba?

R: É porque não sabe cuspir (Esta e as seguintes caracterizam-se por capciosas e desnordeantes: são feitas para atrapalhar).

85. Por que é que cachorro entra na igreja?

R: Porque acha a porta aberta...

86. O que é bom com banana?

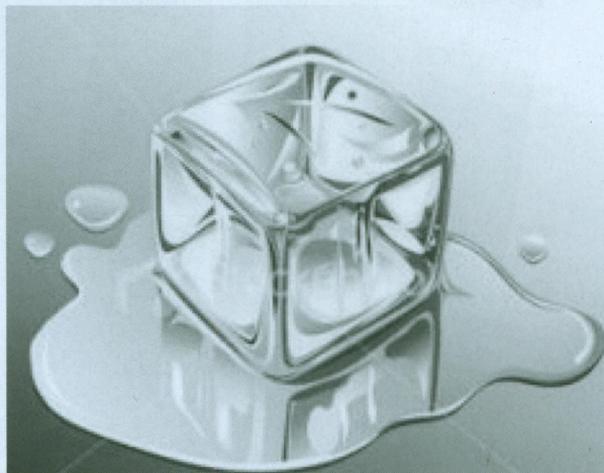
R: Os lábios, porque estes são necessários para comê-la.

87. O que é que segura a sopa no prato?

R: Os olhos; desviando-se o olhar a sopa se entorna.

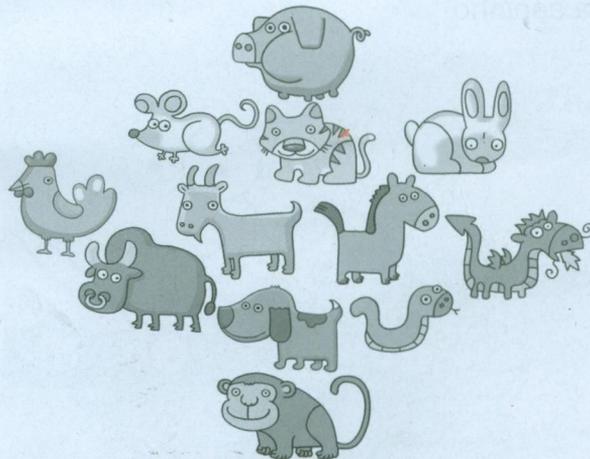
88. Qual é a pedra que atirada na água não se afunda?

R: Pedra de gelo.



89. Qual é o bicho que tira o rabo para comer?

R: Nenhum.



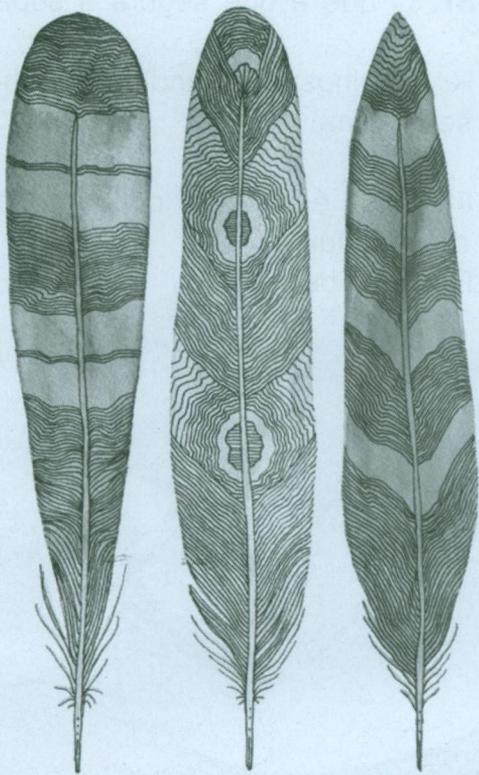
90. Qual é o queijo mais impaciente?

R: Aquele que é ralado.



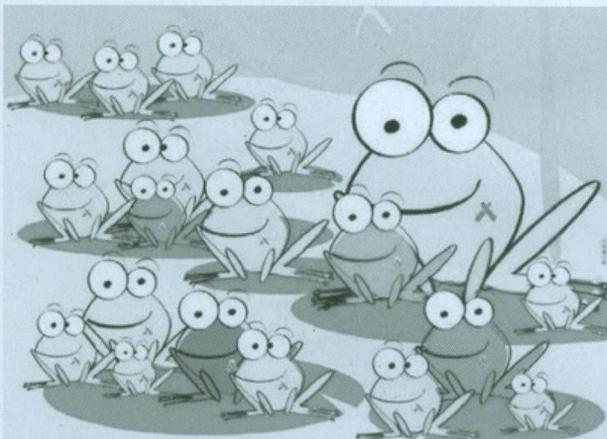
91. O que é que o travesseiro tem por dentro e a galinha por fora?

R: Penas.



92. Qual é a diferença entre forno e rio?

R: É que o forno assa o pão e no rio há sapinho.



93. Já viram casa de dois andares?

R: Sim; até de oito ou dez (pessoas que andam).

94. Uma se come,
Outra se faz comer?

R: Lima; fruto de limeira e instrumento de aço.

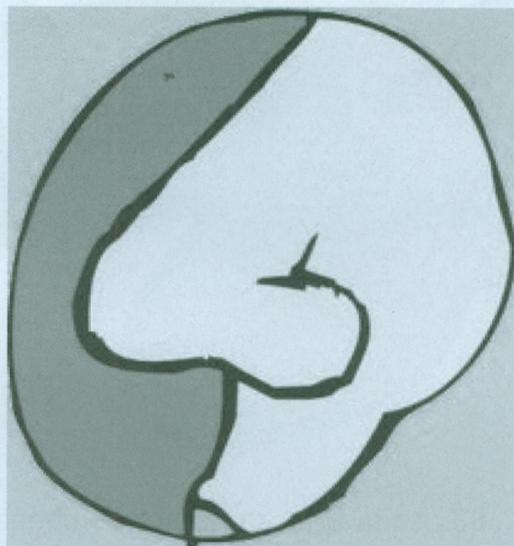
95. Por que é que cachorro rói osso?

R: Por dois motivos: não encontrar

carne e não poder engolir inteiro o osso.

96. O que é que mais cheira neste mundo?

R: O nariz.



97. Por que é que boi berra?

R: É porque não sabe falar.

98. Já viram porco morrer de dor de dentes?

R: Sim; quando atacado por cães...

99. Já viram porco de rabo para trás?

R: Sim, todos o têm...



100. Já viram cachorro beber água com o rabo?

R: Todos o fazem, pois não se livram da cauda para beber...

(*) Dedicamos este texto às memórias de José Sant'anna e Sebastião Almeida Oliveira. Foram pioneiros nos estudos folclóricos na região de São José do Rio Preto/SP, a partir dos meados do século 20. Ambos serviram de protótipo para nós.



GRUPOS PARAFOLCLÓRICOS - UMA REALIDADE NECESSÁRIA NO MUNDO POLICULTURAL DAS SOCIEDADES MODERNAS



Francisco Rogers Cavalcanti Ayres¹

Esse estudo, de caráter exploratório, descritivo e analítico, tem como objetivo registrar minhas impressões e comprovações a respeito da reconstrução da memória e identidade popular a partir da manutenção dos eventos que envolvem as representações folclóricas, de iniciativas religiosas, sociais ou mesmo turísticas, a partir da fomentação e disseminação dos grupos de jovens e estudantes popularmente denominados de “parafolclóricos”, como um fenômeno de exercício, reconhecimento, preservação e divulgação das manifestações tradicionais de um povo ou de uma determinada sociedade.

Aproveitando as viagens nacionais e internacionais do GRUPO TRANSART (Balé Folclórico de Alagoas), as participações primorosas em Festivais Mundiais de Folclore, os debates em Congressos e Encontros Nacionais sobre as manifestações brincantes e dançantes espalhadas pelos ciclos populares do Brasil e outras vivências, conseguimos traçar um panorama que demonstra claramente o crescimento dos projetos e eventos turísticos que alavancam essas transformações sociais e culturais, e que dão origem à outra realidade cultural onde as novas formas de interpretação da cultura folk, vista antes como algo intocado, congelado e museológico, passam por novos paradigmas e assumem novos contextos para não caírem no esquecimento, no desconhecimento contemporâneo ou serem automaticamente extintos ao longo dos anos.

Nessa discussão onde o progresso, a tecnologia galopante, os meios de comunicação e as mídias desenfreadas vão pintando as cores dos novos signos e referenciais de uma nova sociedade industrializada e capitalizada aos extremos, conseguimos descrever algumas situações bem apropriadas para endossar essas questões, através de uma pesquisa que tem uma metodologia muito comum, onde o método da observação assistemática, também chamado de “simples”, “não estruturada”, consiste em registrar tudo em fotos, vídeos, anotações, depoimentos, entrevistas, etc., e acumulando informações vamos fazendo comparações e aproveitando todas as experiências casuais, sem nenhuma planilha programada antes sobre os aspectos relevantes e os meios para observá-los.

1 Mestrando em Artes Cênicas – MINTER (UFBA-UFAL). Professor do Departamento de Artes da Universidade Federal de Alagoas. Fundador e Diretor do Balé Folclórico de Alagoas – GRUPO TRANSART. E-mail: transart_crb@hotmail.com



Através de uma visão dinâmica dos processos de interação e de relação entre os eventos, os organizadores e os produtos apresentados, foram sendo acumulados estudos, experiências vivenciais e comprovações da necessidade de se olhar com mais cautela e importância a esses grupos tão discriminados, às vezes, pelos folcloristas mais ortodoxos, e conferir a real funcionalidade desses grupos, que, quando constituídos com o lastro da seriedade, da pesquisa e da orientação correta pelos “mestres tradicionais”, atraem os curiosos, estudiosos, pesquisadores, turistas, etc., pela forma estética tão bela e impressionante como recontam suas histórias ancestrais, num contexto atual, promovendo sua terra e sua gente, e fortalecendo a economia local.

CONGRESSO DE FOLCLORE- ESTUDIOSOS E POLÊMICAS

Foi durante a realização do 10.º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em São Luis do Maranhão, em junho de 2002, que tivemos contato com uma seleção de ilustres autoridades do folclore brasileiro, além de vários mestres populares, que durante cinco dias circularam pelos salões do Hotel Vila Rica, trocando informações, promovendo intercâmbios, reafirmando antigas amizades, conhecendo novos pesquisadores e amantes da cultura popular, debatendo assuntos muito antigos que na modernidade se revestiram de novos parâmetros e adquiriram novos enfoques, e produzindo muita polêmica dentro das posições e dos conceitos defendidos nas esferas mais conservadoras e radicais dos estudiosos do folclore brasileiro.

Destacamos alguns cientistas das tradições populares ali encontrados naquela constelação de mestres, doutores e especialistas que coroavam de qualidade aquele inesquecível congresso, tais como: Bráulio Nascimento (CFRJ), Roberto Benjamin (presidente do Conselho Nacional de Folclore), Raul Lody (Funarte), Rose – Marie Reis Agrifoglio (CGF), Luís Assun-

ção (CRNF), Suzel Ana Heye (Belfast Unv), Gustavo Pacheco (MN/UGRJ), Aglaé Fontes de Alencar (CSF), Eleanora Gabriel (CFF), Cáscia Frade (CFF), entre tantos outros nomes de expressão nacional, que fizeram nossas manhãs e tardes se tornarem tão fascinantes e valiosas quanto as mais ricas e criativas rendas artesanais do Brasil.

Aquele congresso foi marcado por uma participação relevante de estudantes, professores, realizadores de festivais, antropólogos, ensaiadores, jornalistas, folcloristas e curiosos oriundos de vários Estados do Brasil, que ali estiveram apresentando seus trabalhos científicos, lançando revistas e periódicos diversos, documentando as apresentações folclóricas espalhadas pela cidade, promovendo oficinas de danças e folguedos populares, etc., num clima de festa junina contagiante, onde observamos o funcionamento dos “arraiás” de São Luís à noite, e tivemos nossa primeira experiência de contato com os famosos grupos de *BUMBA-MEU-BOI*, o famoso *CACURIA* de D. Teté e animados dançantes do *TAMBOR DE CRIOLA* num evento repleto de novidades e encantamentos que bem fazia jus ao slogan da campanha de turismo promocional daquele ano “Venha Conhecer o São João do Maranhão e compartilhar com todas as raças, sotaques e sabores!”.

Foi numa dessas manhãs de debates e mesas redondas do Congresso Brasileiro de Folclore que pedimos a palavra e externamos a nossa felicidade em ter a oportunidade de sairmos às ruas durante as noites naquela semana, e podermos conhecer uma infinidade de manifestações folclóricas tão ricas e tão maranhenses na sua essência, bem diferente de outros tipos do gênero de outras regiões do país. Ao comentarmos o sucesso que os grupos faziam interagindo com os turistas e a riqueza dos trajes e harmonia das orquestras acompanhantes de cada grupo, provocamos uma discussão ferrenha entre os participantes do evento, que se dividiram entre os que apoiavam a ascensão daque-



les grupos ditos como “estilizados” ou “de projeção”, e outros que os criticavam por estarem com muito apoio da sociedade e da indústria (principalmente do Turismo), enquanto os grupos tradicionais estavam sem estímulo e iam sendo extintos aos poucos, etc.

Alguns lamentavam que só tivéssemos elogiando aos grupos considerados “estilizados” ou “parafolclóricos”, que não eram comprometidos com a história das comunidades em que pertenciam, e não eram tidos como “autênticos”, ou grupos “de raiz”, ou, pelo menos, comandados pelos mais tradicionais “mestres populares” que eram estudados e respeitados pelos folcloristas da atualidade. Para eles, aqueles grupos com figurinos ostentosos, enredos cinematográficos, destaques fantásticos, etc., não passavam de grupos que haviam se distanciado da natureza que originava tudo aquilo e que era, apenas, comprometido em agradar aos turistas e cada vez mais proporcionar uma “espetacularidade” artificial distanciada da essência desses autos nascidos dentro da tradição.

Num evento onde os maiores pesquisadores do folclore nacional estavam presentes mais uma vez se nos deparávamos com a velha questão que tanto vem dividindo os estudiosos desse campo da antropologia, hoje habitado por cientistas

velhos e com pensamentos mais conservadores, e novos pesquisadores que entendem o processo da dinâmica do folclore tão efervescente, tão evolutivo e tão transformador como qualquer outro fenômeno comportamental social ou cultural que estão expressos dentro das sociedades humanas.

Onde existem grupos ativos que representam a história de suas comunidades através das danças, músicas, brincadeiras, etc., haverá sempre alguém, que, por razões diversas, utilizará essas manifestações para participar de projetos onde a “representação” e a “espetacularidade” prevalecerá sobre as intenções devocionais ou ritualísticas do fenômeno, com o apoio de uma corrente da sociedade capitalista que tentará de todas as formas obter o “lucro” com esses espetáculos. É aí onde a polêmica germina e se ramifica entre estudiosos, pesquisadores, brincantes, simpatizantes, investidores, gestores, ensaiadores e jornalistas.

Acho que só a partir daquele evento tão importante, e de conhecer pessoas tão destacadas e com pensamentos ainda tão congelados no tempo, que entendemos melhor esse processo de prós e contras sobre um fenômeno que não tem como ser controlado ou excluído da realidade dos processos de transformações culturais



espalhados pelo mundo, pois a ideologia do “autêntico” ou “não autêntico” já foi superada e que os fatos e acontecimentos contemporâneos das últimas décadas demonstram claramente em que estes grupos populares estão se transformando e por quê.

Nos tempos atuais a sobrevivência da nossa história folclórica está intrinsecamente ligada às motivações induzidas pelos grupos econômicos, que promovem os eventos, patrocinam os grupos, fomentam a formação de novos grupos e incentivam a reestruturação estética das novas apresentações, que se revestem de novas ideias, inovam nos figurinos e nas orquestrações e concorrem nos concursos brigando por títulos, prêmios e reconhecimentos. Neste contexto a polêmica vai continuar sempre presente, pois, se dentro de um próprio grupo de torcedores de um mesmo time, ninguém se entende direito a respeito de uma jogada, imagine dentro de grupos concorrentes, onde as situações de sobrevivência emergem de cenários muito cruéis de falta de apoio, alienação de valores, ou do colonialismo das culturas de massa!

TURISMO, FOLCLORE E MODERNIDADE

Os tempos são outros. Já não podemos entender o fenômeno das manifestações dançantes folclóricas como algo representativo e estático atravessando o tempo de forma intocável. A relação turismo e folclore tem sido alvo de estudo e preocupação de vários pesquisadores pelo mundo inteiro.

De uma atividade antiga que globalizava viagens e deslocamentos de viajantes pelo mundo inteiro, o turismo se expandiu se organizou e se tornou uma grande indústria mundial.

Da década de 70 para cá os setores econômicos mundialmente passaram a incluir o turismo como fator determinante

da alavancada de todos os processos de desenvolvimento.

Com a revolução industrial o turismo passou a ser uma atividade econômica multifacetada e multidimensional abrangendo pessoas, empresas, institutos, comunidades todos interagindo ao mesmo tempo com interesses e finalidades diferentes.

Como atividade de amplo comércio de consumo capitalista de serviços necessita de uma infraestrutura específica para cada ação e está efetivamente engajada nas políticas públicas dos governos de cada Estado, cada município ou cada povoado deste imenso país.

Neste complexo e infinito mundo de formas de exploração do turismo, está inserido o turismo cultural. Dentro da prática e fomentação do turismo cultural encontramos vários projetos associados as atividades culturais, muitas vezes também conveniados com as Secretarias de Educação e de Cultura, sempre explorando características peculiares de cada região nas mais diversas áreas (geográfica, histórica, cultural, artística, etc.).

O Turismo Cultural é um destes segmentos. O Ministério do Turismo aponta que o turismo cultural compreende as atividades turísticas “relacionadas a vivencia do conjunto de elementos significativos de patrimônio histórico (sic) e cultural e dos eventos culturais, valorizando e valorizando os bens materiais e imateriais da cultura”. De acordo com a OMT (2001), entende-se o turismo cultural:

- 1) *“baseado nos atrativos culturais que possuem o local, sejam permanentes ou temporários”, tais como*



patrimônios tangíveis, museus, orquestras, atrações teatrais ou musicais, etc.,
2) “baseado nas características culturais ou sociais de uma população que dispõe de um estilo tradicional de vida ou com características próprias”. Em uma pesquisa de 2005, sua prática representava 13% (3º lugar) no ranking de “motivos para realizações de viagens domésticas” no Brasil (NETO 2007, p.03, 04).

não polui, que não destrói. É a indústria que excita as pessoas a conhecer as belezas locais. Então baseada nesses dados eu tenho feito muitos trabalhos, muitas palestras, encontros com prefeitos, com secretários, com comunidades, objetivando sensibilizá-los a trabalhar o folclore e a cultura popular, a fim de que venham a servir de meio para o desenvolvimento dos municípios (GOMES, 1996, p. 212, 213).

Muitos estudiosos, professores e pesquisadores nas últimas décadas registraram em seus trabalhos a importância de se preservar as manifestações populares de cada região, com um olhar voltado para a questão do desenvolvimento do turismo cultural no país, e a necessidade de oferecer esse produto aos visitantes.

Em tempos modernos não se pode mais pensar o nosso folclore como uma lembrança congelada do passado que vai se desfigurando com o tempo, e desbotando nos livros e anais da história do país. Nossas tradições dançadas precisam ser remontadas, revividas, mostradas e produzidas dentro de um contexto de desenvolvimento social, cultural e econômico, como todas as outras manifestações da cultura, quer seja erudita ou popular.

Num Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe/janeiro-1996) aconteceu um grande simpósio intitulado “Globalização da Cultura, Folclore e Identidade Regional”, e muitos cientistas, doutores e antropólogos apresentaram seus trabalhos enfatizando a importância de encarar os rumos dos novos tempos e das novas maneiras de se pensar as questões que envolvem as nossas manifestações populares.

Hoje o turismo é a grande indústria sem chaminé, que

A professora Neide Rodrigues Gomes, formada em Música, Folclore e Turismo, há 17 anos já vinha trabalhando em vários estados do Brasil para gerar uma consciência de que só poderemos sobreviver ao avanço da cultura globalizada e midiática, e aos apelos da tecnologia, da internet, etc., se tivermos um bom trabalho nas escolas de preservar nossas tradições e lançar mão do apoio da área do turismo para motivar a continuação e preservação dessas manifestações. As pessoas não podem realizar eventos e montar trabalhos só por encomendas ou para cumprir calendários. É preciso que haja uma vivência e a descoberta do significado daquilo que se está fazendo. O grande problema encontrado na continuação de quem se propõe a realizar esses trabalhos é a falta da vivência, da valorização partida da experiência, da familiarização e identificação daquilo em que se está metido.

Mas cadê o prazer, a valorização da nossa cultura? Eu venho há 30 anos brigando pela necessidade de fazer o parafolclórico. Procuo deixar o máximo possível próximo do original, para não desvirtuar. Levo aos alunos a experi-



ência da vivência do folclore. Se a gente fizer uma análise sobre a globalização da cultura, nós temos como exemplo Parentins.

O ano passado o Boi, na festa junina, levou simplesmente 30 mil pessoas para Parentins. Foram 4.500 barcos para Parentins, 30 mil turistas, que de alguma forma viraram brincantes porque no Boi de Parentins, além de pessoas que brincam na arena tem os torcedores, os participantes indiretos (GOMES, 1996, p. 214).

Já entre os dias 12 e 16 de dezembro de 1995, com vistas a releitura da Carta do Folclore Brasileiro, a Comissão Pernambucana de Folclore declarou:

A relação folclore e turismo é um dado de realidade que não pode ser escamoteado. Já não se trata de ser a favor ou contra o turismo, mas se discutir o modo como a relação folclore e turismo está se realizando e recomendar o seu redirecionamento com vistas à preservação do folclore. (...) As manifestações folclóricas, como fatos culturais, existiram, existem e existirão sem o turismo, como o turismo ou apesar do turismo.(BENJAMIN, 2000, p. 122).

O folclorista Roberto Benjamin em várias situações, e, principalmente na sua vasta obra literária que analisa tão bem as questões que dão corpo e vida ao processo de desenvolvimento do folclore brasileiro está sempre discorrendo “sobre as estratégias de sobrevivências das

culturas regionais em face do processo de globalização percebendo o folclore em toda a sua dinamicidade, como um canal de comunicação coletiva que está sujeito às mudanças e a determinadas circunstâncias sociais, econômicas e políticas. O turismo e a comunicação de massa são parte desses fatores que interferem no folclore.. Para o autor, a idéia de um impacto apocalíptico precisa ser relativizada, pois existem variados processos culturais moldando as identidades no país. Uma das estratégias que as culturas tradicionais utilizam para sobreviver é a “fusão com elementos da cultura de massa”, gerando novos produtos(GUARALDO, 2012, p.80).

Mais uma vez encontramos estudiosos pelo Brasil inteiro que já não aceitam o fenômeno folclórico como uma coisa estagnada no tempo e que não recebam interferências diretas destes fenômenos típicos que agem e interagem sobre as massas da era moderna.

Na grande obra o Professor Roberto Benjamin publicada em 2004, intitulada “Folkcomunicação na sociedade contemporânea”, ele nos brinda com mais um pensamento formidável:

(...) a fusão de elementos da cultura tradicional com elementos da cultura de massa, constitui um processo próprio da dinâmica cultural; a idéia do portador de folclore como uma pessoa ágrafa e pré-lógica é absolutamente incompatível com os tempos atuais; a população de cultura folk não está isolada, mas, pelo contrário, encontra-se articulada com a cultura de massas (BENJAMIN, 2004, p.28).



MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES - NOVOS FORMATOS DA TRADIÇÃO

Nesses 37 anos em que fundamos o Balé Folclórico de Alagoas – GRUPO TRANSART, foram inúmeros os projetos de viagens nacionais e internacionais, em que participamos dos mais representativos Festivais de Folclore, representando o Estado de Alagoas ou o Brasil, e promovemos muitos intercâmbios, onde pudemos constatar que nos novos tempos a modernidade também chegou às estruturas que organizam e promovem o folclore de seus povos. Os painéis e projeções que aparecem nos palcos, a produção literária, os crachás, os sites, as programações, etc., são todas resultado de grandes produções e investimento de grandes empresas multinacionais que trabalham com cifrões para garantir o sucesso desses eventos, e os grupos passam por seleções rigorosas, em que aqueles que não estiverem preparados e inseridos nas formatações desses eventos fantásticos e contemporâneos, jamais terão acesso. Até os projetos e editais governamentais que contemplam apoios para os grupos de espetáculos nas questões de premiações, patrocínios, circulações, etc. são muito complicados e burocráticos e precisam de uma boa assessoria contábil para alcançar sucesso ao final. Tudo isso vem reforçar nossa convicção de que é muito importante o trabalho dos grupos parafolclóricos, ou grupos de projeção, porque são eles que constantemente atravessam fronteiras, divulgam as danças e folguedos de suas cidades, conquistam novos simpatizantes e encantam os olhares turistas de todas as partes do mundo.

Com o desenvolvimento do progresso, a massificação dos meios de comunicação modernos, a imperiosa ditadura da televisão, etc., um turbilhão de informações, novos signos, novos comportamentos, etc., se espalharam pelas metrópoles e foram inundando as áreas rurais de forma devastadora, gerando novos acontecimentos, novas gírias, novas tendências, e o reflexo de tudo isso passa a interferir nas formas até então tradicionais de se lidar com os fenômenos culturais, históricos, antropológicos e sociológicos de cada região. A tradição começa a expressar o reflexo dessas mudanças dos novos tempos e percebemos as influências em todos os rituais, festejos e acontecimentos de cada ciclo popular.

As bandeirolas não são mais de papel de seda e sim de plástico, pois servirão melhor para enfrentar o rigoroso inverno da época junina; as fogueiras perderam a facilidade das estradas de barro e agora já não poderão ser fixadas no asfalto duro de quebrar e cheio de instalações subter-



râneas; os balões são perigosos para a população e passam a ser proibidos pelos bombeiros; as carroças de burros vão desaparecendo da paisagem urbana e com elas a tradição dos desfiles dos casamentos caipiras; os pastoris tão típicos nos colégios de freiras vão desaparecer junto com essas instituições que estão em extinção; os mestres dos folguedos vão envelhecendo e morrendo e seus filhos preferem uma vida moderna de trios elé-



tricos, boates, computadores, etc., não se interessando na continuação dessas “brincadeiras”, e, por outro lado, a violência urbana vai retirando o povo das ruas e a insegurança é geral.

Esse e outros fatores vão contribuir notavelmente para que as manifestações folclóricas sofram mudanças e sejam sufocadas com muitas pessoas sumindo das ruas e confinando-se isoladas diante das TVs e computadores pelo país afora.

A partir dessa constatação percebemos muitas mudanças nas organizações que tentam, a muito custo, e movidos por uma grande resistência cultural, manter viva as tradições durante as festas populares do Natal, São João e Carnaval. Os blocos agora vão perdendo a riqueza das fantasias e sendo resumidos em desfiles de “abadás”, nas festas populares; as comidas típicas são substituídas por “churrasquinhos de gato” e bebidas alcoólicas chamadas de “capetas”; os instrumentos musicais são todos industrializados e feitos com nylon, acrílico e metais; tamancos de madeira para percussão dos cocos não se fabricam mais e as reuniões e ensaios são sempre marcados para “depois da novela”, e por aí vai. Essa é só uma pequena anotação de algumas mudanças que surgiram na sociedade com seus conflitos culturais de uns tempos para cá.

NOVAS TECNOLOGIAS - COMUNICAÇÃO INSTANTÂNEA

As modernas tecnologias e o fascínio da comunicação instantânea têm influenciado as transformações no comportamento das sociedades, assim como nos costumes e, conseqüentemente, nas várias manifestações da cultura popular e do folclore.

A influência da indústria cultural penetra nas mais distantes

regiões do Brasil. Porém é necessário que se pesquise, sem restrições ou preconceitos, para não se anunciar precipitadamente o desaparecimento de manifestação cultural “A” ou “B”. BOSI afirma que: “na cultura popular, novo e arcaico se entrelaçam: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram. (...) Tanto do ponto de vista histórico quanto funcional, a cultura popular pode atravessar a cultura de massa tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte”. Gramsci ressalta a criatividade da cultura popular ao incorporar os problemas da sociedade industrial urbana nas diferentes formas de manifestação, depois que estes são interpretados conforme a sua concepção (TRIGUEIRO, 1996, p.99,100).

Assim como grandes pensadores e estudiosos, o Prof. Osvaldo Trigueiro em seu artigo reafirma que “as divergências, as contradições e os conflitos estão presentes nas relações de produção cultural das classes populares. Os bens simbóli-



cos são transmitidos, na sua maioria, através da oralidade, com a (inter) mediação de um significativo número de pessoas que participam do processo de comunicação, variando de acordo com o maior ou menor grau de influencia na comunidade. Esses fatores fazem com que as mensagens sejam decodificadas diferencialmente, conforme as regras sociais do seu grupo” (TRIGUEIRO, 1996, p.101).

Não resta dúvida que diante de todas essas declarações confirma-se que o fenômeno das manifestações culturais está sempre num processo dinâmico de transformação e evolução, e que não existe nenhum processo museológico ou congelatório determinando as ações que movem os interesses e expressões populares das manifestações folks. Os estudos da folkcomunicação desenvolvidos pioneiramente por Luiz Beltrão¹ nos permite uma vasta visão dos sistemas participativos de comunicação dos pequenos grupos comunitários populares e um entendimento mais profundo sobre a dinâmica cultural, da questão das identidades culturais aos níveis das macrorregiões, das microrregiões e suas relações com os sistemas de produção cultural dos meios de comunicação de massa.

Ora, se todas essas interferências influenciam diretamente nos mecanismos de produção das atividades populares, como alguns estudiosos mais radicais podem ainda conceber a idéia de que devemos preservar as danças folclóricas e os folguedos populares como se ainda estivesse nos séculos que passaram? Impossível. Mesmo os grupos mais tradicionais,

mais conservadores, já não seguem uma cartilha radical de ensaios, composições, marcações e figurinos de suas danças. Como exemplo bem simples podemos citar a inclusão de mulheres dentro do enredo do Fandango do Pontal da Barra, em Maceió – AL (coisa inaceitável nas origens do folguedo), ou mesmo a questão da utilização de bijouterias, contas e bolinhas artesanais na confecção dos gigantescos chapéus dos Guerreiros Alagoanos, pelo fato de que não se fabrica e não se comercializa mais as famosas missangas coloridas chamadas “aljôfar”, que tanto enriqueceram e fizeram a fama dos belíssimos chapéus espelhados dos Guerreiros da década de 60 e 70.

Num mundo onde tudo acontece muito rápido, onde as informações são globais e instantâneas a todo o momento, até mesmo via celular, as grandes festas populares no Brasil apresentam o reflexo dessas interferências em todos os locais. Nos Festivais, nas mostras e nos concursos folclóricos, sejam de bois, de quadrilhas, de cocos, ou de qualquer outro tipo de manifestação popular, lá encontraremos inovações de todos os tipos! A formação da mesa julgadora desses eventos, o espaço e infra-estrutura desses locais, o regulamento, a formação dos grupos, os itens incluídos de acordo com os interesses dos brincantes, as questões relacionadas a tempo de exibição, número de componentes, figurinos, acompanhamento musical, etc., refletem as transformações dos novos tempos claramente.

¹Luis Beltrão afirma que a folkcomunicação é a comunicação dos marginalizados, ou seja, daqueles que estão à margem da grande mídia e precisam comunicar aos seus pares alguma informação. Então em 1967 Beltrão defendeu a tese de que Folkcomunicação é um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias. Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.



Não poderíamos entender o significado do grande número de grupos de atividades parafolclóricas espalhados pelo mundo se não nos reportássemos à obra atualíssima do grande pensador francês Edgar Morin², que na década de 60 analisou a cultura de massa criada pelo sistema industrial capitalista diagnosticando o prejuízo da cultura culta e da popular diante da cultura massiva. Além disso, previu a homogeneização dos costumes, uma vez que a indústria cultural procuraria atingir o maior público possível. As sociedades modernas são policulturais (MORIN, 1977, p.16). Sendo assim, Morin afirma que, na conjuntura moderna, culturas de natureza diferentes se relacionam e influenciam umas às outras.

A cultura urbana popular conserva alguns traços da cultura folclórica. Apesar de não ter raízes num passado longínquo, ela tem gírias e relações de vizinhança, o espaço público da taverna, do pub. As culturas urbanas populares e folclóricas têm a interferência de outras culturas como a nacional, a cristã, a socialista. *“Mas é a cultura industrial que desagrega efetivamente as culturas do “hic” e do “nunc”. Ela tende ao público indeterminado. Não possui raízes, mas uma implantação técnico-burocrática”* (MORIN, 1977, p. 64). É nesse contexto que entendemos que não existe no mundo expressão cultural que não contenha as influências de outras expressões cênicas, ideológicas e sócio-culturais interligadas dentro da mesma cultura como parte da universalização de conteúdos e

informações que absorvemos ao longo da vida em sociedade.

A pesquisadora Christianne Galdino³ em seu livro *“Balé Popular do Recife – A Escrita de uma Dança”* chama a atenção sobre as fortes marcas das tradições populares pernambucanas, que, (...) *“por sua vez, traduzem a peculiar diversidade do Estado, resultante de uma “mesclagem” dos mais variados elementos étnicos. Além de esclarecer a que nos referimos quando falamos em “culturas populares”, é preciso situar na contemporaneidade este conceito. A idéia de hibridismo cultural, difundida por Canclini⁴ se torna fundamental para a compreensão desse novo cenário, em que os antigos conceitos não conseguem mais definir como antes a produção cultural, “pois esta parece não ser mais unicamente erudita, ou unicamente massiva muito menos genuinamente popular”* (GALDINO, 2008, p.12).

O grande pesquisador e escritor Renato Almeida⁵ já nos brindava com seus conceitos que assinalava os fatos folclóricos como sendo *“fatos vivos e em perpétua transformação, ligados ao passado, adaptando-se continuamente ao presente e cumprindo sempre o seu destino, de atender a necessidades mágicas, religiosas, artísticas, econômicas, etc. dos seus portadores”*. Eis aí mais uma boa afirmação de que esses fenômenos são integrados e por isso estão sempre em transformação, adaptação e reconstrução permanente, pois seguem a dinâmica das evoluções e inter-relações das diversas formas de culturas do mundo pluricultural que vivemos. Essa integração do folclore também é destacada na obra de Edison Carneiro⁶

2 Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum (Paris, 8 de Julho 1921), é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita. É considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos da complexidade.

3 Christianne Galdino é pesquisadora de dança, jornalista recifense, com pós-graduação em Jornalismo Cultural (Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP), coreógrafa e bailarina, estudiosa do Balé Popular do Recife.

4 Nestor García Canclini é um antropólogo argentino contemporâneo. O foco de seu trabalho é a pós-modernidade e a cultura a partir de ponto de vista latino-americano. É considerado um dos maiores investigadores em comunicação, cultura e sociologia da América Latina.

5 Renato Almeida - Pesquisador, escritor, musicólogo e folclorista. Foi um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore. Nos anos seguintes, entre 1947 e 1952, promoveu em vários estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Alagoas, a Semana do Folclore. Foi nomeado diretor-executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Publicou diversas obras sobre música e folclore.

6 Edison Carneiro - Foi um escritor brasileiro, especializado em temas afro-brasileiros. Fez todos seus estudos em Salvador, até diplomar-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1936. Publicou várias obras sobre a sabedoria popular.



intitulada de *Dinâmica do Folclore* que diz “um todo, um sistema integrado dinâmico de crenças, de costumes e processos de pensamento e de ação inseparável da vida cotidiana – a cultura popular”. Outra citação riquíssima acerca da riqueza de elementos que compõem a cultura popular, formando um conceito vasto que inclui todas as manifestações da cultura material e imaterial de caráter tradicional e espontâneo de uma coletividade.



A hibridização é compreendida pelo autor argentino como os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Como o autor lembra, a hibridização nem sempre é fruto de uma opção consciente do artista. Muitas vezes ela acontece de forma não-planejada, surgida como decorrência inesperada de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico e/ou comunicacional. (CANCLINI apud SOTER, 2007, p.44).

E já que temos todas essas referências para fundamentar a nossa convicção de que os Grupos Parafolclóricos são resultados dessas novas formas de expressão popular através das novas releituras da história das danças e folguedos folclóricos que surgem por toda a nação representando seus locais de origem e suas comunidades, nesses novos tempos de hibridização cultural, finalizamos endossando mais nossas colocações contra as

visões mais “puristas” do popular ou tradicional (como alguns ainda teimam em defender), e abraçamos a colocação da pesquisadora Ana Paula Campos Lima⁷ que nos proporciona esse belo presente em sua obra:

Não se pode enxergar as culturas populares como estáveis ou intocáveis, pois suas características sofrem constantes transformações, apropriando-se de elementos da modernidade. Tais elaborações têm, hoje, a cultura de massa como aliada, sendo o espaço do massivo propício a novas combinações, permitindo a inserção de elementos como os eletrônicos. As reconversões do popular para a cultura de massa amplificam as tradições do local, passando não mais apenas a sofrer influências, como também a influenciar no global, tornando o popular uma base fértil para a criação de novas identidades a partir da união multicultural contemporânea entre elementos do rural e do urbano (LIMA, 2005, p. 108).

⁷ A obra analisa a trajetória da banda pernambucana Cordel de Fogo Encantado. No livro, a autora Ana Paula Campos Lima estabelece uma relação entre a cultura popular que originou o trabalho do grupo e a cultura de massa, da qual o Cordel de Fogo Encantado recebeu influências para o seu trabalho.



OS PARAFOLCLÓRICOS NA ATUALIDADE

Num belíssimo trabalho das Professoras da Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus-BA, Valéria Ami⁸ e Christiana Cabicien Profice⁹ intitulado de “*Terno Diamante: estudos preliminares em Folkcomunicação*”, apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM - (2005) encontrei uma definição bem contemporânea que reafirma cada vez mais minhas convicções de que os Parafolclóricos estão desenvolvendo seu papel corretamente, sem merecer nenhuma maldição de rejeição ou crítica daqueles que não se atualizaram e viajaram pelo mundo constatando as transformações evidentes que estão em plena rotação dentro das culturas urbanas, de massa, espontâneas, primitivas, ritualistas, midiáticas, ou seja o que for. Veja como esses assuntos aparecem no imaginário acadêmico de todos que lidam com comunicação, cultura, folclore, tradição, etc.

Dentre as manifestações populares consideradas folclóricas, encontramos uma diversidade de grupos que utilizam o folclore, direta ou indiretamente, para sua expressão, os folguedos populares são um exemplo. No Brasil, os folguedos são conceituados como um conjunto de danças, aútos e brincadeiras (infantis e adultas) produzido pelo povo e, reconhecido através da aceitação coletiva e pela tradição, mantendo-se, sobretudo, pela transmissão oral, transformando-se,

variando ou apresentando novos aspectos. Normalmente, estão relacionados aos aspectos do cotidiano local, respeitando o desenvolvimento dos grupos a que pertencem nas suas diferentes representações sobre sentir, pensar, criar e reagir. Nesse sentido, destacamos a observação de Cortzar (1959) ao falar sobre os fenômenos folclóricos, sua funcionalidade e identificação com a vida material, social e espiritual da comunidade.

O povo – crescente – se – desembaraça ou deixa passar sem aceitar – los aqueles “pesos mortos”, aqueles elementos que tenham perdido ou não hajam chegado a adquirir uma “função” na existência do grupo. E quando esta função ao contrário se cumpre, isto é, quando um elemento qualquer (comida ou morada, mito ou canção) demonstra apitado para satisfazer necessidades da comunidade, permanece por isso mesmo engrenado no contexto da cultura do grupo, à qual integra organicamente. “Vitalmente” (apud BELTRÃO, 2004, p.67) – AMIM/PROFICE, 2005, p.02)

Com essa larga experiência de 37 anos pesquisando, dançando, viajando pelas mais longínquas fronteiras, percebemos que existem muitos grupos culturais de danças e folguedos, assim como de outras várias manifestações populares,

⁸ Professora Assistente A de Metodologia da Pesquisa em Comunicação do Dep. de Letras e Artes da UESC.

⁹ Professora Assistente B de Psicologia do Dep. De Filosofia e Ciências Humanas da UESC.



que apesar de mergulhados nesse mundo “globalizado” e muitas vezes “alienado”, fazem seus trabalhos com muita seriedade, pesquisa e orientação dos representantes populares que preservam as tradições de suas comunidades. Com uma grande admiração, respeito e reverência pelos valores culturais herdados de seus antepassados procuram expressar essa paixão pela sabedoria popular através da formação de grupos que ensaiam, dançam e cantam toda a riqueza extraída da sua identidade cultural, evocando o passado nos novos rituais recheados de beleza, criatividade e inovações que esteticamente encantam aos novos brincantes, e ao público participante da sua comunidade, ou visitantes. Esses grupos vão se organizando, juridicamente, financeiramente, socialmente, etc., e vão voando para novos eventos e representações, levando a imagem de suas cidades e seus Estados. Alguns crescem e participam de eventos que, com a ajuda e o patrocínio de órgãos governamentais vão ficando famosos e gigantescos e passam a fazer parte dos calendários de festas e eventos nacionais. Temos os exemplos das Festas de Parintins (AM), Porco no Rolete (Toledo-PR), Tambores Silenciosos (Recife-PE), Festas Juninas de Campina Grande (PB) e Caruaru (PE), Festa do Peão e Boiadeiro em Barretos (SP), a Festa das Cavalhadas de Pirenópolis (Goiás) e de Guarapuava (PR), etc., que são repletas de manifestações folclóricas, principalmente de origens parafolclóricas. Além desses exemplos, não poderíamos esquecer os grandes festivais nacionais e internacionais de folclore que acontecem por todo o Brasil, principalmente no mês do folclore (agosto), destacando os internacionais de Caruaru (PE), Praia Grande (SP), Passo Fundo, Nova Petrópolis, Cruz Alta, Soledade, Nova Prata e Porto Alegre (RS), e os nacionais de Blumenau (SC), Olímpia (SP) e Teresina (PI).

É bem visível que em todos os eventos em que o Grupo Transart participou nos últimos anos (a maioria desses citados) as inovações e transformações estéticas e estruturais estavam presentes em

todos os Grupos convidados representando seus Estados! O novo formato desses novos grupos foi resultado de todos esses processos híbridos culturais que estamos analisando aqui neste trabalho. Foi e é um processo lento, que vai incorporando as novidades, as mudanças, os novos estilos, etc., para sua sobrevivência e continuidade. Esses grupos surgem nas Escolas, nas Academias de dança, nos Centros Comunitários dos bairros, nos Grupos de Terceira Idade, nas Universidades, Associações de Bairros, etc., para homenagear os grupos tradicionais de raiz que já se encontram em extinção, ou para exercer uma cidadania que reivindica o direito de também se expressar com seus valores culturais da forma que mais lhes dão prazer e orgulho. Participam dos concursos e festivais como atletas que defendem sua bandeira a qualquer custo. Mesmo que estejam dividindo os palcos com os grupos “de raiz”, mais tradicionais, eles são esperados com muito entusiasmo pelo público, pois prometem sempre “surpresas” em cada apresentação, que faz parte do jogo da “espetacularidade” já tão comum nos mistérios que antecipam os desfiles das Escolas de Samba, ou da entrada dos Bois ou Quadrilhas nos Concursos Municipais e Estaduais. Nos Festivais Internacionais que participamos na Itália, França, Holanda, Bélgica e Alemanha nos anos de 1996, 1997, 2006 e 2010 já constatávamos os sucessos que faziam os russos com suas acrobacias, as piruetas dos poloneses, o sapateado dos mexicanos, e a sensualidade dos grupos brasileiros com seu forró, samba, xaxado, caboclinhos e maracatu, todos representantes de um belíssimo trabalho de releituras folclóricas, com muita projeção e um acabamento estético de padrão internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto todos esses fatos e analisando todas as afirmações que ressuscitamos nesse breve estudo, concluímos que não há mais espaço para discriminações contra os grupos parafolclóricos como se



fossem “falsos”, “não autênticos”, “deformadores”, “decepcionantes”, etc., como já se ousou carimbá-los no passado conservador e resistente.

É preciso reconhecer que com a extinção de muitos terreiros, arraiás, pavilhões, quermesses, palanques, etc., substituídos pelo hábito dos trios elétricos, discotecas, lan houses, etc. esses novos grupos que foram surgindo foi à tentativa mais sensata da sociedade continuar reverenciando suas danças folclóricas e por isso mesmo tivemos contato e conhecimento com umas centenas delas que circulam por aí afora.

É preciso reconhecer que já não existem fronteiras entre o Brasil urbano e o rural e isso alterou profundamente a dinâmica das festas populares. Na atualidade percebemos claramente que nossas festas tradicionais só sobrevivem quando se adaptam aos novos tempos.

Fazendo um recorte nas festas populares pude verificar que elas incorporaram outros códigos – códigos compatíveis – em sua organização estrutural resultante de vários fatores... (...) As festas não podem ser consideradas nem urbanas, nem rurais, pois são estruturadas através da coexistência desses dois universos. E também a quantidade de festas e suas formas há muito não representam sua origem. (...) As alterações se processam durante um longo tempo e, quando manifestadas, representam aquele momento em que se dá aquela manifestação; ou seja, os códigos dessa época predominam e trazem novos significados para a festa. O povo se renova e renasce.

A festa reconvertida traz novas dimensões (SCHMI-DT, 2000, p.13,14).

Como estudiosos e praticantes das artes folclóricas não podemos concordar é que qualquer um saia por aí montando grupos por encomendas, criando coreografias “inventadas” e delirando com figurinos exóticos para ganhar concursos, sem nenhum compromisso com a história original desses autos festivos populares. Imaginem se daqui há algum tempo tivermos que aceitar ou tolerar “quadrilhas juninas com coreografias inspiradas nos shows da Madonna”? Pastoris que substituam o “encarnado” e o “azul” pelo “laranja” e o “lilás”? Coreografias de “leque, leque, leque, leque!” nas rodas de coco? Tudo em nome do puro delírio e exibicionismo de alguns desavisados, alienados e deturpadores do nosso formato tradicional de praticar uma cultura folclórica mais comprometida com a história real dos nossos antecessores. Alguns grupos ou “falsos grupos parafolclóricos” que existem por aí deixam bem obvio suas intenções de oportunismo para curtirem viagens e turismo, ou são terapias ocupacionais de alguns “estilistas” ou “artistas” que vivem nos devaneios do narcisismo doentio.

A importância dos Grupos Parafolclóricos para a sociedade moderna e policultural é muito grande quando percebemos a importância que as entidades educacionais, culturais e turísticas estão dirigindo aos projetos que contemplam o ressurgimento e a valorização dessas manifestações, mas por mais inovador, chocante, impactante, ou sensacional que um grupo de projeção possa ser, ele terá que estar em sintonia com a base estrutural que fundamentou o folguedo no passado. O estudo sobre os passos, os figurinos, as músicas e canções que fazem parte do repertório, etc., devem nortear todo o processo de recriação da dança, para ter um compromisso com as origens daquela representação e ter sua representatividade identificada, autenticada e valorizada pela comunidade



em que faz parte. Os momentos mais recompensadores e estimulantes para que possamos continuar com o Balé Folclórico de Alagoas – Grupo Transart em plena atuação depois de 37 anos de dedicação a preservação e divulgação da nossa cultura folclórica em Alagoas, é, exatamente, quando a plateia vem nos parabenizar e cumprimentar depois das apresentações e ouvimos várias expressões, como: “Nossa, foi tudo tão lindo! Nunca tinha visto nosso folclore apresentado com tanta alegria e beleza!”. “Ainda bem que vocês conseguiram resgatar nossas tradições de uma forma muito dinâmica e criativa!”. “Essa forma de apresentação animada e contagiante

grupos tradicionais foram extintos, e, principalmente nas Escolas, não vamos mais alimentar um pensamento de “medo” ou “aversão” a esse tipo de iniciativa, pois já vimos através dos estudos de vários pesquisadores e mestres, que tudo é muito relativo porque passa por uma máquina onde tudo é revisto, reelaborado, triturado e apresentado com novos formatos e novos significados para que essa reconstrução possa perpetuar aquela tradição. Vejam que citações maravilhosas de autores em anos diferentes, que falam sobre a questão da “identidade” tão cobrada e perseguida pelos mais radicais:



fez com que eu gostasse mais de danças folclóricas!”. “Gente, matei a saudade da minha infância, quando tudo isso era muito comum nas ruas e nas festas! Cheguei às lágrimas na hora da Lapinha!” Um trabalho comprometido com a verdade e o respeito ao nosso passado tradicional, ainda suscitam nas pessoas as mais inesperadas emoções, pois eles se identificam com o espetáculo instantaneamente! Só essa resposta da sociedade já vale tudo!

Para engrossar mais o caldo que justificam nossas posições em defesa da criação, manutenção e divulgação dos Grupos parafolclóricos, nas comunidades onde os

Em se tratando da identidade, essa pode ser compreendida como segmentada e relacional, mobilizando sentidos vários, de acordo com o local, a ideologia e a cultura de seus participantes, permitindo sua constituição (LUCENA FILHO, 2007)

Ao evidenciar a questão da identidade e da cultura local, o turismo pode se associar ao folclore, e com ele



se integrar, pois, na área da atração turística, como mensagem de “comunicação e propaganda”, se inclui o folclore (MEGALE, 2001).

Preservar a identidade de um povo amadurecendo sentimentos de pertença é a forma como trabalha a memória coletiva, para que as informações do passado sejam constantemente construídas segundo os interesses de um grupo. “Lembrar não é apenas reviver, mas refazer as experiências do passado, sendo a memória fruto de um trabalho coletivo que envolve o relacionamento com a família, classe social, comunidade, ou seja, um grupo de pertencimento” (HALBWACHS, 1990).



CONCLUSÃO

Finalmente concluímos nosso trabalho deixando margens para que novas pesquisas possam ser realizadas a partir das nossas provocações presentes, pois acreditamos, fielmente, que se cada grupo constituído pelo Brasil afora quiser homenagear seu passado folclórico, depois de uma bom trabalho de pesquisa, com a orientação de alguns mestres populares que ainda existem ou resistem na nossa cultura, certamente estaremos

no caminho certo para realizar bons projetos em prol da preservação da identidade cultural de cada lugar e os setores do turismo, da educação e da cultural só irão ganhar com isso porque estarão mostrando um produto para o resto do mundo como “continuidade” daquilo que começou lá atrás no tempo da colonização e que, obviamente, incorporou as transformações que o mundo moderno impôs sem perder a sua essência. Não podemos negar que tudo está mudando e se transformando aceleradamente, graças aos recursos da tecnologia e os avanços do campo da comunicação, que não consegue permitir isolamentos entre áreas rurais e urbanas. Ninguém acredita mais em “papa-figo”, “fogo-corredor” ou “lobisomem”, a não ser como histórias de cinema.

Tudo está em permanente influência dentro da memória coletiva que se fundem ao contexto atual quando observamos a gestão profissional dos eventos que lidam com organizações para mostras folclóricas e patrocinam shows pop, veiculação midiática, os tipos de patrocinadores e apoiadores, as barracas que comercializam os produtos diversos nas festas, além do próprio público que tem características variadas, sendo composto por muitos jovens, que desconhecem as atrações folclóricas e se aglomeram mais em torno dos palanques de shows, ou nos terreiros de forrós, enquanto nas arquibancadas dos eventos culturais aglomeram-se familiares dos brincantes e um público de turistas, em geral, de todas as idades. Essa

é a pura verdade que vemos constatando nos grandes eventos pelo Brasil. Tudo vem mudando com muita velocidade. Não há como segurar e mumificar mais nada neste campo, pois até regras seculares e intocáveis como as cerimônias que regulamentavam o papado mudaram. Se um Papa não espera mais para morrer e ser enterrado num caixão de ouro e ousa “renunciar” em vida, imaginem o resto? Acabamos de ver isso agora!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Renato. **A recreação popular, suas formas e expressões**, In: DIEGUES JUNIOR, Manuel, coord. **História da Cultura Brasileira**, 1. M.E.C Rio de Janeiro. 1972.

ALMEIDA, Renato. **Folclore**. MEC, DAC, FUNARTE, Cadernos de Folclore 3. Rio de Janeiro. 1976.

AMIM, Valéria. PROFICE, Christiana Cabicieri. **Terno Diamante: estudos preliminares em Folkcomunicação**. Artigo apresentado ao N>P. 17/Folkcomunicação, no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. UERJ - 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. Cortez. São Paulo, 1980.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. Editora da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2000.

GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. **Memória coletiva, folclore e turismo: o folclore das flores na Festa da Cerejeira em Garça/SP**. Artigo/Ensaio. RIF. Ponta Grossa/PR. 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Vértice. São Paulo. 1990

LIMA, Ana Maria Campos. **O sertão alumiado pelo fogo do cordel encantado**. Ed. do Autor. Recife. 2005

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A Festa Junina em Campina Grande-PB: uma estratégia de folkmarketing**. Editora Universitária. UFPB – João Pessoa. 2007

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Forense-Universitária. Rio de Janeiro. 1977



BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. Edusp. São Paulo. 2003

CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do Folclore**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1965.

GALDINO, Christianne. **Balé Popular do Recife – a escrita de uma dança**. Bagaço. Recife. 2008.

GOMES, Neide Rodrigues. **Turismo e Comunicação Regional**. Anais do XXI Encontro Cultural de Laranjeiras – 1996: Globalização da Cultura, Folclore e Identidade Regional. Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju. 1997.

NETO, João Batista. **Avaliação do Turismo Cultural na Região Missioneira: O Caso de São Miguel Arcanjo (RS)**. Artigo publicado na Revista Eletrônica de Turismo Cultural – Vol 03 – N° 02. São Miguel das Missões –RS. 2º Semestre de 2009.

OLIVEIRA, Maria Goretti Rocha de. **Danças Populares como Espetáculo Público no Recife, de 1979 a 1988**. Dissertação do Mestrado de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ed. Do Autor. Recife. 1991.

SCHMIDT SILVA, Cristina. **Viva São Benedito! Festa popular e turismo religioso em tempo de globalização**. Editora Santuário. Aparecida SP. 2000

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Globalização: cultura de Massa e Folclore na Paraíba**. Anais do XXI Encontro Cultural de Laranjeiras – 1996: Globalização da Cultura, Folclore e Identidade Regional. Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju. 1997





O BATALHÃO DE BACAMARTEIROS NO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA: PAISAGEM SONORA*

Estevão Amaro dos Reis
Universidade Estadual de Campinas
estevaoreis@yahoo.com.br

Lenita Waldige Mendes Nogueira
Universidade Estadual de
Campinas lwmn@iar.unicamp.br

O FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo – FEFOL completou em 2011 quarenta e sete anos de existência. Em seu espaço reúnem-se anualmente cerca de sessenta grupos folclóricos e parafolclóricos¹ de todas as regiões do país; em nenhum outro festival de folclore² existente no Brasil é encontrada tamanha diversidade. Outra peculiaridade contribui para tornar este festival ainda mais singular em relação aos seus congêneres: nele podem ser observados grupos folclóricos que, mesmo enfraquecidos em seus locais de origem, organizam-se e deslocam-se todos os anos até Olímpia. Para estes grupos apresentar-se no FEFOL representa, muitas vezes, o ponto culminante das

¹ Os grupos *parafolclóricos* ou de *projeção folclórica*, têm nos grupos folclóricos uma fonte de inspiração e pesquisa e utilizam para a criação dos seus trabalhos artísticos os ritmos, os trajes e os passos de dança das manifestações folclóricas ou tradicionais da cultura popular brasileira.

² Longe de considerá-lo impregnado de conotações pejorativas, outorgadas a ele por algumas linhas de pensamento, trata-se aqui de pensar este termo como uma forma legítima de apresentar um saber tradicional.



suas atividades. No decorrer dos anos, na medida em que o FEFOL foi se convertendo em um novo espaço de referência para tais grupos – na definição de Milton Santos (1994, p. 41) espaço como “o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos” – um processo de deslocamento se inicia, resultando na “transferência” destas manifestações folclóricas dos seus locais de origem para um novo espaço geográfico e social diverso, ou seja, o espaço do FEFOL, propriamente dito. Desse modo, suas práticas passam por transformações e adaptações, influenciadas pelo novo local no qual se inserem.



A PAISAGEM SONORA DO FEFOL

Quando nos dirigimos a uma festa de Congado, o primeiro sinal de estarmos chegando, muitas vezes é dado pela paisagem sonora que, pouco a pouco, vai se definindo em nossos ouvidos. Os sons dos instrumentos característicos das guardas, que, juntas, executam, cada uma, um canto e um ritmo diferentes, não nos deixa dúvidas: atrás dos muros daquele terreno, ou virando aquela esquina, há uma festa de Congado. Ao longo de todo o evento, outras fontes sonoras somam-se às músicas simultâneas das guardas para compor o ambiente próprio dos rituais: os fogos de artifício, os apitos dos capitães, o chiado das gungas dos moçambiqueiros transitando quando não estão dentro de suas guardas, os sinos da igreja, as rezas, as ladainhas, os vivos.³

A descrição de Glaura Lucas a respeito da paisagem sonora do Congado pode ser perfeitamente utilizada para descrever a paisagem sonora do FEFOL; os sons do Recinto do Folclore são ouvidos e vão se definindo à medida que nos aproximamos deles. A uma distância de algumas centenas de metros tomamos consciência dos primeiros sons vindos do palco onde os grupos folclóricos se apresentam. *Toadas de Boi, de Folias*

³ Glaura Lucas, *Os Sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá* (Belo Horizonte: UFMG, 2002), 70.



de Reis, cantos de Moçambiques, modas de Catireiros, marchinhas de Pastoril, loas de Maracatus chegam sucessivamente aos nossos ouvidos, e ao entrarmos no Recinto do Folclore somos atingidos pela massa sonora característica do FEFOL. Ao som do palco somam-se variados sons: aqueles dos instrumentos dos grupos que se “aquecem” simultaneamente no camarim, ou em cortejo pelas alamedas do Recinto; às vozes das pessoas que cantam e dançam enquanto assistem as apresentações; ao vozerio das pessoas nas barracas de comida típica; a narração do jogo do bingo; e, ainda, aos sons do parque de diversões.

Oriundas de fontes diversas as mais variadas sonoridades relacionadas ao FEFOL se sobrepõem, contribuindo para a criação do clima da festa e preparando o espaço para que o Festival aconteça.

A paisagem sonora do FEFOL resulta justamente desta paisagem sonora difusa, e é interessante perceber que esta paisagem não se restringe ao ambiente do Recinto do Folclore, e que durante o período do evento ela se desloca por diferentes espaços da cidade.⁴



Um desses deslocamentos pode ser observado durante *A Missa dos Violeiros*, ou *Missa folclórica* como também é chamada, que ocorre na manhã de domingo logo após a abertura oficial do Festival, realizada no sábado à noite. *A Missa dos Violeiros* é celebrada na Igreja da Praça da Matriz – lugar do primeiro palco do Festival – pelo padre da paróquia, e uma característica a distingue das missas comuns: na Missa dos Violeiros os grupos folclóricos participam ativamente da celebração, um grupo de violeiros é responsável pelo conteúdo musical da missa, e os grupos folclóricos são responsáveis pela liturgia. Esta missa é o primeiro contato dos grupos com o Festival, e é considerada umas das atividades mais importantes do FEFOL.

Por mais que a cerimônia das missas em geral tenha regras pré-estabelecidas, a cada edição do Festival a Missa dos Violeiros sofre adaptações provocadas, espontaneamente, pelo comportamento dos grupos folclóricos durante sua celebração, caracterizando a cada ano, uma nova paisagem sonora. Terminada a missa os grupos saem em cortejo, cada qual tocando seus ritmos, e a Praça da Matriz é tomada por uma massa sonora que se desloca colorida e alegre.

Entre os grupos que há mais tempo participam do FEFOL, encontra-se o *Grupo Folclórico Batalhão de Bacamarteiros* do Povoado de Aguada, do município de Carmópolis, Sergipe. Fundado em 1780, apresentou-se em Olímpia pela primeira vez no ano de 1982⁵ e situa-se entre os mais antigos grupos folclóricos ainda em atividade

⁴ Outro momento em que a paisagem sonora do FEFOL pode ser observada é durante o desfile de encerramento do festival. Ocorre na manhã do último domingo e tem a participação de todos os grupos folclóricos e parafolclóricos presentes.

⁵ Anuário do 32^a Festival do Folclore, 1996, capa.



no Brasil. De geração a geração transmitem o seu legado oralmente, como nos relata Idelfonso Cruz de Oliveira, setenta e cinco anos, e atual chefe dos *Bacamarteiros*⁶



[...] desde que nasci resido no povoado de Aguada no município de Carmópolis, e tem trinta e cinco anos que tomo conta do grupo, mas que participo do grupo é desde menino. Hoje no grupo já tenho minha filha que eu to preparando para me substituir e tem o meu neto que tem doze anos e já atira de bacamarte desde os sete anos, já atira. E... o meu histórico é esse aí.⁷

O folguedo dos *Bacamarteiros* tem sua origem que remonta ao período da escravidão no Brasil. Homens brancos e escravos negros dos engenhos de cana-de-açúcar juntavam-se para celebrar os santos do mês de junho, Santo Antônio, São João e São Pedro respectivamente. Cantavam, dançavam e no auge da brincadeira atiravam com seus bacamartes saudando o povo e os santos juninos.

As festas feitas pelos negros escravos como forma de celebração das suas tradições eram permitidas e muitas vezes incentivadas pelos senhores de engenho e fazendeiros escravocratas. Eram utilizadas como estratégia para evitar conflitos e rebeliões por parte dos escravos. A permissão para a realização desses rituais, no entanto, foi um meio usado pelo Estado e pela Igreja para controle dos escravos. Esse fato foi ressaltado por viajantes estrangeiros que aqui estiveram no século XIX [...]. (Lucas, 2002, p. 45).

Um exemplo são as festas de coroação dos Reis do Congo ocorridas na cidade do Recife em meados do século XVIII, que posteriormente deram origem ao Maracatu pernambucano e à Festa de Nossa Senhora do Rosário, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais.⁸

O grupo dos *Bacamarteiros* é formado por aproximadamente sessenta pessoas, em sua maioria homens; as mulheres, ainda que em menor número, também participam. São divididos em: *capitão*, *músicos*, *dançarinos* e *atiradores*. Há ainda no grupo a figura do *tirador de cheio*, do qual falaremos mais adiante. Os *Bacamarteiros* do povoado de Aguada distingue-se de outros Batalhões de *Bacamarteiros*, por ser o único grupo a possuir músicos em sua formação. Enquanto outros Batalhões apenas atiram com seus bacamartes, este canta, dança e atira ao som de sua música. Seus trajes, tanto dos homens quanto das mulheres, são característicos do ciclo junino. As mulheres usam vestido com estampas floridas, sandálias de couro e chapéu de palha recoberto com os mesmos motivos do tecido do vestido, ricamente decorado com flores e babadosinhos

6 O folguedo dos *Bacamarteiros* pode ser visto em outras cidades de Sergipe e em outros estados do Nordeste, como por exemplo, o estado de Pernambuco. Como estamos tratando especificamente do grupo de *Bacamarteiros* do povoado de Aguada do município de Carmópolis em Sergipe, sempre nos referiremos a ele como *Bacamarteiros* do Povoado de Aguada, *Bacamarteiros* de Carmópolis ou simplesmente *Bacamarteiros*.

7 Idelfonso Cruz de Oliveira em entrevista ao autor em 26 de julho de 2011.

8 Os rituais africanos de eleição de reis e rainhas foram comuns em todo o Brasil, tendo ocorrido também em outros países da América e em Portugal. No Brasil, a coroação de Reis de Congo já era realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Recife, em 1674. (Casculo, 1980, p. 243 citado por Lucas, 2002, p. 45).



de renda na aba. Os homens vestem calças compridas de tecido grosso, geralmente da cor verde, camisas de manga comprida (do mesmo tecido florido dos vestidos das mulheres), tênis e chapéu de couro à semelhança dos vaqueiros nordestinos. Os homens trazem atravessado ao peito um *borná*⁹ de pano, onde carregam a pólvora e todos os utensílios necessários para carregar e disparar os tiros dos bacamartes.



Foto: Batalhão de Bacamarteiros nas ruas de Olímpia.

Fonte: Estêvão Reis.

A música dos Bacamarteiros é animada e contagiante, todos cantam e dançam ao som de uma bateria de instrumentos de percussão. Os instrumentos utilizados são construídos de maneira artesanal pelos próprios integrantes do grupo e obedecem à seguinte composição: quatorze pandeiros¹⁰, quatro *ganzás*¹¹, duas *caixas* (pequenos tambores), semelhantes às *caixas de folia*¹² e duas *onças*.¹³

Alguns pesquisadores se referem à música dos Bacamarteiros como sendo *samba de coco*, “um canto e dança popular, largamente difundido no Nordeste” (Anuário do Folclore, 1990). Porém, Oliveira discorda dessa definição e nos relata em entrevista que a música dos Bacamarteiros do povoado de Aguada não é *samba* (de coco) e sim uma música diferente e única que é executada somente pelo seu grupo, uma música que “quando começa, ninguém consegue ficar parado” (Oliveira, 2011).



Foto: Caixas e tambores onça.

Fonte: Estêvão Reis

9 *Borná* – corruptela de embornal, pequena sacola feita de pano com uma alça lateral, levada à tira-colo e usada para carregar todo tipo de coisa.

10 Os pandeiros usados são de diâmetro menor que os pandeiros comuns, e possuem um número menor de platinelas.

11 *Ganzás* – chocalhos em formato cilíndrico, feitos de alumínio, latão ou outro tipo de metal.

12 *Caixa de Folia* – tambores com o corpo de madeira e pele de animal (geralmente de bode) nos dois lados, fixadas com cordas e com uma tira de couro ou de pano para ser levada aos ombros. Tocada com baquetas, a afinação é feita esticando-se ou afrouxando-se as mesmas cordas que servem para fixar as peles ao corpo do tambor. Instrumento muito utilizado nas Guardas de Congo e de Moçambique.

13 *Onça*, ou *tambor onça*, como também é chamado. Espécie de cuica grave feita de madeira com pele de animal (geralmente bode), de onde sai uma vareta de fora para dentro do corpo do instrumento. Sua execução se dá friccionando-se um pedaço de pano úmido em movimentos de vai e vem na vareta. Produz um som rouco e também é encontrado na brincadeira do Bumba meu Boi do Maranhão.



A *onça* marca o ritmo e determina a pulsação, sustentado por um ostinato que pode variar levemente à medida que a música avança. Todos os outros instrumentos se guiam pela *onça*, fazendo intervenções esporádicas e dialogando com o que ocorre no canto. O canto pode ser dividido em duas partes, uma fixa e outra improvisada; o refrão e o *cheio*, respectivamente. Estes se complementam na forma de pergunta e resposta, “O cheio é o que acompanha o refrão. O refrão é que acompanha o cheio” (Oliveria, 2011).¹⁴ O cantor, chamado de *tirador de cheio*, canta um verso improvisado cujo tema pode ser um fato ocorrido durante o dia ou algo que acabara de acontecer no decorrer da apresentação. Em Olímpia o tema dos improvisos gira em torno do FEFOL, da cidade e das pessoas próximas, organizadores ou integrantes dos outros grupos. Terminado o verso cantado no *cheio*, todos respondem cantando o refrão. Assim como o *versador* do Partido Alto carioca, o *tirador de cheio* tem que estar atento, ser ágil e ter raciocínio rápido para transformar o que acabara de observar em música e, além disso, esse improviso deve ser algo que faça sentido dentro de todo o contexto da apresentação.

Sobre a música, a variedade e a quantidade dos *cheios*, Oliveira diz:



A música dos Bacamarteiros é uma música improvisada. Tem... esse aqui, que é Sinhá é hoje,... que é do Sinhô de engenho, que diz: *Sinhá é hoje que a paia da cana avoa, Sinhá é hoje que ela tem que avoá*. Esse é o refrão. Aí vai o.. o tirador de cheio. O cheio é o que acompanha o refrão. O refrão é que acompanha o cheio. Aí ele tira o cheio, aí a turma repete novamente, vai, quando chega na frente aí muda outro, vamo dizê, esse aí já tá bom, já.. deu um quarteirão por exemplo. [...] Aí vai tirando, tirando, tirando um.. tirando os verso e cantando e batucando, tira o dia todinho e não volta pra tirar o mesmo!¹⁵

Outros exemplos dos versos dos Bacamarteiros:

a) Quero ver queimar carvão,
Quero ver carvão queimar,
Quero ver queimar carvão
E a poeira levantar.

b) Cala a boca menino,
Pra você não tem consolo,
Vou te balançar na rede,
Pra você deixá de choro.



No refrão, onde o grupo todo canta, os instrumentos tocam ritmicamente de

14 Idelfonso Cruz de Oliveira em entrevista ao autor em 26 de julho de 2011.

15 Idem..



maneira mais contida e as variações ocorridas são menos perceptíveis. O momento do *cheio*, onde o *tirador* improvisa, também é o momento onde os *tocadores* (instrumentistas) têm maior liberdade para as variações, especialmente os pandeiros e as *caixas*. Ainda, no que diz respeito à instrumentação do grupo, Oliveira diz que anteriormente havia um reco-reco que foi retirado do grupo. Ao ser perguntado o motivo da eliminação do reco-reco, ele assim respondeu:

O reco-reco tava atrapalhando. [...] Por que não casava um tocado que tocasse.. por que toca tudo igual, né? As músicas.. acompanhando um ao outro, quando erra um pandeiro, a gente para logo, errou! Diz o pandeiro tá errado! (Oliveira, 2011).

O que podemos inferir destas palavras é que enquanto houve no grupo um músico que tocasse bem o reco-reco o instrumento esteve incorporado ao grupo, mas a partir do momento em que esse músico, por algum motivo teve que ser substituído, e a dificuldade em encontrar um substituto a altura tornou-se um fato, optou-se por tirar o reco-reco da formação instrumental dos Bacamarteiros. A nosso ver, não era o instrumento em si que atrapalhava a *performance* do grupo, interferindo na sonoridade do conjunto, por questões timbrísticas ou até mesmo por questões estéticas. O que pesou nesse sentido, foi o fato de o músico responsável por tocar o reco-reco não desempenhar bem o seu papel, e deste modo, interferir na *performance* do grupo como um todo.



No Anuário do 26º FEFOL (1990) podemos ver uma breve descrição dos Bacamarteiros do povoado de Aguada em que o reco-reco é citado como componente do instrumental do grupo.¹⁶ Não sabemos ao certo quando esse instrumento foi retirado, mas a partir disso podemos levantar uma questão: será que durante todo esse tempo não surgiu no povoado de Aguada ou mesmo na cidade de Carmópolis um instrumentista capaz de tocar o reco-reco sem comprometer a *performance* do grupo? Ou será que, mediante a sua exclusão, sua função musical foi incorporada por outros instrumentos sem que fosse necessária a sua volta?

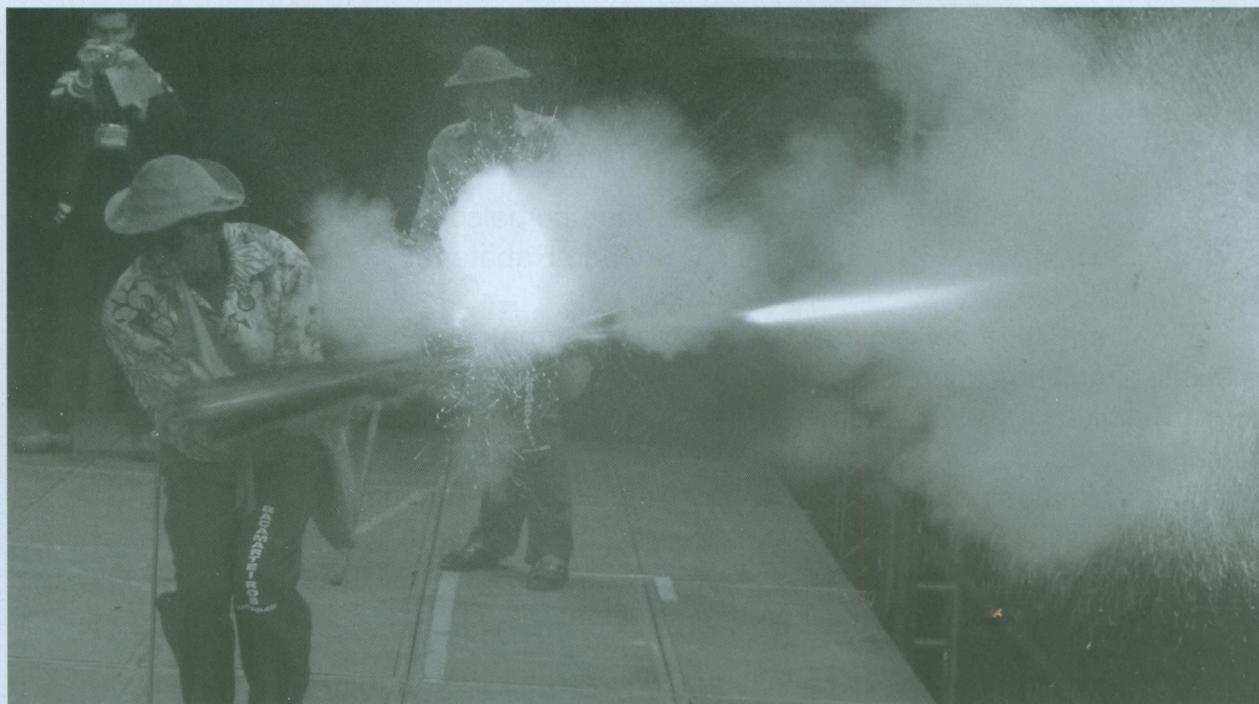
Nesse caso específico e em outros da mesma natureza – grupos folclóricos cujos instrumentos ou práticas musicais foram acrescentados ou subtraídos de suas *performances* – podemos concluir que estes grupos se prendem às pessoas e não às práticas. Desse modo, as pessoas são mais importantes que as práticas, e ainda mais são elas que determinam as práticas. Para explicar esta perspectiva tomamos como exemplo o quarteto de cordas, formação tradicional e característica da música ocidental de concerto. Se por alguma razão o violinista do grupo não puder mais participar, deve ser substituído por outro violinista. A substituição não pode ser feita por um violoncelista, um contrabaixista, um flautista ou um saxofonista. Nesse caso, é o instrumento, o



¹⁶ Anuário do Folclore. 26º Festival do Folclore. Olímpia, 1990, 101.

violino, que determina o substituto, um violinista. Tal prática, há muito estabelecida e convencional, determina que um quarteto de cordas seja formado por um violoncelo, uma viola e dois violinos.

No caso dos Bacamarteiros, e grupos semelhantes, ocorre o contrário: o substituto é determinado com base na pessoa e não no instrumento. Tanto o instrumento quanto a prática estão subjugados à pessoa. Com a saída do reco-reco, ao invés de buscar-se outro reco-reco, busca-se outra pessoa que desempenhe a mesma função, independentemente de qual instrumento tocará, sem que isso seja uma determinação ou obrigação imposta pela prática estabelecida. Sendo assim, podemos dizer que os fatores que determinam e regem as concepções estéticas¹⁷ da música praticada pelos Bacamarteiros, perpassam outros lugares e trilham outros caminhos, e justamente por serem diferentes, desembocam em novas soluções. Por serem “analfabetos de Aristóteles”¹⁸ encontram soluções para a resolução dos seus problemas, que são extremamente funcionais ao mesmo tempo que não interferem esteticamente na configuração do grupo.



Os Bacamarteiros são adorados pelo público do FEFOL. O grupo é considerado uma grande atração no evento, e hoje sua presença é praticamente obrigatória. Onde quer sejam anunciados, no palco, nos cortejos pelas ruas da cidade ou do Recinto do Folclore, no desfile de encerramento e até mesmo na Missa dos Violeiros, as pessoas saem ao seu encontro. Oliveira (2011) diz que a sua maior dificuldade enquanto líder do grupo no momento em que são convidados para o FEFOL é decidir quem vai e quem fica, pois “o ônibus tem quarenta e quatro lugares e no grupo têm setenta pessoas querendo ir.” Em 2011 os Bacamarteiros se apresentaram em um festival em Santa Catarina, em grande parte decorrente da divulgação obtida através da sua participação no FEFOL. O líder dos Bacamarteiros conclui: “é uma alegria, uma festa vir pra cá. Quando vem chegando perto, todo mundo começa a se animar... tem muitos festivais por aí, mas o de Olímpia é especial.” (Oliveira, 2011).

17 A música dos Bacamarteiros e a *performance* do grupo como um todo, não é regida apenas pela sua funcionalidade. Nas conversas com o líder dos Bacamarteiros e com outros integrantes do grupo, fica claro que uma consciência estética (no sentido de belo) permeia toda a *brincadeira*. Antes de tudo uma brincadeira tem que ser bonita.

18 Analfabetos de Aristóteles ou Analfatóteles – termo utilizado pelo cantor e compositor Tom Zé ao se referir ao movimento tropicalista. Diz que os tropicalistas só fizeram o que fizeram em termos de revolução musical e estética, pelo fato de alguns integrantes do movimento (ele incluso) terem vindo do sertão nordestino e desconhecarem Aristóteles e tudo o que o seu pensamento representa para a cultura “clássica”.



A *brincadeira* dos Bacamarteiros atinge o ápice no momento em que seus integrantes atiram com seus bacamartes. A música diminui de intensidade e o movimento de deslocamento cessa, criando o clima para o ponto alto da apresentação. No momento em que o *tirador de cheio* começa a cantar estes versos: “*quero ver queimar carvão, quero ver carvão queimar, quero ver queimar carvão e a poeira levantar*”, os atiradores se preparam para carregar e descarregar seus bacamartes.



Foto: Bacamarteiros atirando no palco do FEFOL.
Fonte: Luis Fernando Rabatone.

Atiram cada um em sua vez encenando uma coreografia alegre e divertida, na qual são simuladas quedas sob o impacto dos tiros dos bacamartes junto a brincadeiras com o público. Este é o momento de cada atirador demonstrar a sua habilidade no manuseio do bacamarte. Assim como os instrumentos musicais todos os bacamartes são confeccionados artesanalmente (geralmente, cada atirador constrói o seu) e como tudo na *brincadeira* esta tradição também vem sendo transmitida de geração a geração. Além de fabricar os bacamartes, a pólvora utilizada nas armas também é feita pelo grupo.

Segundo Oliveira, os bacamartes remetem a época da Guerra de Canudos.

A pólvora é feita também pelos bacamarteiros... numa árvore lá do nordeste que se chama Imbaúba. [...]. E tem outros ingredientes, é o próprio bacamarteiro que faz a pólvora. [...] São quatro horas de pilão, dois home pilano.. quatro hora pilano, quando termina de pilá, já pode atirar que já tá boa. É só botar no sol pra secá.¹⁹



Apesar de não haver nenhuma referência, além das armas, que remeta a uma possível tradição ou influência militar, durante suas apresentações os Bacamarteiros do povoado de Aguada deslocam-se sempre em bloco, à semelhança de um grupo militar em desfile, porém de maneira não tão organizada quanto exige a disciplina militar. O grupo é um bloco compacto que se desloca cantando e dançando e apesar de toda a sua concisão, se move de maneira leve, como se deslizasse sobre as ruas por onde passa; uma onda sonora e colorida que arrastam todos a sua volta, conduzindo quem os acompanha a uma atmosfera alegre e festiva.

¹⁹ Idelfonso Cruz de Oliveira em entrevista ao autor em 26 de julho de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anuário do Folclore. [do] Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" e Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia. Olímpia, ano XVII, nº 20, 1990.

Certeau Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Lucas, Glauro. *Os sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Reis, E. A. dos. *O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo: uma festa imodesta*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 2012.

Santana, José. Folclore. *Festa de um povo que se entende*. Anuário da Comissão Municipal de Folclore e do Departamento de Folclore. 7º Festival do Folclore. Olímpia, agosto, ano II, 1971.

Santos, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.



ENTREVISTAS

Oliveira, C. I. Idelfonso Cruz de Oliveira: inédito. Olímpia, 26 de julho de 2011. Entrevista concedida a Estêvão Amaro dos Reis.

* Este artigo foi publicado originalmente na Revista do 3.º EIMAS (Encontro Internacional de Música e Arte Sonora) e é parte da pesquisa de Mestrado desenvolvida pelo autor junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



FESTIVAL, FOLCLORE E TURISMO...

...UM CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO

*Caio Longhi
Diretor do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"*

“Quando eu cheguei em Olímpia, encontrei tudo enfeitado como uma noite de Natal...”.

É com esta frase que um “guerreiro”, integrante de grupo folclórico da cidade de Carapicuíba/SP, saudava a Capital Nacional do Folclore, que anualmente comemora, com um grande festival, o mês do folclore.

A tranqüilidade, dos dias atuais, de uma cidade interiorana é quebrada e dá lugar a um intenso movimento cultural. Ela se transforma, ganha um ar de festa. Faceira, ela se enfeita e se prepara para receber os muitos grupos folclóricos, que para ela se dirigem, dos mais distantes recônditos do Brasil. Eles chegam aos poucos, são recebidos nas praças, nas escolas, pelas autoridades e pelos amigos olimpienses.

São grupos de moçambiques, congadas, batuques, fandangos e reisados.

Chegam cansados, mas, nos alojamentos, não perdem tempo. Ensaiam as suas músicas, as danças, os folguedos que um dia fizeram parte das tradições de seus antepassados e com grande entusiasmo se exibem pela cidade e no palco da grande festa cultural promovida pela cidade de Olímpia.



Assim, com nervosismo e ansiedade cada grupo aguarda a sua vez de se apresentar no palco do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Professor José Sant’anna”, e é desta forma, que durante os dez dias da festa, a cidade se torna a expressão máxima das manifestações populares.

Em outra colocação deste mesmo guerreiro carapicuiense, ele diz: “Olímpia cidade menina moça, cidade do seresteiro, mostrando a brasilidade

do folclore brasileiro...”





Então um questionamento surgiu: como tornar o folclore um fator de desenvolvimento social, econômico e cultural?

E, como resposta, surgiu a idéia de se aproveitar do impulso turístico dado pelo parque aquático aqui existente e criar para a cidade uma economia sustentável no período adverso calcado nas expressões folclóricas nela existentes.



Sabe-se que em Joanópolis, na serra da Mantiqueira, um simples livro de autoria da folclorista Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, que associou a figura do “Lobisomem” às suas ruas e matas, criou o conceito de “turismo imaginário”. Desta forma Joanópolis, que é hoje, denominada de “Capital Nacional do Lobisomem”, em 1998, elevou o homem-lobo à categoria de “pop star”. Ele está lá, presente nos muros, no artesanato, nas placas, na “Associação de Criadores de Lobisomem”,

no imaginário popular e principalmente como um ícone do desenvolvimento turístico daquela cidade.

Outra cidade, que, de um fato, procura por discos voadores que andavam rondando a cidade, acabou por eleger um personagem folclórico como ícone do seu desenvolvimento turístico sustentável. A cidade paulista de Botucatu é hoje a criadora de “Saci-pererês” e que conta

até com uma “Associação de Criadores de Saci”.

Hoje o Saci-pererê está presente na vida dos moradores de Botucatu através das histórias suscitadas com as diversas criações.

Diferentemente do Lobisomem de Joanópolis, que ganhou imagem específica e tem até data para aparecer nos passeios previamente marcados para





procurá-lo, o visual do Saci botucatuense é fruto da imaginação da sua população. Deste ícone, já há algum tempo nasceu a “Festa do Saci”, uma festa regada a música, comidas típicas e brincadeiras folclóricas.



Barão dos Cocais, cidade mineira, distante 100 km de Belo Horizonte, também fez de um personagem folclórico o seu símbolo máximo na luta pela preservação e valorização da cultura popular. Em Cocais, a “Mula-sem-cabeça” divide a atenção de seus moradores e turistas, que convivem harmonicamente entre as tradições religiosas cristãs e as credences populares. Lá também tem uma associação que cuida da imagem das mulas: “O Clube dos Criadores de Mula-sem-cabeça”, que, dentre seus maiores feitos, se destaca a festa que promove o casamento da Mula com o Lobisomem, realizada nos meses de agosto, com farta distribuição de convites, cobertura televisiva e tudo mais que uma grande festa tem de direito. O idealizador do casamento foi o folclorista Everton de Paula, com parceria da “Associação dos Criadores de Saci” de Botucatu e da “Associação dos

Criadores de Lobisomem”.

Como se pode perceber o potencial turístico, econômico e social destas atividades, tal qual o Festival de Olímpia, é muito grande para ficar restrito a apenas um período. Ao recriar o Lobisomem, o Saci-pererê e a Mula-sem-cabeça, as três cidades referidas conseguiram trazer tais personagens ao cotidiano de seus moradores, mas principalmente de torná-los fontes de um turismo sustentável que arrecada divisas aos seus municípios.

Assim, Olímpia em 49 anos de Festival do Folclore vem criando propostas não de “folclorizar” a cidade, mas de tornar o folclore um ícone do desenvolvimento turístico sustentável com a realização de visitas programadas ao Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” e de eventos folclóricos, ao longo do ano. Sendo que nestas ocasiões as apresentações ficam a cargo de vários grupos folclóricos e parafolclóricos hoje existentes na cidade, que realizam não só as suas apresentações, mas também dispõem explicações sobre as suas tradições e seus bailados.

Desta forma, Olímpia, a Capital Nacional do Folclore, ao longo de 49 anos de Festival, com todo seu potencial turístico e cultural vem saindo mais uma vez na frente na preservação e manutenção da cultura popular do nosso país, pois, como afirmava o Professor Sant’anna, “promover o folclore é tarefa de todos que queiram manter a independência do seu povo”.



O DE ONTEM E O DE HOJE NA COZINHA PAULISTA

Ineh Bueno de Camargo

Departamento de Folclore - Olímpia

Para começar, já vou aproveitar os dizeres da mana Ineh Bueno de Camargo em seu livro a ser lançado em Pirangi, no dia 12 de julho do corrente ano (2013). O livro se chama 1996, com coisas acontecidas dessa data em diante, principalmente nas cidades de Olímpia e Pirangi, ambas no Estado de São Paulo. Vejamos:

COISAS DE HOJE

Faz um calor infame, abrasador. Meço uns quarenta graus à sombra, embora meu medidor de temperatura afirme estarmos por volta de trinta graus. Coitado! É um cebolão com ares de relógio de parede, termômetro, barômetro, não diz nada certo. Mentiroso como ele só...

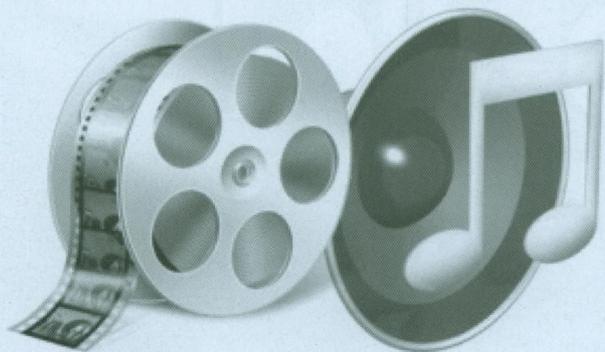


A todo volume, o ventilador de teto espalha um mísero arzinho morno e arredio, pouco alívio nos traz. Mesmo assim, tem lá sua serventia. Sentindo esse pouco vento que nos traz um certo refrigério, penso nos anos idos e vividos, quando não havia ventiladores, quando não havia ar-condicionado. Pior, nem geladeira para salvadora água gelada, sorvete, cerveja, refresco, suco, gelatina, geleia, coalhada, tudo que diminui a canícula intensa.

Triste devia ser uma casa à noite, sem o cansativo som do ventilador, da geladeira, da televisão que ali está, ligada, colorida, mostrando o mar encapelado da Ilha do Céu, local fictício da novela *Cara ou Coroa*. Tudo isso faz parte do nosso dia a dia, tão comum que nem parece um milagre dos dias atuais.



Um rol infundável de objetos e produtos surgidos neste século que caminha para o final, mudaram a vida do homem, transformaram o lar, o meio ambiente. Um forno de micro-ondas faz misérias na cozinha! Batedeira de bolo. Máquina de lavar pratos, de lavar roupas, secadora, ferro a vapor, cafeteira, panela de pressão, omeleteira, cuscuzeira. Um mero espremedor de batatas, um esmagador manual de alhos, espremedor de laranja



ou limões, abridor de garrafa, peças de inox, plástico, *tupperware*... Videocassete, aparelho de som, disco a *laser*, DVD, que sei eu? Agora, olho com medo para o computador que já está ficando obsoleto, e nem cheguei a ser-lhe apresentada! E o telefone sem fio, o celular? Se o rádio de pilha me espanta, como exigir que eu possa entender a internet? Não entendo como se faz cinema, como se processa uma

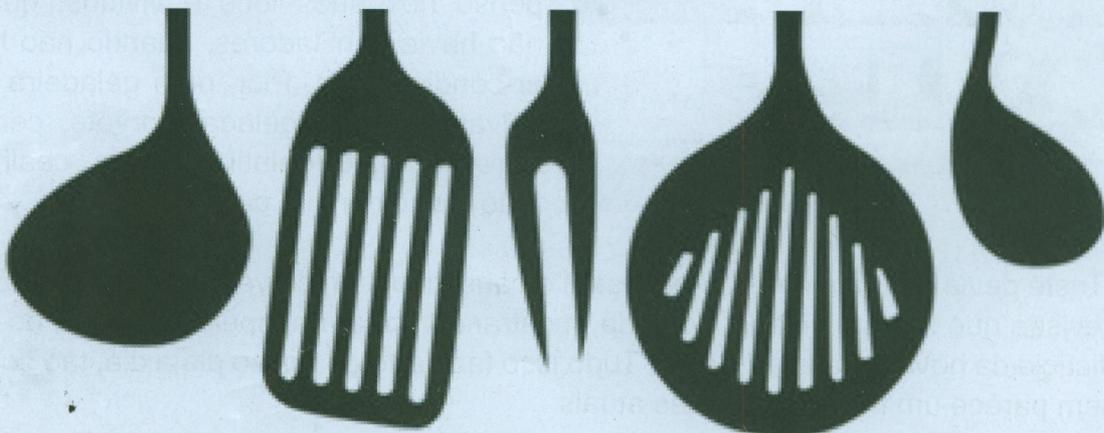
filmadora, como imagens atravessam o espaço e, coloridas e vívidas, chegam a meus olhos, a meus ouvidos.

É coisa demais para quem nasceu na primeira metade do século XX, pessoa que vivenciou o mundo do passado. Tudo nos parece mistério, um belo mistério. Por isso, aproveito o quanto posso desses bens materiais!

Olímpia, 30 de março de 1996

Como eu, Ineh, desejo escrever sobre o de ontem e o de hoje na cozinha paulista, pergunto: “Será que alguém ainda se lembra da cozinha das nossas avós, ou mesmo de nossas mães do início do século XX? Por onde andarão os torradores de café, onde o café era vendido apenas em grãos, *in natura*, para depois ser torrado no torrador de café; a duras penas de quem, sentada sobre alguns tijolos, rodava, rodava o torrador, às vezes por horas, até o café sair de lá pretinho e já torrado? Onde o moedor de pimenta-reino, o fogão a lenha, o barril cheio de água, um montículo de lenha ao lado do fogão? E o ferro em brasa, para passar todas as roupas, por onde andarás? Ainda, as delícias saídas daquele fogão em brasas nas cozinhas tradicionais?”.

Tudo isso ficou para trás e passou a fazer parte de nossas saudades. A tina para lavar roupas, o batedouro, o balde para retirar água límpida do poço, o machado para rachar a lenha, o rastelo para mexer nos canteiros de onde surgiriam lindas e viçosas verduras? Assim, num vai-e-vem sem fim, começemos a falar de algumas receitas e modos de fazer certos alimentos que, de lá para cá, nos chegaram através de nossas avós, das babás, das mucamas, das nossas mães.



CUSCUZ DOS VELHOS TEMPOS (PAULISTA)

INGREDIENTES:

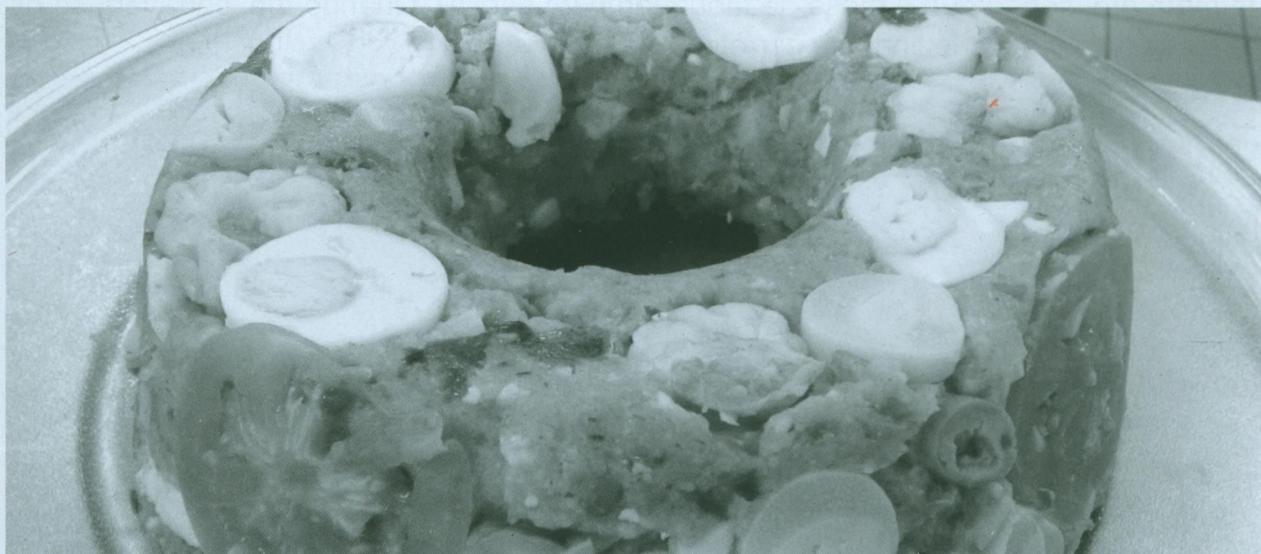
(Em primeiro lugar, é preciso ter uma cuscuzeira de lata. Quem não tinha, virava-se com o escorredor de macarrão, de alumínio).

4 xícaras (chá) de farinha de milho amarela / 3 pimentões verdes fatiados / ½ kg de tomates cortados em rodellas / 2 cebolas (grandes) cortadas em rodellas / 1 lata (média) de sardinha / mais ou menos 12 azeitonas picadas / 2 xícaras de salsa e cebolinha picadas / 6 dentes de alho socados / pimenta dedo-de-moça (a gosto), cortada em rodelinhas / gordura de porco (ou azeite) para regar / sal a gosto.

MODO DE FAZER: Colocava-se na cuscuzeira 1 ½ xícara de farinha para fazer a primeira camada. Juntava-se a gordura (ou o azeite), o pimentão, o tomate (sempre metades, guardando-se um pouco de tudo para o enfeite no fundo da cuscuzeira; esse enfeite devia ser colocado antes da farinha). Colocava-se a cebola, o alho, 1 camada de ovos em rodellas, a sardinha, as azeitonas, o cheiro-verde, tudo pela metade. Fazia-se a segunda camada, partindo-se daí para as camadas de todos os ingredientes. Arrematava-se tudo com a farinha restante. Colocava-se o cuscuzeira para ser feito na cuscuzeira, em banho-maria.

OBS.: No fundo, antes da primeira camada de farinha de milho, colocava-se, enfeitando esse fundo, rodellas de ovos, de tomates, pedaços de sardinha, pimentão, pimenta a gosto, uma pitada de sal, azeitonas, cheiro-verde, deixando-se mais ou menos por ½ hora para o cuscuzeira ser cozido no bafo da água fervente. Esperava-se esfriar para tirar o cuscuzeira.

Nossa mãe, a Nalídia, era perita na arte de fazer essa iguaria, que hoje, para nós, só ficou na saudade...



RECEITA DE CUSCUZ DOS DIAS ATUAIS (MINHA RECEITA)

INGREDIENTES: 3 colheres (sopa) de óleo ou azeite / 2 cebolas médias batidinhas / 1 cabeça grande de alho socado / ½ kg de tomates em rodellas / 2 xícaras (chá) de cebolinha e salsa picadinhas / 250g de sobrecoxa de frango / pimenta a gosto / 1 colher (sopa) de Receita de Casa com pimenta / 250g de camarões (médios) limpos / 1 lata de sardinhas / 1 lata de ervilhas / 4 ovos cozidos / 1 lata grande de massa de tomate / 15 azeitonas pretas e verdes (de preferência, sem os caroços) / 1 pacote de farinha de milho amarela.

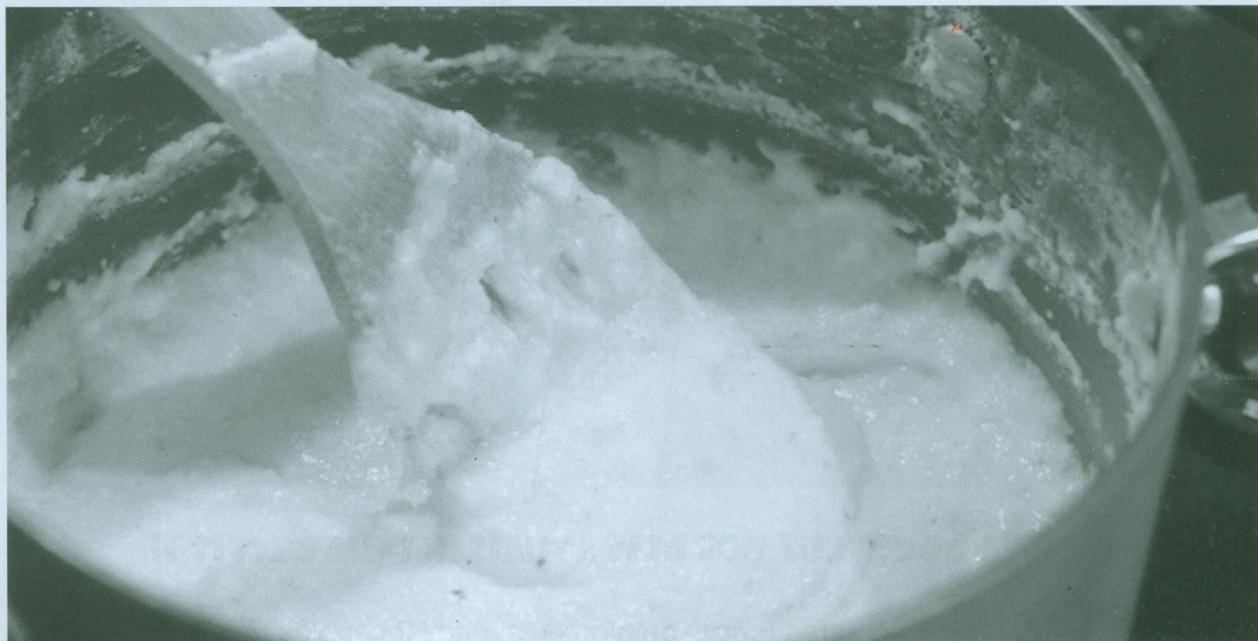


MODO DE FAZER: Esquente o azeite e refogue a cebola e o alho. Junte o cheiro-verde e o frango. Junte 1 litro de água. Deixe cozinhar até que o frango fique macio. Desligue e deixe esfriar. Desfie os pedaços de sobrecoxa e volte à panela. Coloque mais água, que cubra a panela até a sua metade, e ligue o fogo. Acrescente o tomate em rodelas, reservando umas 8 rodelas para enfeitar o cuscuz. Abra a lata de sardinhas e limpe-as, retirando-lhes as tripinhas. Amasse-as e junte à panela. Acrescente as ervilhas, os camarões limpos de suas tripinhas e o cheiro-verde. Junte a Receita de Casa ou 1 colher de sal ou, ainda, 2 caldos de galinha amassados. Coloque a massa de tomates e a pimenta (a gosto). Mexa bem e junte 2 ovos cozidos, picados, deixando cozinhar, fervendo por uns 10 minutos. Acrescente a metade das azeitonas, cortadas em lâminas. Abaixar o fogo e vá colocando a farinha de milho devagar, mexendo com colher de pau para que não forme grumos (bolotas). Mexa até que os ingredientes se tornem uma pasta consistente. Desligue. Enfeite o fundo da forma de buraco grande com 4 rodelas de tomates e 4 de ovos. Enfeite os lados com outras 4 rodelas de tomates e ovos. Enfie azeitonas pretas e verdes no meio dos tomates e dos ovos. Vá colocando, sobre os enfeites, a pasta de cuscuz, amassando-a junto ao fundo da forma. Deixe que a massa esfrie. Vire-a sobre uma forma redonda, enfeitando com folhinhas de salsa. Bom apetite.

POLENTA DOS VELHOS TEMPOS

INGREDIENTES: 4 canecas de água fervente / punhados de 1kg de fubá / 1 boa pitada de sal / 2 de colheres (sopa) de gordura de porco / boa vontade de mexer, mexer e mexer por mais ou menos uma hora em panela grande, de ferro, com uma colher de pau.

MODO DE FAZER: Mexia-se colocando um punhado de fubá fresquinho por mais ou menos uma hora. Ao término, virava-se a polenta sobre a pia (que muitas vezes era de mármore, sendo que a mesa de tábua também servia). Quando fria, cortavam-se os pedaços com um fio de linha de carretel nº 50.



POLENTA DOS DIAS ATUAIS

INGREDIENTES: 500g de fubá / 2 colheres (sopa) de óleo / 2 colheres (sopa) de manteiga (opcional) / 1 caldo de galinha (ou 1 pitada de sal) / 8 copos ou xícaras (chá) de água para cozinhar a polenta e 4 copos de água para dissolver o fubá.



MODO DE FAZER: Colocar, na panela de pressão, 8 xícaras ou copos de água e, em seguida, adicionar o fubá, mexendo bem. Levar ao fogo o fubá (mexido antes com 4 xícaras ou copos de água). Coloque o tablete de caldo de galinha e leve a ferver, feche a pressão. Deixe no fogo por 30 minutos, abaixe o fogo. Desligue, deixando sair toda a pressão. Abra a panela e coloque a polenta sobre uma forma ou pirex. Quando fria (ou quase), pegue uma faca e vá marcando os pedaços do tamanho preferido. Geralmente, o rendimento é de 12 a 14 pedaços. Servir fria, com carne moída ou frango no molho.

OBS.: Acompanha bem uma salada de almeirão ou agrião, cortadinho e temperado com uma pitada de sal, vinagre e pimenta-do-reino a gosto. Jogue por cima 5 dentes de alho picadinhos, fritos em óleo quente.

RIM DE BOI



INGREDIENTES: 1 rim / 1 cebola batidinha / 3 colheres (sopa) de óleo / 5 dentes de alho batidos / pimenta a gosto / 1 maço de cheiro-verde.

MODO DE FAZER: Limpe muito bem o rim, tirando todo sebo e gordura, para que nele não reste nem um pouco de cheiro de urina. De preferência, peça ao açougueiro 2 rins, pois ele não rende muito bem. Lavem sempre muito bem. Frite no óleo a cebola e o alho e junte o rim picado. Mexa bem, acrescente o cheiro-verde e a pimenta a gosto. Quando começar a fritar, coloque água, repetindo tudo quando começar a secar. Deixe no fogo até que o rim amoleça, esteja cozido e com uma cor marrom. Fica uma delícia, servido com arroz e feijão.

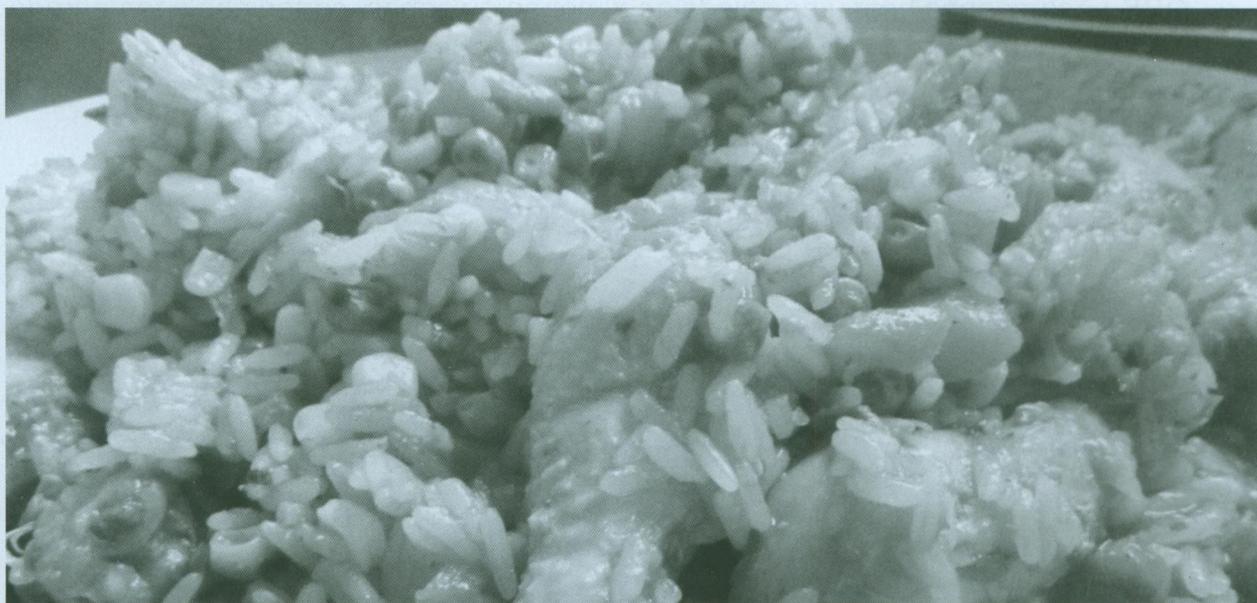
OBS.: Esta receita é a mesma para os dias de hoje, igual à dos tempos idos. Existem restaurantes que servem "Rim à Vienense", no qual se acrescenta, ao ferver, 1 copo americano de vinho branco.

GALINHADA À MODA ANTIGA

INGREDIENTES: Pedacos de uma galinha caipira, bem lavados / 1 cebola grande, batidinha / 1 colher (sopa) de sal / 6 dentes de alho, socadinhos / 1 xícara (chá) de cheiro-verde (salsa e cebolinha) / óleo para fritar / pimenta a gosto / 2 ½ xícaras (chá) de arroz / 6 xícaras (chá) de água.



MODO DE FAZER: Esquente o óleo, frite o alho e a cebola, acrescente a galinha (pedaços) e mexa bem. Acrescente o cheiro-verde e a pimenta, mexendo bem. Coloque água fervente sobre os pedaços de galinha, repetindo a água sempre, pois a carne da galinha caipira é bem dura e deve, para ficar gostosa, ser bem cozida até ficar mole. Observe se a carne já está macia. Coloque o arroz e vá mexendo bem. Experimente o sal e coloque água suficiente para o arroz. Mexa bem. Experimente se o tempero está bem. Logo que secar, retire do fogo e bom apetite.



GALINHADA DOS DIAS ATUAIS

A mesma dos tempos idos. Apenas raramente se usa galinha caipira, dando-se preferência a 1kg de coxa e sobrecoxa de frango de frigorífico. No entanto, para uma galinhada sofisticada e gostosa, podemos acrescentar ao arroz, ao fritá-lo, 250g de linguiça fresca ou calabresa, 200g de *bacon* frito, algumas batatas e, se quiser, até alguns pedaços de carne seca.

TORRESMO

INGREDIENTES: Fatias de toucinho de porco / colheres de gordura de porco / sal a gosto.



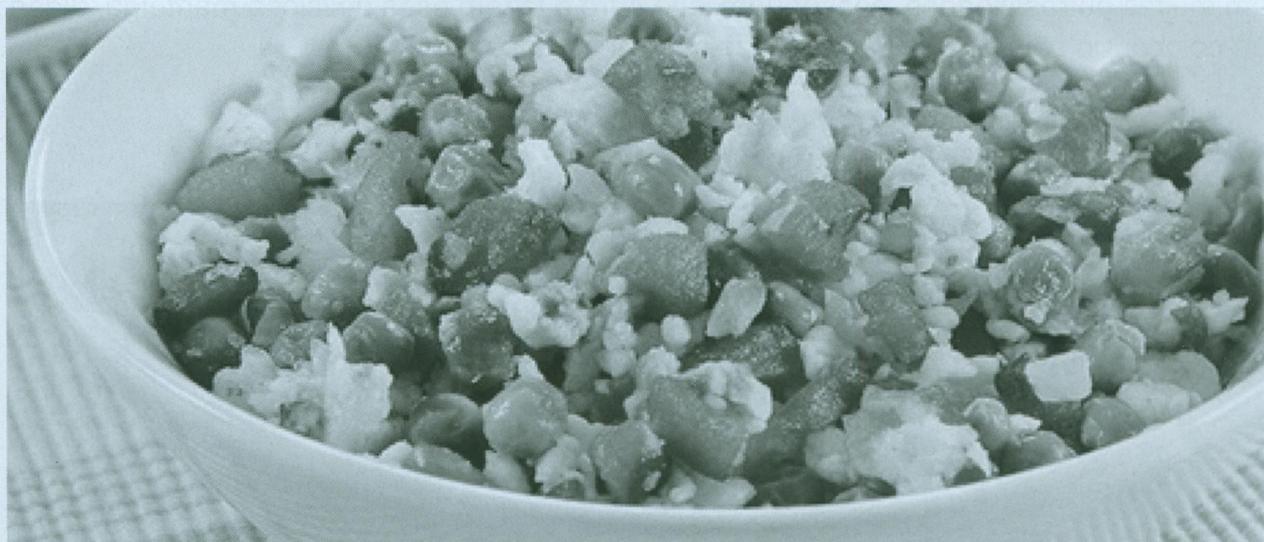
MODO DE FAZER: Cortavam-se fatias grossas de toucinho, que eram cobertas com bastante sal e colocadas ao sol para secar, tomando-se muito cuidado com as varejeiras, sempre abanando as invasoras. Depois, lavavam-se os pedaços, tirando-se o excesso de sal. Cortava-se o toucinho em pedaços pequenos, os quais eram fritos em gordura bem quente.



TORRESTO DOS DIAS DE HOJE

Geralmente, hoje compramos nos açougues ou supermercados o torresmo semipronto, bastando fritá-los.

ERVILHAS COM OVOS (OU OEUFS COCOTTE SUR LIT DE PETITS POIS)



Este é um prato bem simples, porém, quase não mais encontrado em Pirangi ou em outras terras paulistas. Nosso pai, Sebastião Bueno de Camargo, quando éramos crianças, uma vez por mês, aos domingos, nos fazia levantar cedo, nos arrumarmos e tomarmos a “jardineira” (o ônibus atual) para Bebedouro. Ele, nossa mãe Nalídia e nossa tropa: Iseh, Ideh, Iveh, Ineh (eu), Ileh e Iceh, e sempre alguns que conosco vinham morar por não terem, em seus sítios, escolas onde pudessem estudar: Alberto Gabriel Bianchi (o “Bertinho”), o Gonça, o Calsavara e outros mais.

Em Bebedouro, tomávamos o trem da Paulista e logo “Seu” Camargo já nos levava para o carro restaurante. Não queria nem saber, e já ia pedindo: “arroz com *petits pois*”. Já sabíamos o que era: “ervilhas com ovos”. De lá, chegávamos a Passagem, pertinho de Barrinha, onde, ansiosos, descíamos para tomar o trem até Jaboticabal. Ali, pegaríamos (depois de um belo sorvete para cada um de nós) outra jardineira que, passando por Taiúva e Taiacu, nos traria de volta a Pirangi.

INGREDIENTES: 2 latas de ervilhas / 1 cebola grande, batidinha / 1 cabeça de alho socado / sal a gosto / óleo para gratinar ou refogar os temperos / pimenta-do-reino (a gosto) / ovos para quantos forem comer.

MODO DE FAZER: esquente o óleo, frite o alho e a cebola. Junte o sal e a pimenta. Mexa bem e coloque a ervilha. Mexa. Acrescente água o suficiente para cobrir as ervilhas. Ao ferver, coloque os ovos, isto é, 1 para cada comensal. Claro, assim era no restaurante do trem. Em casa, ovos de acordo com as pessoas que iam participar do “banquete”.

MANTEIGA CASEIRA DOS VELHOS TEMPOS DE NOSSAS MÃES E AVÓS DO SÉCULO XX ATÉ AOS DIAS ATUAIS DESTA NOSSA SÉCULO XXI.

INGREDIENTES: Todos os dias, reservava-se a nata do leite (que na época chegava em casa de troleu ou carroça, ou a cavalo). Ainda quente, sempre sobrava uma porção de nata. Esta era colocada em um recipiente de louça ou de vidro que, por falta

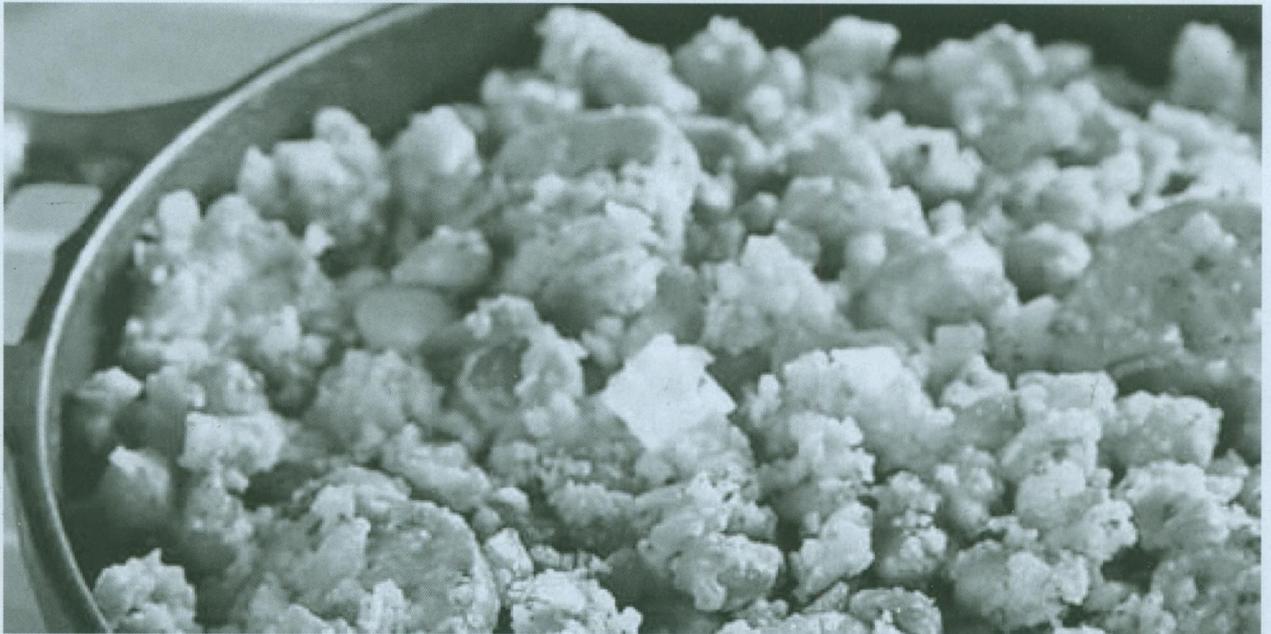


de geladeira, ficaria num canto da prateleira, coberto por um guardanapo bem limpinho.

MODO DE FAZER: No dia seguinte e nos demais, durante uma semana, tudo se repetia. Ao final, pegava-se toda essa nata já azedada, que era batida sem parar, até os braços doerem. O sal era optativo. Depois da bateção, lá estava a melhor dentre as melhores manteigas que já provamos em nossa vida.

Hoje ainda, minha irmã Ideh, minha amiga Nayda Grasseti e tantas mais nesta e em muitas outras cidades, conseguem leite puro e fazem essa deliciosa manteiga, digna de colocar no chinelo qualquer dessas margarinas da vida.

TUTU DE FEIJÃO À PAULISTA (O MESMO DOS VELHOS TEMPOS E DOS ATUAIS)



INGREDIENTES: ½ kg de feijão cozido na pressão ou em panela comum, como se fazia antigamente. Bem temperado com cebola, alho, pimenta (a gosto), sal, cheiro-verde, gordura ou óleo / farinha de milho (a gosto) para engrossar / 250g de *bacon* ou toucinho defumado / 250 g de linguiça defumada (nos velhos tempos, não existiam nos mercados. Eram defumadas sobre a chapa do fogão à lenha, colocadas num arame, bem no alto, durante uma semana, virando verdadeiros salames defumados).

Depois que o feijão estivesse bastante cozido, pegava-se a farinha de milho e ia-se colocando no feijão, mexendo com colher de pau até virar, realmente, um virado. Colocava-se em uma vasilha de louça (antigamente) e, hoje, em um pirex. Enfeitava-se com o *bacon* frito ou com toucinho defumado, igualmente frito, com a linguiça e muita cebola frita, em rodela.

Tudo feito assim, antes e hoje. Nos velhos tempos (e também nos atuais) era servido com arroz e carne de porco, quase sempre acompanhado de ovos fritos e couve batidinha, frita na gordura de porco ou no óleo.

CHUCHU EMPANADO (DOS VELHOS TEMPOS E DOS ATUAIS)

Nos velhos tempos, era prato comum na cozinha paulista. Hoje, com saudade, raramente o fazemos.





INGREDIENTES: De 6 a 8 chuchus pequenos (médios) pouco cozidos, sem a casca / fatias de queijo prato ou mussarela / 3 ovos batidos / fatias de mortadela / farinha de rosca para empaná-los.

MODO DE FAZER: Depois de semicozidos, partiã-m-se em duas partes. Dentro delas, colocavam-se fatias de queijo e de mortadela, fechavam-se as duas partes, que eram então passadas na farinha

de rosca caseira e nos ovos batidos. Com dois palitos, fechavam-se as parte do chuchu, fritando-os.

Era, e é até hoje, uma opção culinária das mais saborosas.

BACALHOADA (OU MOQUECA DE BACALHAU)



INGREDIENTES (PARA 10 OU MAIS PESSOAS): 1kg de bacalhau que, em Pirangi e em todo seu entorno, era vendido nas velhas e saudosas vendinhas, dependurados nas portas, bem no alto, onde o bacalhau ficava dividido em 2 partes / 6 batatas médias (batatinhas) e 6 batatas doces, cortadas em rodela / 3 cebolas médias, cortadas em rodela / 2 cabeças de alho picado / pimentões verdes e vermelhos, cortados em pedaços médios / sal (a gosto) / pimenta-do-reino e dedo-de-moça (a gosto, opcionais) / 3 xícaras (chá) de cebolinha e salsa, picadinhas / algumas folhas de louro / 4 ovos para enfeitar / azeitonas pretas ou verdes (a gosto) / azeite (que, nos tempos idos, era bem barato) ou óleo, para regar / 2kg de tomates, cortados em rodela / leite de coco (opcional).

MODO DE FAZER: Deixar o bacalhau de molho de um dia para o outro, trocando muitas vezes a água para remover o sal. No dia seguinte, desfiar o bacalhau em postas pequenas ou grandes, a gosto. Usar uma panela de ferro (quem tiver) e começar a fazer as camadas: no fundo da panela, óleo. Por cima, camadas de tomates, cebolas, alho picado, cheiro-verde, batatas (comum e doce), azeitonas, óleo, pimentão, pimentas, louro, o bacalhau em postas ou desfiado. Repetir quantas camadas couberem na panela. Salpicar o sal (ou seu tempero preferido). Salpicar um pouco de água com os dedos. Acender o fogo e colocar a panela. Quando começar a ferver, abaixar o fogo. Observar as batatas com um garfo. Quando elas estiverem cozidas, a bacalhoadada estará pronta. Enfeitar com azeitonas e ovos. Se quiser, antes de desligar, colocar um vidrinho de leite de coco. Fica ótimo.



OBS.: Essa receita, igual, serve para a “Moqueca de Peixe”, trocando-se apenas o bacalhau pela tilápia em filés. Antigamente, do início a meados do século XX, esse peixe não existia.

PALMITO AMARGO (GUARIROBA)

Já na terceira década do século XX, nossa mãe, como a maioria delas e das cozinheiras em geral, preparavam essa receita. O palmito guariroba existia em todas as matas e Pirangi (antes da devastação produzida pelo plantio de longas zonas de monocultura). Nosso pai ia pescar e sempre trazia para casa o palmito amargo. Não havia ainda a proibição de extrair seu broto terminal, pois existia em grande quantidade. Hoje, ainda fazemos essa iguaria sempre que conseguimos o palmito (guariroba) em Goiás, Mato Grosso e Sul de Minas, onde há plantações. Quando se cortam dez palmeiras, plantam-se cem. Às vezes, conseguimos alguns palmitos amargos com os caminhoneiros vindos de algumas paragens onde a poda é permitida. Vejamos a receita:



INGREDIENTES: 1 palmito amargo já sem a casca, cortado em cubinhos médios / 1 cebola grande, bem batidinha / 1 cabeça grande de alho socado / óleo para refogar o alho e a cebola / 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha, batidinhas / sal (a gosto) ou 1 colher (sopa) de Receita de Casa com pimenta, tempero excelente, com mistura de várias ervas / pimenta-do-reino (a gosto) / 1 lata de massa de tomate / 1 pimenta dedo-de-moça picadinha, sem as sementes / 5 ovos inteiros, crus.

MODO DE FAZER: Refogue o alho e a cebola. Junte o palmito, o cheiro-verde, o sal ou outro tempero. Coloque água na panela de pressão, cobrindo bem o palmito. Deixe no fogo por 20 minutos. Desligue e deixe sair a pressão. Experimente o gosto (amargo e bem temperado), deixando ferver. Acrescente os ovos inteiros, **NÃO** mexendo mais. Quando os ovos estiverem cozidos, o palmito estará prontinho. Sirva com arroz branco.

OBS. 1: Por favor, não vá arrancar pés de palmito (guariroba) em Pirangi, Olímpia ou qualquer lugar onde for proibido. Cuidado!

OBS. 2: Esse palmito tem muitos nomes, que variam conforme a região. Aqui, cito apenas alguns: catolé, catulé, coco-babão, coco-catulé, coco-da-quaresma, coco-da-quarta, coqueiro-amargoso, coqueiro-babão, coqueiro-guariroba, guairó, palmito-amargosô, pati-amargoso.



A CHUVA NO FOLCLORE EM OLÍMPIA:



PRELIMINARES

José Carlos Rossato

Departamento de Folclore - Olímpia

Caudal impressionante de contribuições tem derivado da chuva para alimentar o grande rio da mitografia, nos múltiplos aspectos de que esta se reveste.

Fenômeno metereológico que tanto afeta a vida humana, especialmente a do campônio, sempre em contato direto com as forças naturais, por certo deveria influenciar, de modo extraordinário, a imaginação do homem a ponto de compor abundante florilégio de experiências, crendices, prenúncios, refrões e modismos, que são, como todos sabem, parte integrante da sabedoria espontânea do povo.

Evocá-los, em rápida síntese, é o que temos, como propósito, neste esboço iniciado com o capítulo das predições.

Assim, quando a lua, em quarto crescente, tem os cornos inclinados, é sinal de chuva próxima.

Conhecido prolóquio referente ao halo que se forma em torno ao disco lunar, quando interceptado por nuvens, assim se expressa:

Círculo longe, chuva perto;
Círculo perto, chuva longe.

Mas vaticina outro estribilho:

Lua nova trovejada,
Trinta dias na molhada.

Enquanto isso, os “criolos” (crioulo: negro nascido na América, por oposição ao originário da África) do pampa argentino tem seus ditados típicos:

Norte claro o sol escuro,
Aguaceiro seguro.



E ainda:

Cielo empedrado,
Suelo mojado.

Em tom jocoso, nosso caipira
sentencia:

Barbado roncou na serra,
Chuva na terra.



Quando alguém canta desafinado,
afirmam, em tom chistoso, que vai haver
chuva na certa...

“Negro vestido de branco, é sinal
de chuva” diz o samba aproveitando a
vestimenta do provérbio.

Para o habitante da zona rural
anuncia seca o estrídulo canto da cigarra,
ao passo que, na Argentina, é o pio de ave
dos campos que faz prever céu grosso
descrito nas copas:

Quando canta la perdiz,
Nublado viene.
No hay mejor senäl de água,
Que quando llueve.



Indicam chuva próxima o desabrochar
das flores da Tabebuja nodosa, de linda

coloração amarela, ou as da Prosópis alba
que, como seu nome denota, são alvas e
cândidas.

Costume bastante difundido entre
os roceiros é o que consiste em organizar
procissões votivas para pedir chuva, após
longa estiada, procissões compostas
de gente descälça, de ambos os sexos,
diversas idades, a conduzir cântaros,
cabaças e outras vasilhas cheias de água
trazida de rios e fontes distantes sob o rigor
inclemente da soalheira. Com o precioso
líquido aspergem ritualmente cruces de
beira de estrada, ou hieráticos cruzeiros
erguidos frente capelas humildes,
ato piedoso e carismático geralmente
entrecortado de orações e rezas
propiciatórias. E _ fato digno de menção
_ quase sempre, farto aguaceiro remata
milagrosamente o ingente sacrifício.

Fontoura Costa, em seu interessante
opúsculo “Sertão Alegre”, registra
variações vertidas em jocosas facécias
que assim traduz:

O QUE É BÃO...



“- A seca, lá no Taboão,
tá de se desacorçua.
Já faiz, nhô Quim, um tempão
que num se vê água lá.

Nem chuisquero! E ói, que já
fizero, três purcissão,
mór-de as coisa indereitá!
Mais, ché!... Tudo foi em vão.

- Que gente mais atrasada!
Purcissão num adianta nada.
O que é bão, mermo, nhá Berta,
Pra chamá chuva, é virá



Sapo de barriga pro á.
É delúvio, pola certa.”

E, para não perdermos o sabor de versos assim pitorescos e graciosos, vamos transcrever estes:

AINDA SE FOSSE!



“- É verdade, pai, o que me agarantiro: que, quando saracura tá cantano, é siná que vai chovê?”

- Que pergunta! Inté é vê que ocê é bocó, Firmiano! Quem foi que andô insinano essas estória pro cê?

- Foi o Juca de nhá Amanda.
- Ara! Esses um são ateus.
A chuva, Deus é quem manda.
Tá ovino bem, meu fio?
Saracura num é Deus.
Inda se fosse bugio!...”

Dos “Contos Campesinos”, de Gregório Lopes y Fuentes, México, (1940), extraímos esta anedota intitulada “Terra de Temporal”:

Depois de uma seca prolongada, os campônios passearam pelo campo uma imagem de Jesus Cristo, para ver

se assim obtinham chuvas. Veio tremenda tempestade. Não deixou planta de pé. De mau humor, devolveram os camponeses a imagem tomada emprestada ao Senhor Cura e pediram, em troca, uma outra, da Virgem.

— A Virgem? Para que a querem meus filhos? Para que vá ver os destroços que fez seu Santíssimo Filho!”

Afirma certa crendice — comum na área de Olímpia — que colocar doze pedrinhas de sal ao relento, no primeiro dia do ano, contendo cada uma o nome de um mês do calendário, ao amanhecer, a que se apresentar mais úmida, designará o mês mais chuvoso do ano.

Jogar água, aos borrifos, em mão de pilão, é magia caseira aconselhável para obter chuva.

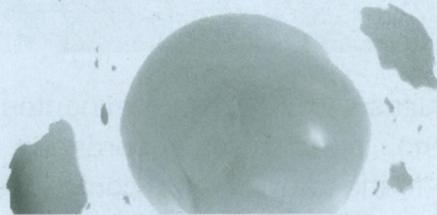
Atirar pito de velha na água corrente de rio, produz resultado semelhante.

Sortilégio infalível, para atrair o precioso líquido celeste, consiste em sacrificar um sapo deixando-o inerte, de ventre para o ar.

Duas manchas no céu, ao sudoeste: sinal de longa estiada; faltando uma, chuva na certa, falou-nos Maria Jesus de Miranda, excelente informante; foi uma das pioneiras colaboradoras do finado José Sant’anna.

Dores generalizadas no corpo humano, principalmente em calos, denunciam aproximação de chuva.

Crença bastante enraizada na alma popular afirma que todos os dias de Finados chove copiosamente. É — dizem — o pranto dos mortos.



Expôr ao relento um ovo, em honra de Santa Clara, é infalível para fazer cessar a chuva. O povo associa o nome da santa



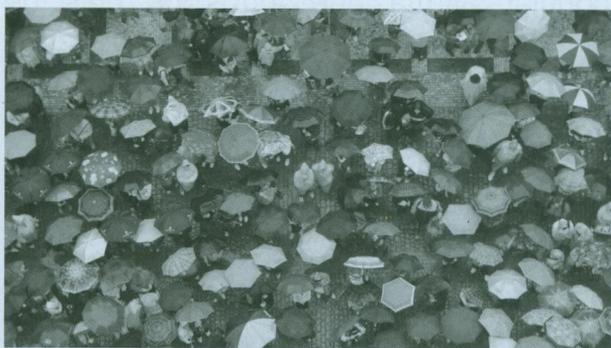
homenageada ao da clara ou albumina.

Igual resultado pode ser obtido pelo abuso que manda traçar, no solo, com uma varinha flexível, a imagem do sol com seus raios distendidos.



Benzer as nuvens, pejudas de água, com o fito de promover um temporal, é prática habitual das pessoas. Há supostos entendidos que se presumem dotados de poderes sobrenaturais, e, nessa suposi- promovem a prática. Na Andaluzia, corri o mesmo fito, há o costume de atirar contra as nuvens utilizando compridas armas de fogo.

Quando chove e faz sol ao mesmo tempo é crença firmada pelo vulgo de que o diabo está batendo na mulher... Modismos extravagantes são registrados no tocante a essa superstição, citando-se, entre eles: _ “sol com chuva, casamento de viúva”, o qual, se não é verdade, pelo menos rima; “sol com chuva, a raposa está casando”, parlenda infantil.



Muitas expressões, atinentes ao fenômeno, podem ser recordadas, tais como: “Maria das pernas compridas”, a traduzir chuva em nosso populário; “chover no molhado”, isto é, bater na mesma tecla, narrar fato conhecido, etc.; “estar na chuva”, isto é, embriagado e também

mulher no período lunar; “verão de sol” expressão pleonástica, redundante, muito ao sabor de nossos humoristas, anotada por Monteiro Lobato, em seu livro “Contos Pesados”: “adivinhandando chuva” diz-se de quem canta em demasia, ou ri à toa, fora de propósito; “chuva criadeira” chuvisco manso e persistente, benquisto pelo roceiro; “chuviscandinho” - neologismo recolhido por nós na Capital do Folclore: “chuva não quebra osso” - conselho a timoratos e indecisos, que não ousam enfrentar os rigores da natureza; “ainda que chova canivetes” qualquer que seja o tempo, a condição; “quem está na chuva é pra molhar” designa fatalismo, condição.



Santo roubado é que faz milagres _ diz um próloquio e, seguindo-o à risca, é preceito, em certas regiões, raptar imagens de santos, tirando-as de oratório particular, e conduzi-las, em procissão, na pressuposta intenção de atrair chuva. Após a queda suficiente de água, promove-se a devolução. Entretanto, é nos domínios da fauna onde podemos respigar numerosa seqüência de prenúncios relativos à chuva.

Assim, predizem chuva:

 O canto da saracura nas margens ribeirinhas. Confirma-o a onomatopéia “três potes”, de seu canto singular.

 Silvo agudo de cobras no matagal, ou quando aparecerem com frequência, espojando-se na areia dos caminhos.

 Aparecimento insistente de mosquitos da espécie “borrachudos” e “pólvora”, assim denominados: aqueles por serem adiposos, sendo estes negros e miúdos.

 Tucanos e Anus, passando céleres,



em voo rasteiro e a bater estrídulos os bicos.

☂ Canto prolongado de Uru no fundo da mata umbrosa.

☂ O pio do Amanaci, também conhecido por "mãe da chuva", um pássaro do Amazonas. Amana, em tupi-guarani, designa chuva.

☂ Gralha a saltitar sozinha na areia, de voz roufenha e gritante. Vergílio, há dois mil anos, mencionou o fato em suas "Geórgicas".

☂ Grous e guas, fugindo em debandada, pressentem início de tormenta.

☂ Voos de andorinhas, aos pares, resvalando o solo e desferindo agudos chilreios.

☂ Quando o charão - espécie de pássaro conhecido por "papagaio da serra" - deixa de cantar, anuncia chuva próxima.

☂ Corrierias desenfreadas de animais soltos nos pastos.

☂ Quando tachãs volitam adejando pelas alturas, descendo após prolongado pairar.

☂ Canto de João Bobo, ou Chucuru, prediz aguaceiros na certa.

☂ Voos de patos, em bando, a grasnar. No Sul do continente são os patos Silbónes que prognosticam chuva quando passam de uma a outra região, a desferir seus gritos peculiares.

☂ O crocitar de corvo, ou urubu.

☂ Aparecimento de lagartixa, fora de horas.

☂ Encontrar aranhas distante de seu esconderijo.

☂ Quando formigas vermelhas transportam, em azáfama incontida, seus filhotes, para lugares mais enxutos.

☂ Gritos onomatopaicos de seriema por prados e descampados.

☂ Cão, principalmente de cor preta, dormindo de patas para o ar.

☂ Cavalo de sela quando exala forte odor de suor.

☂ Gato lavando-se com a própria saliva.

☂ Acauã pousada em arbustos.

☂ Perereca verde arborícola a cantar em frestas e ocos de paus.

☂ Sapo ferreiro batendo bigorna às margens de lagoa.



É evidente que este pequeno texto é fruto de exaustivo levantamento de campo, por nós efetuado, desde o final do século 20. Foram contados por vários informantes, quase todos anônimos, em logradouros públicos, interior de coletivos e em conversas informais. Somos gratos a todas essas pessoas.

Nota-se que conseguimos ouvir e apreciar os sons promovidos por variados animais (vertebrados e invertebrados) do nosso meio ambiente (pleonasmos válido no vernáculo), terrestres e aquáticos.



em voo rasteiro e a bater estrídulos os bicos.

☂ Canto prolongado de Uru no fundo da mata umbrosa.

☂ O pio do Amanaci, também conhecido por "mãe da chuva", um pássaro do Amazonas. Amana, em tupi-guarani, designa chuva.

☂ Gralha a saltitar sozinha na areia, de voz roufenha e gritante. Vergílio, há dois mil anos, mencionou o fato em suas "Geórgicas".

☂ Grous e guas, fugindo em debandada, pressentem início de tormenta.

☂ Voos de andorinhas, aos pares, resvalando o solo e desferindo agudos chilreios.

☂ Quando o charão - espécie de pássaro conhecido por "papagaio da serra" - deixa de cantar, anuncia chuva próxima.

☂ Correrias desenfreadas de animais soltos nos pastos.

☂ Quando tachãs volitam adejando pelas alturas, descendo após prolongado pairar.

☂ Canto de João Bobo, ou Chucuru, prediz aguaceiros na certa.

☂ Voos de patos, em bando, a grasnar. No Sul do continente são os patos Silbónes que prognosticam chuva quando passam de uma a outra região, a desferir seus gritos peculiares.

☂ O crocitar de corvo, ou urubu.

☂ Aparecimento de lagartixa, fora de horas.

☂ Encontrar aranhas distante de seu esconderijo.

☂ Quando formigas vermelhas transportam, em azáfama incontida, seus filhotes, para lugares mais enxutos.

☂ Gritos onomatopaicos de seriema por prados e descampados.

☂ Cão, principalmente de cor preta, dormindo de patas para o ar.

☂ Cavalo de sela quando exala forte odor de suor.

☂ Gato lavando-se com a própria saliva.

☂ Acauã pousada em arbustos.

☂ Perereca verde arborícola a cantar em frestas e ocos de paus.

☂ Sapo ferreiro batendo bigorna às margens de lagoa.



É evidente que este pequeno texto é fruto de exaustivo levantamento de campo, por nós efetuado, desde o final do século 20. Foram contados por vários informantes, quase todos anônimos, em logradouros públicos, interior de coletivos e em conversas informais. Somos gratos a todas essas pessoas.

Nota-se que conseguimos ouvir e apreciar os sons promovidos por variados animais (vertebrados e invertebrados) do nosso meio ambiente (pleonasma válido no vernáculo), terrestres e aquáticos.



48º FESTIVAL DO FOLCLORE



O Espetáculo de Abertura do 48º Festival do Folclore de Olímpia, edição em que se homenageou o Estado do Rio Grande do Sul, teve como tema a cultura gaúcha e se iniciou logo depois do hasteamento das bandeiras e dos discursos oficiais, por volta das 21 horas do dia 21 de julho de 2012.

A criação e organização do espetáculo, denominado “Olímpia, Capital do Folclore, revela as tradições, os segredos do Rio Grande do Sul e os encantos do Brasil”, ficaram a cargo da Secretaria Municipal da Educação de Olímpia-SP.

Os preparativos para a realização do espetáculo se iniciaram no segundo semestre de 2011, com esmerados planejamentos decorrentes de acurados estudos das manifestações e outros aspectos ligados à cultura sul-rio-grandense.



Aproximadamente 150 crianças da rede municipal de ensino participaram do espetáculo, em que foram apresentadas danças tradicionais do Rio Grande do Sul.

Houve também a participação de cerca de 60 integrantes dos Centros de Tradições Gaúchas que se encontravam na cidade de Olímpia para receber a homenagem e contribuir para enaltecer-lhe o valor artístico.

A tradicional indumentária gaúcha utilizada pelos alunos foi cuidadosamente estudada e produzida por voluntários das escolas municipais olimpienses: cozinheiras, auxiliares, inspetoras, faxineiras, professores, coordenadoras, diretoras, enfim, servidores públicos das escolas que têm como profissão outras atividades, mas, em nome da promoção da cultura, acumulam a função de estilistas e costureiros para bem



vestir nossos pequenos artistas. O espetáculo se iniciou com a dramatização da lenda do Negrinho do Pastoreio, brilhantemente encenada por um aluno da EMEB Silva Melo, seguida da apresentação de várias danças gaúchas, permeadas pela declamação de um poema criado especialmente para o evento pelo professor, músico e poeta Edward Marques da Silva ("Wadão", Coordenador da Secretaria Municipal de Educação), abaixo transcrito:



TROVAS AO VENTO

Hoje Olímpia amanheceu mais faceira
Contente, cantante envolta no azul
Um azul revestido em verso e prosa
Que o vento vem traz lá do Rio Grande do Sul
Ouça Olímpia o trotar arfante
Do cavalo crioulo no pampa a vagar
Sinta na brisa o cheiro do mate
E gaita plangente gemendo ao luar
Falo de um povo aguerrido
Valente, pujante, alegre e gentil
Guardião constante e fiel
Das fronteiras do nosso Brasil
Canto a saga dos Garibaldi
A revolução farroupilha
As tramas do tempo e do vento
Fiadas na lida, na guerrilha
Ouça Olímpia, essa voz...
Que ao longe, bem longe, vagueia
Campeando na noite escura
Uma tropa sem rumo e sem freio
É o triste soluçar do Negrinho do Pastoreio



As danças foram Cana-verde, Xote de duas damas, Sarrabalho, Chimarrita e Pau de fita, sendo esta última dançada pelos grupos do Rio Grande do Sul presentes no Festival, quais sejam, Centro de Tradições Gaúchas - CTG "Estância da Serra" - Osório/RS, CTG "Paixão Côrtes" - Caxias do Sul/RS, CTG "Potreiro Grande" - Tramandaí/RS, CTG "Querência do Imbé" - Imbé/RS, Grupo de Arte "Essência Nativa" - São José do Sul/RS e Grupo de Tradição e Cultura "20 de Setembro" - Xangri-Lá/RS.

Foi também apresentado um desafio de Chula, muito aclamado pelo público presente, que lotou a arena da Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".





Para completar o repertório de danças gaúchas foi apresentada a Chimarrita e, ao final, os alunos participantes preencheram a arena para apresentar a coreografia da música "Adagas e Trovas", composta por Wadão Marques, para concretizar a homenagem aos amigos gaúchos que assistiram à apresentação em cima do palco principal e foram calorosamente aplaudidos por nossas crianças e por todos os que ali se encontravam.

Oportuno transcrevermos a letra da música:

"ADAGAS E TROVAS"

(Homenagem ao Rio Grande do Sul, 48º FEFOL)

É noite de sangue nos Pampas
Protejam as prendas e os piás
Chimangos e Maragatos
Numa batalha a travar

Velozes cavalos de fogo
Adagas rompem a escuridão
Para libertar-te Rio Grande
Dou-te o sangue, a alma e o coração

Quero ver minha Querência
Triunfante florescer
E na beira do Guaíba
Ver o sol se esconder

Abre a porta da vivenda
Prenda minha vem bailar
Traz o charque, o mate e a cuia
Traz a gaita pra eu tocar

Quero peleia de chula
Gineteada e facão
Sou Gaúcho sou Caudilho
Não nego minha tradição



Coordenação Geral do espetáculo: Prof.^a Eliana Antônia Duarte Bertencello Monteiro, Secretária Municipal de Educação. Coordenação Artística e Coreográfica: Prof. Tiago Pessoa Lourenço. Texto, Música e Iluminação: Prof. Edward Marques da Silva (Wadão Marques)*. Realização: Secretaria Municipal de Educação de Olímpia-SP.



Os pronunciamentos oficiais foram feitos pela Prof.^a Eliana A. Duarte Bertoncetto Monteiro, Secretária Municipal de Educação, pela Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore, pelo Presidente da Comissão Executiva do FEFOL, Paulo Duarte, pela Delegada Regional de Turismo, Célia Gomes e pelo Prefeito de Xangri-lá-RS, Celso Bassani Barbosa. Na oportunidade, a rainha do FEFOL, Ana Carolina de Souza, e Camila Sacchetim de Bortoli também fizeram uma saudação aos grupos presentes no evento.



Após o Espetáculo de Abertura, realizou-se um desfile, pela arena da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, de alguns grupos folclóricos e parafolclóricos de Olímpia/SP e de outras localidades, que já se encontravam na “Capital do Folclore” na ocasião.



APRESENTAÇÕES NO PALCO



Depois do Espetáculo de Abertura e do Desfile de grupos folclóricos e de projeção folcórica presentes no festival, na noite de Sábado, 20/07/2012, apresentaram-se os grupos gaúchos que representaram o Estado homenageado no 48º FEFOL: Centro de Tradições Gaúchas - CTG "Estância da Serra" - Osório/RS, CTG "Paixão Côrtes" - Caxias do Sul/RS, CTG "Querência do Imbé" - Imbé/RS, CTG "Potreiro Grande"

- Tramandaí/RS, Grupo de Arte "Essência Nativa" - São José do Sul/RS e Grupo de Tradição e Cultura "20 de Setembro" - Xangri-Lá/RS.



Nos dias seguintes, os grupos folclóricos e parafolclóricos a seguir mencionados fizeram suas apresentações no palco principal do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".



DOMINGO - 21/07/2012: Companhia de Reis "Lapinha de Belém" - Olímpia/SP; Cia. de Reis "Magos do Oriente" - Olímpia/SP; Terno de Moçambique "São Benedito" - Olímpia/SP; Os Catireiros de Olímpia "Nossa Senhora" - Olímpia/SP; Grupo "Nova Esperança" da Terceira Idade - Olímpia/SP; Grupo Olimpiense de Dança Parafolclóricas "Cidade Menina Moça" - GODAP - Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico "Frutos da Terra" - Olímpia/SP; Grupo Folclórico "Batalhão de



Bacamarteiros” - Carmópolis/SE; Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” – Fortaleza/CE; Grupo Parafolclórico “Vitória Régia” - Cáceres/MT; Associação Cultural do Logradouro – Grupo Maria Bonita - Umari/CE; Apresentação Especial com todos os grupos gaúchos presentes no FEFOL.



SEGUNDA-FEIRA - 23/07/2012:

Companhia de Reis “Mensageiros da Paz” - Olímpia/SP; Cia. de Reis “Caminho de Belém” - Olímpia/SP; EE Alzira Tonelli Zacarelli - Olímpia/SP; Grupo Folclórico Ganga Zumba das Alagoas - Maceió/AL; Grupo de Arte Essência Nativa - São José do Sul/RS; CTG Querência do Imbé - Imbé/RS; Grupo de Tradição e Cultura 20 de Setembro - Xangri-lá/RS.



TERÇA-FEIRA - 24/07/2011:

Companhia de Reis “Filhos de Maria” - Olímpia/SP; Cia. de Reis “Estrela Guia” - Olímpia/SP; Cia. de Reis “Viajantes de Belém” - Olímpia São Paulo/SP; EE Alzira Tonelli Zacarelli - Olímpia/SP; Associação Cultural Anastasis - Artes Cênicas e Solidariedade - Olímpia/SP; Grupo Folclórico “Batalhão de Bacamarteiros” - Carmópolis/SE; Grupo Potreiro Grande - Tramandaí/RS; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante/RN; Associação Cultural do Logradouro - Grupo Maria Bonita - Umari/CE; Grupo Parafolclórico Andora – UFES; CTG Paixão Côrtes - Caxias do Sul/RS.



QUARTA-FEIRA - 25/07/2012: Cia. de Reis "Incenso, Ouro e Mirra" - Olímpia/SP; Cia. de Reis "Estrela da Guia" - Olímpia/SP; Recomendada das Almas - Olímpia/SP; Grupo de Dança "São Gonçalo" - Olímpia/SP; Grupo da "3ª Idade" - Olímpia/SP; Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas - GODAP - Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico "Frutos da Terra" - Olímpia/SP; CTG Querência do Imbé - Imbé/RS; Centro de Tradição e Cultura "20 de Setembro" - Xangri-lá/RS; Grupo de Arte "Essência Nativa" - São José do Sul/RS; Grupo Folclórico Ganga Zumba das Alagoas - Maceió/AL; Reisado Baile Estrela - Moita Bonita/SE; Grupo Parafolclórico "Frutos da Terra" - Olímpia/SP; Apresentação Especial com todos os Grupos do Rio Grande do Sul presentes no FEFOL.



QUINTA-FEIRA - 26/07/2012:

Terno de Congada "Chapéu de Fitas" - Olímpia/SP; Cia. de Reis "Os Visitantes de Belém" - Olímpia/SP; Cia. de Reis Fernandes - Olímpia/SP; Associação de Capoeira "Raízes de Olímpia" - Olímpia/SP; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante - RN; CTG Potreiro Grande - Tramandaí/RS; Grupo Parafolclórico Andora - UFES; Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas "Fogaça" - Maringá/PR; Grupo Parafolclórico "Vitória Regia" - Cáceres/MT; Grupo Parafolclórico "Terra da Luz"/CE; CTG Paixão Côrtes - Caxias do Sul/RS.

SEXTA-FEIRA - 27/07/2012:

Associação Cultural Anastasis - Artes Cênicas e Solidariedade - Olímpia/SP; Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas "Fogaça", Maringá/PR; Grupo Parafolclórico "Camalote"/MS; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante/RN; Associação Folclórica Boi de Mamão do Pantanal - Florianópolis/SC; CTG Estância da Serra - Osório/RS.





SÁBADO - 28/07/2012: Grupo de Reisado Mirim "Mestre Zacarias de Matos" - Guarujá/SP; Grupo Folclórico de Fandango de Chilenas dos Irmãos Lara - Capela do Alto/SP; Reisado Sergipano e Bumba-meu-Boi - Guarujá/SP; Grupo Folclórico Samba Lenço - Mauá/SP; Grupo Folclórico Jongo de Piquete - Piquete/SP; Grupo Folclórico "Caiapó" - São José do Rio Pardo/SP; Grupo Folclórico Unidos a São Benedito do Parque Bandeirantes - Taubaté/SP; Congada Marinheiros de Franca - Franca/SP; Congada Unidos de Patrocínio - Patrocínio Paulista/SP; Grupo Folclórico Moçambique o Manhoso - Ibiraci/MG; Terno de Congo "Os Marinheiros" - Itaú de Minas/MG; Companhia de Reis "Unidos dos Marinheiros de Itaú" - Itaú de Minas/MG; Grupo Folclórico Terno de Congada da Coroa do Menino Jesus "Família do Jeromiinho" - Passos/MG; Terno de Congo Xambá - São Sebastião do Paraíso/MG;



Grupo de Catira Novos - Araçás/SP; Grupo Folclórico "Batalhão de Bacamarteiros" - Carmópolis/SE; Reisado Baile Estrela - Moita Bonita/SE; Grupo Folclórico Ganga Zumba



das Alagoas - Maceió/AL; Associação Folclórica Boi de Mamão do Pantanal - SC; Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas Fogaça - Maringá/PR; Grupo Parafolclórico Andora - UFES Grupo Parafolclórico "Camalote" - Campo Grande/MS; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante/RN; CTG Estância da Serra - Osório/RS; Grupo Parafolclórico "Terra da Luz" - Fortaleza/CE; CTG Potreiro Grande - Tramandaí/RS; Associação Cultural do Logradouro - Grupo Maria Bonita - Umari/CE; CTG Paixão Côrtes - Caxias do Sul/RS; Grupo de Arte Essência Nativa - São José do Sul/RS; Grupo Parafolclórico "Vitória Regia" - Cáceres/MT.



DOMINGO - 29/07/2012: Os grupos gaúchos presentes no FEFOL se apresentaram no palco, encerrando o evento com uma belíssima confraternização com os demais grupos folclóricos e de projeção folclórica.



MINIFESTIVAL DO FOLCLORE



No Pavilhão Cultural da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, realizou-se, de 13/07/2012 a 27/07/2012, mais uma edição do Minifestival do Folclore, evento promovido pela Secretaria Municipal de Educação, em que há apresentações de alunos das unidades escolares municipais, mostrando o trabalho de pesquisa e aproveitamento do Folclore na Educação.



O Minifestival conta também com a participação de grupos folclóricos e parafolclóricos que visitam a cidade cujos integrantes, além de apresentarem suas danças e folguedos, fazem breves preleções sobre as danças e folguedos que apresentam, a exemplo dos grupos gaúchos homenageados, do Reisado de Zabelê/PB e Pastoril Dona Joaquina, de São Gonçalo do Amarante/RN, presentes no evento.



No dia 23 de julho de 2012, segunda-feira, houve a participação de alunos da Escola Municipal de Ensino Básico - EMEB Professor José Sant’Anna, com as danças Pezinho, Chimarrita e Caranguejo, e alunos da EMEB Santo Seno, com o Bumba-Meu-Boi.



Dia 24/07/2012: EMEB Dona Luiza Seno de Oliveira - Danças Tradicionais Gaúchas; EMEB Joaquim Miguel dos Santos - Balaio e Rancheira de Carreirinha; EMEB Washington Junqueira Franco - Folia de Reis, Catira, Maneiro-Pau e Balainha.



Dia 25/07/2012: EMEB Professor Reinaldo Zanin - Dança do Algodão; EMEB Jardim Hélio Cazarini - Danças Gaúchas; EMEB Professora Zenaide Rugai Fonseca – Carimbo e Chote Carreirinho.



Dia 26/07/2012: EMEB Theodomiro da Silva Melo – Teatro: “Baile no CTG” e “Negrinho do Pastoreio”; EMEB Professor Maurício César Alves Pereira: “Feira de Mangaio” e “Danças Gaúchas”; Projeto de Dança da Secretaria Municipal de Educação - “Danças Tradicionais Gaúchas”.



CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORE



Evento que se distingue por sua relevância, visto que é destinado a estudantes e interessados no assunto para ampliar seu entendimento sobre as manifestações folclóricas apresentadas em nossa festa maior, o Ciclo de Palestras teve sua abertura no dia 23 de julho de 2012, segunda-feira, por volta das 9 horas, com os discursos da Secretária Municipal de Educação, Professora Eliana A. Duarte Bertoncello Monteiro, e da Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli. A seguir, o Prof. Manoelito Carlos Savaris apresentou palestra sobre o tema “História do Rio Grande do Sul e Carta de Princípios”, e a Professora Maria Cardoso Fainstauer, sobre “Símbolos do Rio Grande do Sul”.

O evento continuou até o dia 26/07/2012, iniciando-se por volta das 9 horas, e com rodada de perguntas e debates após as palestras.

Na terça-feira, dia 24/07/2012, os temas abordados pelos palestrantes Rogério Pereira Bastos e Toni Sidi Ferreira Pereira foram, respectivamente, “Folclore do Rio Grande do Sul” e “Danças Tradicionais Gaúchas e Danças Gaúchas de Salão”.



Na quarta-feira, 25/07/2012, Rogério Pereira Bastos proferiu palestra sobre “Música e Ritmos Gaúchos” e Liliane Inês Pappen, sobre o “Chimarrão”.

Na quinta-feira, 26/07.2012, os palestrantes foram Maria Cardoso Faistauer (“Artesanato Gaúcho”) e Rogério Pereira Bastos (“Indumentária Gaúcha”).

No decorrer do Ciclo de Palestras, também se apresentaram o CTG “Paixão Côrtes” - Caxias do Sul/RS, o Grupo de Arte Essência Nativa - São José do Sul/RS, o Grupo de Tradição e Cultura “20 de Setembro” - Xangri-lá/RS, CTG “Potreiro Grande” - Tramandaí/RS, bem como as EMEBs Professora Lourice Arutin Sgorlon (Dança Tatu), Cidade Imaculada (Chimarrita), e Helena Covello (Chula).



23º SALÃO DE ARTES

Trata-se de evento que tem por escopo incentivar a produção artística na Capital do Folclore, resultante de um concurso realizado na semana anterior ao FEFOL, cujo tema, em 2012, foi "O Folclore do Rio Grande do Sul" (crendices, lendas, danças, usos e costumes), Estado homenageado na 48ª edição da nossa festa maior.

A então Secretária Municipal de Cultura, Esporte, Turismo e Lazer, Marina Pasini Saleme, coordenou o evento.

A abertura do Salão de Artes e a premiação realizaram-se por volta das 19 horas do dia 21 de julho de 2013.

Vejamos o resultado do Concurso:

Pintura Acadêmica:

1º lugar: (R\$1.000,00)

Quadro: Negrinho do Pastoreiro e sua Madrinha

Ricardo de Carvalho Arruda

2º lugar: (R\$500,00)

Quadro: Utensílios Gaúchos

Rafael Biagione

Pintura Moderna:

1º lugar: (R\$1.000,00)

Quadro: Fandango

Sandra R. P. Freitas

2º lugar: (R\$500,00)

Quadro: Folguedos Gaúchos

Benedita de C. Konkowski

Fotografia:

1º lugar: (R\$800,00)

Foto: Anoitecer do Rio Grande

Tatiana Andreotti de Azambuja

2º lugar: (R\$400,00)

Foto: O amor do Sul

Graziele Aparecida da Silva

Escultura:

1º lugar: (R\$800,00)

Escultura: Saci Pererê

José Marini

2º lugar: (R\$400,00)

Escultura: A Cuia

Suelen Najara de Mello

Artesanato:

1º lugar: (R\$800,00)

Artesanato: Peão e Prenda

Regina Helena F. de Espindola

2º lugar: (R\$400,00)

Artesanato: Porta Chimarrão Gaúcho

Mirela Cristina

Poesia:

1º lugar: (R\$800,00)

Poesia: Trovas ao Vento

Edward Marques da Silva

2º lugar: (R\$400,00)

Poesia: Amigos Gaúchos Amigos

Telia C. Prado Rodrigues



CAMPEONATOS DE TRUCO, BOCHA E MALHA

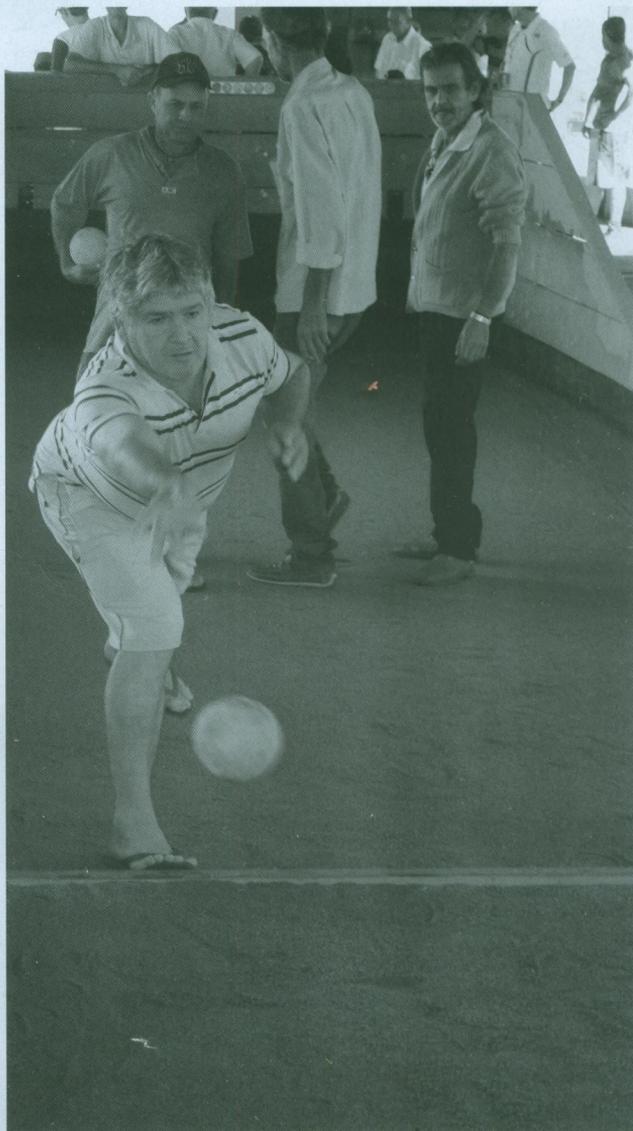


Os campeonatos de Truco, Bocha e Malha se realizaram no dia 22 de julho de 2012; na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", o's dois primeiros, e o de Malha, no Ginásio de Esportes Olinto Zambon.

No Campeonato de Truco, Rogério Aparecido de Souza Costa e José Francisco de Lima Neto ficaram em primeiro lugar; Diego Quilles e Carlos Eduardo, em segundo; e Bruno Augusto Garcia e André Ricardo Bitencourt, em terceiro lugar.

As duplas vencedoras do Campeonato de Bocha foram: Ângelo Spadari e Hélio Lupi, em primeiro, José Carlos Marreto e Luiz Gobato, em segundo, e Lourival Donizete Fernandes Gouveia e Isaias Braido em terceiro lugar.

Já na Malha as duplas vencedoras foram Oswaldo Lourenço Miler e Jesus Orivaldo Rafael, em primeiro lugar. Em segundo: Daniel Rodrigues da Silva e Antônio Marinho dos Santos. Em terceiro: Ademar Alves de Souza e Francisco Aparecido Pereira.



João Carlos Amaro de Souza coordena os campeonatos.



PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA

A Peregrinação Folclórica, que se realizou de 23/07/2012 a 27/07/2012, configura um variegado e festivo passeio de grupos folclóricos e parafolclóricos pelas ruas centrais da cidade, praças dos bairros e também pelos distritos de Baguaçu e Ribeiro dos Santos.

Os grupos também fazem breves apresentações em repartições públicas municipais e em estabelecimentos bancários e comerciais que colaboram com o Festival do Folclore.



PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA



OUTRAS ATIVIDADES



Pavilhão de Artesanato - Reoniquevones Brunhara Puttini, "Reonique", responsável pela decoração do Recinto do FEFOL, também coordena a exposição de artesãos olímpenses.



Pavilhão do Rio Grande do Sul.



Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, promovida pela Secretaria Municipal de Educação.



INAUGURAÇÃO DO GALPÃO CRIOULO

No domingo, 22, além das apresentações no palco principal, inaugurou-se o "Galpão Crioulo".



A novidade foi construída por dois gaúchos, vindos de Capão da Canoa. A construção, considerada um mini CTG (Centro de Tradições Gaúchas), começou no dia 11 de julho e durante toda a semana recebeu visitas de olimpenses e visitantes. A cerimônia de inauguração contou com a participação de todos os grupos do Rio Grande do Sul presentes do FEFOL,

da Secretária Municipal de Educação, Prof^a Eliana Bertoncello Monteiro, da Coordenadora Geral do Setor do Folclore, Prof^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli (Cidinha Manzolli), do Secretário Municipal de Governo, Paulo Marcondes, e do presidente da Comissão Organizadora, Paulo Duarte. Antes da inauguração, os integrantes dos grupos cantaram o Hino do Rio Grande do Sul. Em seguida, o galpão foi inaugurado e aberto para visitação.



DESFILE



Realizou-se no dia 29 de julho de 2012, a partir das 9 horas, o evento considerado o ponto máximo do Festival: o Desfile dos grupos folclóricos e parafolclóricos presentes na nossa festa maior.

A concentração foi defronte da Câmara Municipal de Olímpia até o cruzamento com a Avenida Andrade e Silva. O Desfile seguiu pela contramão da Avenida Aurora Fórti neves, até a Rua David de Oliveira, retornando por esta de volta à mencionada avenida, até dispersar-se no encontro com a Avenida Waldemar Lopes Ferraz.

Iniciou-se com um carro alegórico



em que se encontrava a figura do Curupira, o Patrono do Festival do Folclore. Ato contínuo, houve as seguintes

participações: os grupos gaúchos; carro com a Rainha do 48º Festival do Folclore; carros que anunciavam as regiões do país, tendo sido seguidos pelos grupos parafolclóricos oriundos, respectivamente, de cada uma delas; carros homenageando o Prof. José Sant'anna, criador do Festival, o ex-prefeito Wilson Zangirolami, o Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas - GODAP (que comemorava 45 anos na ocasião); carro do grupo da Terceira Idade; e, finalmente, os grupos folclóricos presentes no FEFOL.

O Dr. Gilsom Carlos Miranda coordena o Desfile.



DESFILE



DESFILE



RAINHA DO 48º FESTIVAL DO FOLCLORE



Dando-se seguimento à oportuna retomada do concurso para a escolha da Rainha do Festival do Folclore, pelo Dr. Gilsom Carlos Miranda_ que coordena o evento desde quando foi ele reintegrado às atividades preparatórias do FEFOL, em 2010 _ no dia 22/06/2012, a partir das 20 horas, na Casa da Cultura “Álvaro Marreta Cassiano Ayusso”, realizou-se o concurso pra eleger a Rainha do Festival em 2012.



O GODAP - Grupo Olimpense de Danças Parafolclóricas, criado e dirigido pela Prof.^a Cidinha Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore, em meio às celebrações de seus 45 anos, engrandeceu o evento apresentando diversas danças gaúchas, visto que o Rio Grande do Sul seria o Estado homenageado na 48ª edição da nossa festa maior.

O Corpo de Jurados foi composto por: Paulo Roberto Marcondes, Secretário Municipal de Governo, Nely Spegiorin Rímoli, Médica Dermatologista, Janete Haidar, Artista Plástica, Tiago Louzada, Coreógrafo, Meriane Neves Monteiro, Cirurgiã-dentista, Regina Monteiro, Cabeleireira e Esteticista, Elaine Aparecida de Oliveira, Prof.^a de Educação Física, Maria Carolina Holanda Martinez, Médica Pediatra e Marcela Gloria Gaetano de Oliveira, Fisioterapeuta _ profissionais de diversas áreas, que, sem qualquer contraprestação, além da de colaborar com o Festival, participaram do evento, aos quais a Comissão Executiva do FEFOL expressa seus efusivos agradecimentos.



Cinco candidatas participaram do concurso: Tainá Coutinho Ignácio e Weila Almeida Oliveira, da Escola Alzira Tonelli Zaccarelli; Ana Carolina de Souza e Camila Sacchetim de Bortoli, da Escola Anita Costa; e Elisa Guimarães Lázari, do Colégio EDUVALE.

A vencedora foi Ana Carolina de Souza.

Para o Dr. Gilsom Miranda, organizador do concurso, esse é um dos primeiros momentos concernentes à nossa festa maior. “É com muito prazer que faço pelo terceiro ano o concurso da Rainha do FEFOL. Esse é um dos primeiros passos para o nosso festival. A gente promove o concurso da rainha um mês antes, quando já se concretizam os preparativos para o festival. Estou feliz com o concurso. Foi um sucesso”, disse o Dr. Gilsom.

Para Cidinha Manzolli, Coordenadora do FEFOL e do GODAP, as apresentações foram encantadoras. “A escolha da rainha foi um banho de cultura, trabalho e força. Ver as nossas crianças e jovens dançando o Brasil foi muito lindo. Como diria o professor José Sant’anna, foi um preâmbulo do Festival realizado com muita garbo e de maneira extraordinária. São 48 anos de estrada e sinto que o Festival nunca vai morrer. Nós estamos fazendo a nossa parte, mas outros estão vindo. Todos fazem com muito amor e perfeição”.

Depois de eleita a Rainha do 48º FEFOL, deu-se o lançamento oficial do cartaz do 48º FEFOL.





HOMENAGEM A TINOCO

O Vereador Luiz Antônio Moreira Salata apresentou requerimento (nº 216/2012), requerendo que os trabalhos da Sessão Ordinária que se realizava no dia 12/05/2012 fossem encerrados após a Ordem do Dia, em homenagem póstuma à memória do saudoso José Salvador Perez, inesquecível cantor TINOCO, falecido em dia 04/05/2012. O requerimento foi deferido e, na ocasião, a pedido do mencionado vereador, houve emocionante entoação da música “Olímpia Cidade Moça”.

Oportuna a transcrição da Justificativa:

JUSTIFICATIVA

Faleceu neste dia 04 de maio, na Capital do Estado, o Senhor José Salvador Perez, o inesquecível cantor sertanejo TINOCO e pela passagem recebeu as homenagens de autoridades em todos os níveis do país, artistas, amigos e familiares.

O inesquecível TINOCO foi um exemplo de honestidade, retidão de caráter e simplicidade, no verdadeiro sentido da palavra e pela sua determinação, trabalho e exemplo de patriarca da família contribuiu de forma inestimável para o engrandecimento cultural de nossa comunidade, compondo juntamente com os autores Bibi e Miranda, a música “Olímpia, Cidade-moça”, em homenagem à nossa cidade.

Estamos vivendo um momento de grande tristeza, o espírito guerreiro de Tinoco estará renascendo em cada um de nós. Quando morre uma pessoa querida, morre um pouco da gente também e a maior homenagem que poderemos lhe conceder é a continuidade de dedicação às boas causas em defesa da ética, da seriedade, da cultura popular e do carinho que sempre dedicou ao próximo e do amor pela nossa terra, princípios pelos quais lutou a vida toda.

O saudoso Tinoco formou com o irmão Tonico uma das mais marcantes duplas sertanejas do País e através deles, foi difundido com emoção o folclore do interior de São Paulo, disseminando toda a tradição interiorana, com os sonhos e dores do denominado “caipira”: ‘um intuitivo, um sabedor das manhas da terra e dos homens. Daí porque as homenagens nas modas de viola’, e desta forma, rompendo as barreiras e influenciando todo um segmento musical, que nos dias atuais tem representantes por toda Nação.

O cantor sertanejo, saudoso TINOCO, sempre viveu intensamente as tradições do interior, traduzindo em suas músicas os costumes e a paixão “caipira” e aos 91 anos, brilhantemente ainda trabalhava, inclusive, no último dia 02 de maio ele gravou o programa “Viola minha Viola”, na TV Cultura apresentado por Inezita Barroso.

Com a perda irreparável do saudoso TINOCO fica uma grande lacuna em nossa comunidade, onde seu falecimento nos entristeceu sensivelmente, a nossa população reconhece a grande ausência. Irmanados então na dor da irreparável falta, como homenagem póstuma a um dos mais lembrados cidadão e artista, que promoveu o nome de Olímpia, entendemos ser lícito e louvável que esta Câmara Municipal de Olímpia inscreva em seus anais a história de um homem de bem, por isso que a cidade inteira coberta de saudade do ilustre cantor lamenta e chora a grande perda, mas, consola-se com o exemplo deixado por TINOCO em sua dignificante passagem cristã por esta terra.

O saudoso cantor de fala caipira, pura e sorriso fácil deixa marcas permanentes de sua força, exemplo cívico e dignidade em todos que o conheceram. A saudade que fica é lembrança de um grande homem no coração de todos.

Assim, gostaria de lembrar a homenagem feita à nossa cidade por este grande homem e artista, autor juntamente com Bibi e Miranda, da música “Olímpia, Cidade-Moça”, cuja ação se perpetuará em nossa história:



Olímpia, cidade moça,
Cidade do seresteiro,
Mostrando a brasilidade
Do folclore brasileiro.

Oi, bumba meu boi-bumbá
Do tempo do cativeiro.
Vem a folia de Reis,
Maranhão e Juazeiro.
São Gonçalo de Sergipe,
Xaxado de cangaceiro
Olímpia, menina-moça,
É o folclore brasileiro!

Reisado de Maceió,
Moçambique de Goiás,
O frevo de Pernambuco,
O lundu que não tem mais,
Congada do Espírito Santo,
Catira de Minas Gerais
Olímpia, nosso folclore
Cada ano cresce mais!

Carioca: escola de samba;
Paulista: o cateretê;
O Nordeste: o desafio;
Brasília: samba-lelê;
Caribó do Amazonas,
Da Bahia o candomblé
É o folclore brasileiro
Em Olímpia que se vê!

Conjunto dos pinheirais,
Paraná: O rei da pinha;
A valsa catarinense,
O bailado das loirinhas;
O costume riograndense:
O chote das gauchinhas
A cidade de Olímpia
Do folclore é a rainha!

Vem a dança do Divino,
Samba-jongo do Pará,
Rodeio de Mato Grosso,
A seresta de Natal,
Da Paraíba e Sergipe,
O coco do Ceará
É Olímpia do folclore,
É o Brasil tradicional!

Apresentamos à
família enlutada o profundo
pesar desta Casa de Leis, o
reconhecimento do Legislativo
olimpiense pelo amor,
dedicação e homenagem à
nossa cidade, empreendidos
pelo inesquecível TINOCO,
contribuindo inestimavelmente
para a valorização cultural
de nossa terra, projetando
sobremaneira o nome de
Olímpia no cenário da cultura
conforto, nossas condolências e abraço fraterno de solidariedade.



Rogamos ao Criador que derrame as suas bênçãos a todos os seus familiares e amigos que aqui ficaram para aceitar tão dolorosa perda e que o Pai Celestial em sua sublime bondade, misericordiosa justiça e infinita sabedoria receba o saudoso Senhor JOSÉ SALVADOR PEREZ, querido e inesquecível TINOCO, para o descanso eterno.

Eng. Luiz Antônio M. Salata
Vereador



GRUPOS HOMENAGEIAM O GODAP PELOS 45 ANOS DE SUCESSO



Cristiane Gracindo



Cristiane Gracindo

Cristiane Gracindo



Cristiane Gracindo



Cristiane Gracindo



Em meio às inúmeras felicitações e referências altamente elogiosas ao Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” - GODAP, em virtude das celebrações de seus 45 anos - Jubileu de Prata Dourada, ressaltou-se uma acolhedora comemoração, durante o 48º Festival do Folclore, realizada no Clube Dr. Antonio Augusto Reis Neves - Thermas dos Laranjais, no dia 26 de julho de 2012, ocasião em que o Grupo Parafolclórico “Fogança”, de Maringá/PR, e o Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra”, de Osório/RS, apresentaram um belíssimo espetáculo em homenagem ao GODAP e à Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli (Cidinha Manzolli), criadora do grupo e Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia. Mais uma vez, reafirmamos nossas congratulações à Prof.^a Cidinha Manzolli e ao GODAP, pelo sucesso e pela colaboração na preservação de nossas tradições, bem como nossos votos de saúde, paz e prosperidade a essa altaneira e empreendedora olimpiense, e a esse grupo espetacular criado e dirigido por ela, que em diversas oportunidades enalteceu o nome de Olímpia em vários eventos no Brasil e no exterior.

"TERRA DA LUZ" DE VOLTA AO FEFOL



O Grupo Parafolclórico "Terra da Luz", de Fortaleza/CE, voltou à nossa festa maior, na 48ª edição do Festival do Folclore.

O grupo, no 47º FEFOL, havia feito uma participação especial, com alguns de seus integrantes, juntamente com o Maracatu "Az de Ouro", também de Fortaleza/CE, para homenagear o Prof. Francisco Silva de Freitas, criador do grupo, que faleceu em 30 de novembro de 2010.

No 48º FEFOL, o grupo veio completo, com figurino renovado e com revigorado entusiasmo para dar continuidade ao trabalho do Prof. Freitas, que participou de vários festivais, na década de 70, com o grupo de danças do SESI, de Fortaleza, e a partir do início da década de 80, com o Grupo Parafolclórico "Terra da Luz", por ele então criado.

Amizade de longa data o ligava ao Prof. Sant'anna, que em diversas ocasiões, no Anuário do Festival do Folclore, salientou o dinamismo e o vigor do grupo de Freitas, especialmente o fato de que não descuravam do conteúdo folclórico das manifestações que apresentavam, mesmo se tratando de um grupo de projeção folclórica.

Em 2001, o grupo, muito querido dos olímpenses, foi motivo do cartaz, do programa-convite, e do Anuário do Festival do Folclore, quando de sua 37ª edição.

Atualmente, a Coordenadora Geral do "Terra da Luz" é a professora e folclorista Flaudenia Mendonça, que muito conviveu com o Prof. Freitas, tendo também participado de vários festivais, a qual conta "com a indispensável colaboração de Ângela Lucia, viúva do Prof. Freitas, e de Delaneu Batista, um forte colaborador administrativo, mencionando ainda "os fiéis aprendizes e seguidores de muitos anos do Prof. Freitas e também muito conhecidos de Olímpia: nosso queridíssimo Zacarias, autor da música oficial do 'Terra da Luz' no FEFOL, Luizão (eterno Lampião), Vanusa (nossa eterna Mulher Rendeira), Enoc (músico, ex-dançarino, um dos primeiros alunos do Prof. na época do SESI), Benício Júnior (ex-dançarino e hoje músico), Carlão (dançarino), Fábio Genuca (dançarino e orientador coreográfica), Israel Ribeiro (músico e orientador musical), Cicero Augusto (ex-dançarino, responsável pela cenografia e logística), sem esquecer os demais componentes do 'Terra da Luz', tanto os neófitos quanto os veteranos do grupo, todos compromissados em dar continuidade ao legado do grande mestre Freitas".



Flaudenia ressalta ainda seus veementes agradecimentos ao Governador do Ceará, Cid Ferreira Gomes, ao Secretário Estadual, Dr. Quintino Vieira, ao Ministro, José Leônidas Cristino, da Secretaria de Portos do Governo Federal e ao Dr. Arialdo Pinho, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado do Ceará, pelo inestimável apoio por eles prestado para viabilizar a participação do grupo no 48º Festival do Folclore de Olímpia, e ao Prefeito de Sobral/CE, José Clodoveu de Arruda Coelho Neto, pelo apoio cultural.



OS 40 ANOS DO MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE "MARIA OLÍMPIA"



Um dos grandes símbolos da nossa cidade, O Museu de História e "Folclore Maria Olímpia", que ora celebra seus 40 anos - Jubileu de Esmeralda, teve o mesmo nascedouro do próprio Festival do Folclore: os trabalhos escolares desenvolvidos pelo Prof. José Sant'anna ao iniciar sua carreira magisterial na Capital do Folclore, dos quais, entre outra coisas, resultaram exposições de peças folclóricas, que se realizavam, inicialmente, no âmbito do hoje extinto Colégio Olímpia.

No início dos anos 60, o Museu era "itinerante", visto que aquelas exposições passaram a se realizar também em outras unidades escolares e estabelecimentos comerciais olimpienses, e, a partir de 1965, na nossa festa maior.



Embora provenientes da mesma fonte, o Museu passou a existir de fato somente em agosto de 1973 (oito anos após o 1º Festival, "por uma simples questão de oportunidade", segundo Sant'anna), ocasião em que o então prefeito Dr. Alfonso Lopes Ferraz providenciou-lhe casa própria, cedendo às instâncias do criador do Festival do Folclore.

A existência oficial de Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", assim denominado, deu-se mediante a Lei nº 1.274, de 18/04/1977, e do Projeto de Lei nº 1.625/78, do vereador

José Sant'anna, posteriormente convertido na Lei nº 1.358, de 5 de julho de 1978. Por meio dos Decretos nº 1.114, nº 1.115 e nº 1.116, respectivamente, o então Prefeito Álvaro Marreta Cassiano Ayusso nomeou o Prof. José Sant'anna para o cargo de Diretor-Técnico do Museu; o Prof. Rothschild Mathias Netto, para o de Chefe da Secção de História; e novamente Sant'anna, para o de Chefe da Secção de Folclore.





O Museu se instalou primeiramente no prédio onde antes havia funcionado a Delegacia de Ensino, na antiga avenida XV de novembro (hoje Av. Waldemar Lopes Ferraz), nº 1.224, transferindo-se, algum tempo depois, em caráter provisório, para a Rua Floriano Peixoto, nº 1.228, em que hoje funciona a agência local do INSS, até chegar ao Edifício Giosué Tonanni, na Rua David de Oliveira, nº 420, endereço atual do Museu.

É oportuno ressaltar que, durante o aludido interregno, o Prof. Victório Sgorlon e sua esposa, Lourice Arutin Sgorlon, ofereceram seus inestimáveis préstimos no sentido de preservar o acervo até então coligido por Sant'anna.

Entrementes, ainda durante aquele “caráter provisório”, quando da aquisição do já mencionado edifício pela Municipalidade, o prédio se encontrava em condições muito precárias, depredado, abandonado por décadas, quase em ruínas, servindo de perigoso abrigo para errantes e famílias sem-teto. “Balança-mas-não-cai” era como a ele se referiam os olimpienses, que também o consideravam mal-assombrado. Contudo, para o objetivo visado procedeu-se a uma esmerada reforma, célere, minuciosa, que o deixou em perfeitas condições de uso.



É anedótico, outrossim, lembrar que, nos primeiros anos, toda sorte de velharias imprestáveis era “doada” ao Museu, até que se espalharam pela cidade alguns “esclarecimentos” do Prof. Sant'anna sobre quais seriam as peças apropriadas para exposição.





Neste ano, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” comemora no dia 13 de agosto, logo depois do 49º FEFOL, seus 40 anos de muito sucesso, sendo considerado um dos mais completos do Brasil, cujo riquíssimo acervo ultrapassa três mil peças, dentre indumentárias diversas (vestuários de Folias de Reis, Congadas, Reisados, Moçambique, etc.); flores de diversificado material, peças de barro, bambu, madeira, couro, ágata,

tolhas com abrolhos, trabalhos em palha, crochê, pinturas pitorescas; instrumentos musicais, peças do tradicionalismo (pilão, esporas, luminárias, serras, etc.); biblioteca especializada e muito mais.

A mais antiga e valiosa das peças fica na parte exterior do Museu. Trata-se de uma locomotiva (“maria-fumaça”), que, de 1940 a 1950, aproximadamente, fez o elo entre Olímpia e o resto do Brasil, promovendo o desenvolvimento econômico da região.



O Museu atualmente funciona de segunda à sexta-feira, das 8 às 17 horas, e, aos domingos e feriados, das 13 às 17 horas.

Diversas atividades, entretanto, são realizadas no Museu no decorrer do ano, inclusive no período noturno, a exemplo de encontros de grupos folclóricos, festas juninas, comemorações cívicas, entre outras.

Em 2009, houve a revitalização da parte externa do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, e seu acervo se enriquece a olhos vistos, fazendo com que continue a ser um dos cartões postais de Olímpia.



ENTREVISTA COM O PROF. VICTÓRIO SGORLON¹

Estevão Amaro dos Reis
Universidade Estadual de Campinas – estevaoreis@yahoo.com.br



O professor Victório Sgorlon, morador da cidade de Olímpia, nasceu em 1923 e faleceu em dezembro de 2011. Professor de canto orfeônico no antigo Ginásio Olímpia, (FEFOL), acompanhou de perto a organização do Festival do Folclore de Olímpia desde a sua concepção até o momento em que permaneceu na Praça da Matriz, no ano de 1982. Para esta entrevista o professor Victório Sgorlon nos recebeu em sua casa e, de forma alegre, com uma memória privilegiada do alto dos seus oitenta e oito anos de idade, contou-nos da sua trajetória no Festival de Olímpia, desde a sua origem no ambiente escolar, até o momento em que se transforma no maior evento do gênero no país.

Entrevistador (E). Professor Victório, como aconteceu o encontro entre o senhor e o professor Sant’anna?²

Professor Victório Sgorlon (VS.) Esse encontro se deu na admissão, no ginásio. Eu era professor e ele era aluno. Ele se interessou pelo folclore nas minhas aulas de música, de canto orfeônico. E dali ele gostou do assunto, e ele tinha um campo imenso para explorar porque na cidade ninguém falava nisso, então estava esquecido o folclore no estado de São Paulo.

E. Esse período corresponde à década de 1950?

Eu comencei lecionar em 1948, eu acredito que o professor Sant’anna tenha entrado na escola, feito a matrícula ali pelos 49. Porque eu me casei em 1950 e ele já era aluno.

E. O senhor disse que na época o folclore era um assunto esquecido no estado de São Paulo, diante disso, como teve início o movimento do folclore em Olímpia?

VS. Teve início no ginásio, no Ginásio Olímpia – hoje extinto – através das aulas de canto orfeônico que eu dava. Mais tarde, nós professores e os nossos alunos passamos para o estado, quando foi criado o ginásio do estado, que era de graça.³ E assim fecharam o nosso colégio por falta de aluno, mas deu tempo assim mesmo de fazer a primeira exposição de artesanato, dentro do colégio. Mas a coisa se incrementou de tal maneira que o colégio não tinha uma sala à altura para fazer o que precisava. Então fizemos uma grande exposição nas vitrines da cidade, era uma equipe muito grande de alunos e professores que cooperava. E ali surgiu então, o grande movimento do folclore.

E. Então tudo começou na escola?

VS. Começou no ginásio. Depois através de Laura Dela Mônica, que era a folclorista maior lá em São Paulo e o professor Rossini Tavares de Lima que era o fundador de um museu lá em São Paulo. Então nós entramos em contato com ele e ele nos orientou. E a dona Laura veio a Olímpia a nosso convite e deu umas aulas de folclore lá no Capitão Narciso⁴, na escola onde trabalhávamos naquela época. A partir dali começou a incentivar ainda mais o assunto e os alunos passaram a gostar e cooperaram bastante para o evento. Os alunos começaram a pesquisar material para a exposição e começaram a trazer esses bules antigos, panelas quebradas, de ferro e... tanta coisa, tudo estragado

1 Entrevista concedida ao autor em 13 de janeiro de 2011, por ocasião de sua pesquisa de Mestrado desenvolvida junto ao Instituto de Artes da Unicamp, intitulada: O Festival de Folclore de Olímpia, São Paulo: *Uma festa Imodesta*.

2 José Sant’anna ou professor Sant’anna como ficou conhecido, nasceu no distrito de Ribeiro dos Santos em oito de julho de 1937 e faleceu em oito de janeiro de 1999. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, professor de português, pesquisador e folclorista, criou o Departamento de Folclore de Olímpia e tornou-se membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore. Sua personalidade e seu modo de ser identificavam-se de tal maneira com os integrantes dos grupos folclóricos presentes no FEFOL que a sua figura tornou-se lendária para estes grupos, transformando-se em uma espécie de “mito”.

3 Refere-se ao momento em que é instaurado no país o regime de educação pública e o Ginásio Olímpia, um estabelecimento privado de ensino, é obrigado a fechar suas portas pelo fato de não poder competir com o ensino gratuito oferecido pelo novo modelo. Seus funcionários e professores foram incorporados ao serviço público do Estado e passaram a trabalhar nas novas escolas públicas recém-criadas.

4 Escola Estadual Capitão Narciso Bertolino (CENE), para onde foram transferidos os professores do antigo Ginásio Olímpia.



e coisa que haviam jogado no quintal fora, [risos], eles levavam para ser folclore. Então eles fizeram uma mistura tremenda! Nós fizemos uma separação do material adquirido e fizemos uma exposição nesse colégio do Doutor Neves, na sala nobre do colégio. Foi muito bonita e muito concorrida, porque nós pegamos uma época de desfile da cidade, era o 7 de setembro. Aproveitamos o feriado para fazer alguma coisa.

E. Os próprios alunos recolhiam as peças de artesanato para a exposição?

VS. Tem que ter o material para fazer a exposição, então isso era trabalhado bem antes. Quando chegava o tempo da exposição, cada professor arrecadava a sua parte, que era pedido para os alunos. E depois a gente reunia tudo aquilo, o Sant'anna e eu, que sempre estávamos à frente, junto com o professor Fernando Luiz, o professor Marangoni e muitos outros professores. O professor Fernando Luiz, o professor de desenho do Capitão Narciso, ele tinha facilidade de decoração, de desenho, então ele decorou as paredes da Taba do Carajá com motivos folclóricos sabe, pintura! Ele retratou o jangadeiro do norte, a sereia, e outros assuntos que estão encaixados dentro do folclore e estão na história do Brasil.

E. Com a vinda do professor Rossini Tavares de Lima e da professora Laura Della Mônica, as exposições continuaram? Qual o papel do professor Sant'anna neste momento?

VS. Nós começamos a fazer a exposição fora do colégio, com trabalhos para os alunos. Ele tomou gosto por isso! Então nós fizemos uma grande exposição nas vitrines da cidade! Depois que passamos para o estado então a coisa melhorou, porque o estado tem mais possibilidade de ajudar a gente. O nosso diretor aqui da outra escola cooperava com a gente, mas não era suficiente o que ele fazia. Mas enfim, o Doutor Neves também foi uma grande figura nessa parte, porque tudo começou na escola dele. E a coisa melhorou, o material se avolumou e o Sant'anna levou o material todo para uma casa que estava vazia e havia sido loja, nós ocupamos toda a parte de baixo. E fizemos a maior exposição e junto com essa exposição fizemos o maior desfile que Olímpia viu, de alunos.

E. O professor Rossini e a professora Della Mônica continuaram a vir para Olímpia, eles acompanhavam de perto a organização desse material?

Vinham, convidados pelo grupo daqui. A gente dava pousada, dava comida e eles vinham e davam a aula deles lá no Capitão Narciso. A orientação que eles davam para todos os alunos, depois os professores também assistiam e ali formavam um grupo de conhecimento, grande, e se transmitia para os alunos, que já tinham ouvido aquilo e queriam ouvir outra vez, e sabiam o que era, porque tem uma vasta literatura sobre isso. Tudo também orientado pela Laura Della Mônica. Enquanto isso o Sant'anna também trabalhava em São Paulo com a Laura Della Mônica e o Rossini, que tinham muito conhecimento. Eu também estive em reunião como Rossini Tavares lá em São Paulo, fizemos cursos em São Paulo com o Rossini Tavares.

E. E a Praça da Matriz, o senhor pode falar um pouco da época em que o FEFOL era realizado na Praça da Matriz?

VS. Nesta data [1965] surgiu o primeiro festival grande, de vários dias de festa na Praça da Matriz. Nós fizemos o desfile de alunos, mostrando para a cidade e região a beleza dos objetos antigos, com vinte e tantos carros alegóricos... não foi fácil! Cada classe se incumbiu de fazer um carro. Os automóveis volks tiravam o capô da frente⁵ e desfilavam levando moças, representando cada estado da federação. Foi muito, muito bonito! Muito edificante sabe, e muito instrutivo aquele desfile. Nós mostrávamos a parte do folclore com carros alegóricos, cada carro era um motivo de folclore. E as moças nos carros representavam, com seus trajes típicos, cada região do nosso estado. Então as famílias da cidade toda se prontificaram a ajudar com as vestimentas das alunas, para desfilarem sobre esses carros volks. Elas seguravam a bandeira do estado que elas representavam, tendo a frente à bandeira do nosso folclore, que nós criamos aqui também. Mas a praça se tornou pequena, porque tudo se avolumou, tudo cresceu, a exposição voltou para a escola do Doutor Neves, porque estavam vazias as salas e estava perto da Praça. Então ali o pessoal tinha a exposição e tinha a Praça toda enfeitada para o evento e... Olímpia vibrou nesses anos, com o Festival na Praça.

E. Já havia grupos folclóricos nesses primeiros desfiles? Os grupos já eram tantos

5 Por serem fuscas os modelos de carro utilizado estes desfiles ficaram conhecidos como "os desfiles dos capôs de fusca". Os capôs eram retirados e os carros transformavam-se em um palco móvel para apresentação das peças de artesanato e peças folclóricas.



no início do Festival?

VS. Já havia grupos convidados por nós. Folias de Reis... Nós importávamos grupos de outros estados, como o Bumba-meu-boi, tinha várias danças do norte, várias danças, mas começamos da estaca zero, os professores e os alunos. Primeiro os professores da escola, passamos a incentivar entre os professores e todos começaram a trabalhar para a mesma finalidade. Começou pequeno, nada começa grande.

E. Como eram as apresentações dos grupos folclóricos na época da Praça da Matriz?

VS. O Sant'anna, no começo, ele aproveitou o Colégio. Ali os grupos se vestiam, ensaiavam e já subiam tocando até a Praça que é um pulinho, e subiam no palco e ali davam a apresentação. Ficavam por ali, ali no canto da praça. Já iam vestidos, preparados e quando chegava a vez deles, o Sant'anna e o grupo que o ajudava, levava o grupo para o palco. E tocavam fora do palco também. Era a noite inteira, porque tinha comes e bebes, tinha de tudo, tinha de tudo que você imaginava pra comer! As barraquinhas... Já tinha o Parque de Diversões ali ao lado da Matriz, a roda gigante não cabia lá, passava rente com a parede da Igreja. [risos].

E. E os grupos folclóricos já ficavam hospedados nas escolas?

VS. Esses grupos que vinham de fora tinham o apoio do prefeito da cidade deles, que davam condução e pagavam o dia deles de trabalho. E eles se ausentavam, vinham pra cá, pro Festival. E aqui a prefeitura agasalhava esses grupos... Em salas de aula, quando não ocupadas, porque o folclore não estava ainda autorizado pela Secretaria da Educação para funcionar dentro de escola e com a ausência dos alunos. Não podia. As aulas continuavam e nós trabalhávamos com folclore dentro das nossas classes. Então todos trabalhavam dentro da sala.

E. E como se deu a transição do FEFOL, da Praça da Matriz para o Recinto do Folclore?

VS. Olímpia vibrou nesse tempo na Praça, mas a Praça era... Foi motivo de destruição da Praça, porque o povo não respeitava mais canteiro, não respeitava mais planta, nada! Então era preciso tirar da Praça, e como fazer? Não tinha um lugar adequado para fazer o Festival. Então o Sant'anna conseguiu através do diretor da escola – o Doutor Altino Robazi – na fazenda dele, um terreno que tinha uma cova, onde está hoje o Recinto. O Sant'anna que liderou, o Recinto é obra dele. Então aproveitou aquilo. Fizeram barracões muito bem feitos, de ferro, zinco, e faziam exposições ali dentro. E aí a coisa cresceu que não tem mais jeito agora! [risos].

E. O senhor acha que a mudança para o Recinto do Folclore foi benéfica para o Festival?

VS. Quando mudou para o Recinto já estava superada a Praça. Foi para o Recinto, ainda não estava pronto e foi aquele sucesso.⁶ Porque as próprias famílias que habitavam em volta ali já não aguentavam mais. Foi preciso criar o Recinto senão teria morrido o folclore, por que nós não tínhamos recinto adequado aqui dentro da cidade. Então foi preciso criar o Recinto e fazer a festa lá e deixar a cidade em paz. No Recinto, ali tem comes e bebes, tem de tudo, tem um anfiteatro, tem o palco grande, tem tudo grande, tem a pracinha embaixo, de forma que a coisa ficou mais bonita, né? Mais bonita e chamante. O Recinto se tornou uma parte da história do folclore [na cidade]. Teve muita gente que criticou a retirada do festival do centro da cidade. Porque o Recinto ficou longe, então só com condução pra ir lá. Naquela época não tinha casa nenhuma lá, ficava perdido lá no meio de um pasto [risos]. E se lembrava dos festivais do centro, que era mais bonito, que tinha mais luz, tinha mais beleza, tinha mais entusiasmo, tinha um palco também e a escadaria da matriz servia de arquibancada [risos], e o padre ficava atrapalhado com os horários de missa [risos]. Então acabou também, foi uma das causas que não podia ficar mesmo ali. Não podia.

E. O Museu de História e Folclore Maria Olímpia foi originado a partir destas exposições organizadas na escola?

VS. Você precisa fazer uma seleção, não é só montar uma exposição. Vi quando estava montada a exposição de folclore lá em São Paulo, imitamos aqui na praça. Transportamos todo o material que estava guardado lá no Colégio Olímpia, porque não

⁶ Antes da sua total transferência para o Recinto do Folclore, três edições do FEFOL (1983, 1984 e 1985) foram realizadas no Centro de Esportes e Recreação Olynto Zambom, conhecido pela população como Ginásio de Esportes.



funcionava mais, as salas estavam vazias e o cupim comeu quase tudo. Então fizemos uma limpeza lá embaixo e pedimos ao prefeito – era interventor na época da ditadura – que cedesse um prédio que estava vazio aqui na avenida XV, que hoje é Doutor Waldemar Lopes Ferraz. Montamos um museu ali na avenida. Mas nem tudo é folclore! Uma panela velha porque é velha, porque é quebrada é folclore? Não é. Ela é histórica! Tem muita diferença! É folclore quando é um artesanato! Grave bem isso: é folclore quando é... quando não é feito em série! É feito uma peça, duas peças, mas uma se assemelha a outra ou é quase igual ou é igual, mas é tudo feito a mão. Então essa peça, é folclórica. Mas a panela, o bule, e todo o material que é em série, não é folclore, é história. Mas tem muitos que fazem confusão. Depois levaram tudo para o Palacete Tonani.

E. Professor Victório, como era economicamente a cidade de Olímpia nessa época?

VS. Olímpia é isso que você vê. Você é daqui, você nasceu aqui? Então, você conheceu há quantos anos a cidade? Você acha que ela melhorou ou piorou? Agora eu que pergunto pra você! [risos]. Ela melhorou, melhorou não só pelo Festival do Folclore, ela melhorou agora com o Thermas, a água quente que foi descoberta aqui.

E. Quando o senhor fala do envolvimento das pessoas da cidade na organização dessas primeiras exposições que deram origem ao FEFOL, fica a impressão de que culturalmente, as pessoas eram mais envolvidas com o Festival, se identificavam mais, seria isso mesmo?

VS. Então... Através destes primeiros festivais e os contatos primeiros que fizemos com nossos alunos – que eram muitos alunos, a escola tinha dois mil e tantos alunos ou mais – a coisa se espalhou, se espalhou não só aqui como pegou Barretos, pegou toda essa região e todo mundo ficou sabendo o que era folclore, que ninguém sabia. Então a cidade passou a ter um... Um querer diferente. E assim houve mais interesse das famílias, porque as famílias passaram a se interessar e a conhecer o que é folclore. Mesmo as professoras que já estavam formadas, já nas escolas, que lecionavam nas fazendas, elas traziam objetos de lá pra cá.

E. O senhor acha que se o FEFOL tivesse se originado nos dias de hoje, seria possível conseguir a mesma mobilização da população?

VS. Você tem que despertar o interesse do aluno. Porque no começo ele acha que... Imagina, eu vou pegar uma panela velha e levar lá? A minha mãe tem lá um treco lá que faz linha, que faz novelo, pra que serve isso, não serve pra nada! Então no começo, os antigos iam lá ver a exposição e saiam comentando: é uma velharia. E de fato é, de fato é! Então, não entendiam ainda o significado daquilo. Mas passaram a falar, ter contato com outras pessoas que sabiam e obtiveram as respostas das perguntas que fizeram. É como agora, tem aquela estátua gigante⁷ lá na Praça. Um casal de velhos passou lá e a mulher falou: olha que coisa estranha! Ele falou: você não tá vendo que é um casal de pelados?! Não é. É o símbolo do imigrante! São os pais, você pode olhar, são três figuras. Os pais indicando o caminho para os filhos. Para o filho que tá na frente. Mas a pessoa ainda não entende a arte moderna. E você tem que mostrar tudo isso antes de lançar mão de alguma coisa para mostrar ao público, você tem que mostrar ao público a verdade, a beleza da coisa, para que ele se interesse, e no próximo festival a coisa se agigante. Se não você não consegue nada. Você tem que incentivar o aluno. São aulas especiais que você dá ao aluno e o aluno passa a se interessar e a gostar da coisa.

E. O senhor participou da elaboração dos Anuários do FEFOL?

Eu trabalhei o setor de medicina rústica, medicina rural, quer dizer, benzeções e crendices. Eu escrevi também sobre a Folia de Reis, sobre a celebração da Semana Santa e outros trabalhos, como a pesquisa de uma benzedeira. Eu fiz o levantamento sobre a maior benzedeira da cidade, Maria Marcolina.

E. O Senhor acha que o professor Victório Sgorlon e o professor José Sant'anna deixaram discípulos na cidade?

O Sant'anna que fez esses discípulos. Através dos festivais, ele deixou aqueles grupos mais atuantes e convidou para continuar, né? Porque a morte do Sant'anna foi repentina, não deu tempo de preparar nada.

E. O senhor acha que o título de Capital do Folclore ainda hoje é um título merecido para a cidade de Olímpia?

VS. Eu acho, porque o folclore não morreu aqui não, ainda continua!

7 Refere-se a uma obra de arte encomendada por ocasião do centenário de Olímpia, atualmente esta escultura está instalada e pode ser vista no Recinto do Folclore.



COMISSÃO EXECUTIVA DO 49º FEFOL

DECRETO N.º 5.451, DE 28 DE MAIO DE 2013

Constitui a Comissão Executiva do 49.º Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" (20 a 28 de julho de 2013).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

DECRETA:

Art. 1.º Fica constituída a Comissão Executiva do 49.º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 20 a 28 de julho do de 2013, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Paulo Duarte Ferreira
Vice-presidente: Sonia Aparecida Najem Gallette
1.º Secretário: Dalva Marques Ferreira
2.º Secretário: Zuleica Carneiro Zangirolami
1.º Tesoureiro: Rosi Aparecida Esteves More da Silva
2.º Tesoureiro: Antonio Alves da Silva Filho

Subcomissão Financeira:
Angelina Gaetano de Alencar
Antonio Alves da Silva Filho
Fabio Eugenio Calvo Vidal
João Carlos Amaro de Souza
José Procópio Ribeiro
Paulo Cesar Pedroso
Paulo Duarte Ferreira
Paulo Roberto Marcondes
Rosi Aparecida Esteves da Silva

Subcomissão de Hospedagem e Alimentação:

Alessandro Montanhani
Antonio Clemêncio da Silva
Aparecida Zamperlini Zuliani
Eliana Antonia Bertoncello Monteiro
Eudirce Benatti
Fátima Bernardes
Luiz Fernando Cintra
Luiza Alves Tosta
Nelciley Alves Tosta
Paulo Duarte Ferreira
Paulo Roberto Marcondes

Subcomissão de Decoração:

Leda Maria de Lima Ribeiro
Milene Gonçalves
Reoniquevones Brunhara Puttini

Subcomissão de Seleção de Interessados para Autorização de Uso do bem público em referência:

André Luiz Nakamura
Cássia Cristina Recco
Fábio Eugenio Calvo Vidal
Flavio Augusto da Silva Santos
Gustavo Zanette
Paulo Roberto Marcondes

Subcomissão de Organização Cultural:

Caio Augusto dos Santos Longhi
Edward Marques da Silva
Eliana Antonio Duarte Bertoncello Monteiro
Luciana Vitorasso
Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Maria Aparecida Pereira
Maria Magali Lopes de Oliveira
Marina Pasini Salemi
Maristela Aparecida Araujo Bijotti Meniti
Tiago Pessoa Lourenço

Subcomissão de Desfiles:

André Luiz Nakamura
Clarismundo Sant'Anna
Dalva Marques Ferreira
Gilson Carlos Miranda
João Carlos Amaro de Souza
Neusa Aparecida Pereira dos Santos
Roberto Arruda

Subcomissão de Apoio:

Alaor Tosto do Amaral
Alberto Cesar de Caires
Aline Aparecida Caputi
Amaury Hernandes
Ana Claudia Casseb Finato Zuliani
Caio Augusto dos Santos Longhi

Cassia Rita Zuliani Serrano
Cleber José Cizoto
Dirceu Bertoco
Edilson Cesar De Nadai
Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro
Fernando Barbosa Velho
Gustavo Zanette
João Paulo Polisello
Luiz Gustavo Pimenta
Murilo Lucas Garcez Novais
Marcelo Soares Paschoal
Marco Antonio Loureiro Barboza
Marco Aurelio Pereira Storto
Maridalva Bassi Bitencourt
Paulo Roberto Marcondes
Rene Alexandre Galetti
Silvia Elisabeth Forti Storti
Walter José Trindade

Subcomissão de Manutenção e Limpeza da Praça de Atividades Folclóricas:

Adilson Ribeiro Guimarães
Aloizio Aparecido Louzada
Arvani Peixoto
Cassio Roberto Vieira dos Santos
Claudio Henrique Sablewski
João Norberto Gianotto
Luciane Maia Caputo
Marcelo Renato Silva
Murilo Lucas Garcez Novais
Rene Alexandre Galetti

Subcomissão de Recepção:

André Luiz Nakamura
Arvani Peixoto
Gustavo Zanette
Luiz Fernando Cintra
Maria Aparecida de Araujo Manzolli
Neucilei Alves Tosta

Subcomissão do Estacionamento:

Antonio Alves da Silva Filho
João Carlos Amaro de Souza
Paulo Roberto Marcondes

Subcomissão de Barracas:

Arvani Peixoto
Cássia Cristina Recco
Fabio Eugenio Calvo Vidal
Flavio Augusto da Silva Santos
Murilo Lucas Garcez Novaes
Paulo Cesar Pedroso
Paulo Roberto Marcondes
Sidnei Carlos Schalc

Art. 2.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Registre e publique.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 26 de junho de 2013.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI
Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da
Prefeitura Municipal de Olímpia, em 26 de junho de 2013.

CLÉBER LUIS BRAGA
Supervisor de Expediente



Realização:



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Organização:



Elaboração do Projeto Cultural:



Apoio:



Patrocínio:



Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Programa de Ação Cultural 2013